

VERUSKA MARIA PONTES SENA

A MODALIZAÇÃO NO ELOGIO E NA CRÍTICA:
um estudo de cartas de leitores da revista *Veja*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. João Gomes da Silva Neto

NATAL/RN
2003

]

Divisão de Serviços Técnicos

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Sena, Veruska Maria Pontes

A modalização no elogio e na crítica: um estudo de cartas de leitores da Revista Veja / Veruska Maria Pontes Sena – Natal, RN, 2003.

92 p.

Orientador: João Gomes da Silva Neto.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

1. Análise do discurso – Tese. 2. Modalizações discursivas – Tese. 3. Linguística – Tese. 4. Análise de gênero textual – Tese. I. Silva Neto, João Gomes da. II. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 81'322.5 (043.2)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
LINGUAGEM**

A dissertação *A MODALIZAÇÃO NO ELOGIO E NA CRÍTICA*: um estudo de cartas de leitores de revista *Veja*, apresentada por Veruska Maria Pontes Sena, foi aprovada e aceita como requisito para obtenção do grau em Mestre em Letras.

Banca examinadora:

Prof. Dr. João Gomes da Silva Neto
(Orientador)

Profa. Dra. Kazue Saito Monteiro de Barros
(Examinadora Externa – UFPE)

Profa. Dra. Maria das Graças Soares Rodriguez
(Examinadora Externa – UERN)

Conceito: ____

Natal, ____, ____, 2003

RESUMO

Este estudo enfoca alguns pontos importantes relacionados à carta do editor, dentre eles, o propósito comunicativo e a modalização que estrutura esse tipo de texto. O propósito comunicativo desse tipo de carta é analisado a partir de uma concepção bakhtiniana de gêneros do discurso, como também da teoria sobre modalização elaborada por Vion (1992) e Querler (1996), e do nível de envolvimento segundo Chafe (1992). Com isso, analisamos 20 cartas ao editor da revista *Veja* publicadas no ano de 2001. Os textos foram segmentados por modalizações indicadoras dos propósitos comunicativos de cada carta. Com base na análise, é possível reconhecer os propósitos mais marcantes das cartas ao editor: o elogio e a crítica. E, ainda, perceber que modalizadores marcam os conteúdos temáticos. A pesquisa revelou que as cartas ao editor vinculam a noção de gênero à recorrência de especificidades e à observação de certas marcas sob as quais o texto é produzido, tendo em vista seu propósito comunicativo. As cartas de elogio transmitem satisfações, aceitações dos leitores/escritores às matérias, ao contrário das cartas de críticas, que revelam insatisfações e sugestões. O estudo nessa área tem o objetivo de contribuir para as pesquisas sobre os gêneros, tendo em vista a dinamicidade e variabilidade destes.

Palavras-chave: Gênero. Modalização. Envolvimento.

ABSTRACT

This study focuses on some important points related to the letter to the editor, among them, the communicative purpose and the modeling which structures this sort of text. The communicative purpose of these letters is analyzed from a Bakhtinian conception of the discourse genders, as well as the theory about modeling made by Vion and Queler analyzing the involvement level in accordance to Chafe. Based on this, twenty letters to the editor published in *Veja* magazine are hereby analyzed. The texts were divided by modelings, which indicate the communicative purpose of each letter. Within this analysis, it is possible to recognize the most remarkable purposes of the letters to the editor: the compliments and the critics. Moreover, it is realized that the most remarkable purposes are characterized by the thematic content. The research revealed that the letters to the editor link the gender conception to the readdressing of specificities and observation of certain marks under what the text is produced on a view of its own communicative purpose. The letters of compliment cause satisfaction, acceptance of the readers/writers' articles. On the other hand, the criticizing letters reveal non-satisfaction and suggestions. The study in this field contributes to researches about gender, in view of their dynamicity and variability

Key-words: Genders. Modeling. Involvement.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cartas de elogio	16
Quadro 2 – Cartas de crítica	16
Quadro 3 – Cartas de elogio	18
Quadro 4 – Propriedades das línguas falada e escrita	33
Quadro 5 – Perfil do <i>corpus</i> – CE.....	65
Quadro 6 – Perfil do <i>corpus</i> – CC	65

*À memória de meu pai, que, entre tantas lições,
ensinou-me o princípio da dignidade.*

AGRADECIMENTOS

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, pelo conhecimento teórico repassado, essencial para a minha formação acadêmica.

À Kazue Saito, pelas sucintas sugestões na fase inicial deste trabalho.

Às professoras Olga, especialmente, e Maria das Graças Soares, pelas importantes sugestões, por ocasião do exame de qualificação.

Ao professor João Gomes da Silva Neto, meu orientador, pela confiança em mim depositada e, sobretudo, pelo respeito às minhas limitações.

À Bete, que, além de exercer a função de secretária do mestrado, é amiga.

À professora Noêmia Iva, uma grande mestra, pelas sugestões de redação.

À tia Lúcia e Neuciane, pelas palavras de incentivo e força.

À tia Zita, minha segunda mãe, por estar sempre ao meu lado.

Aos meus familiares, especialmente aos meus irmãos Vanuza, Jeovan (*in memoriam*) e Joarivan.

Aos meus sobrinhos, Thaís, Thairane, Maiana, João Marcos e as pequenas encantadoras Maria Isabel, Maria Isabel e Ana Luiza.

Ao meu afilhado Lucas, minha admiração e meu amor.

À minha querida mãe, que, com a imensidão do seu amor e espiritualidade, enche minha vida de luz.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

A Deus, por tudo.

*Sempre há uma razão para se viver.
Podemos nos levar sobre nossa ignorância,
podemos nos descobrir como criaturas de perfeição,
inteligência e habilidade.
Podemos ser livres!
Podemos aprender a voar!*

Richard Bach

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1.2 JUSTIFICATIVA	13
1.3 OBJETIVOS	14
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	15
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	16
2.1 OS PARTICIPANTES.....	16
2.2 COLETA DE DADOS.....	17
2.3 A CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	18
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
3.1 A NOÇÃO DE GÊNERO	21
3.2 O GÊNERO NA ANÁLISE DO DISCURSO	25
3.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CARTAS PESSOAIS	31
3.4 O ENVOLVIMENTO.....	33
3.5 MODALIDADES DISCURSIVAS.....	37
4 ANÁLISE DOS DADOS	43
4.1 AS CARTAS	43
4.2 AS MODALIZAÇÕES	52
4.2.1 O Adjetivo.....	52
4.3 ELIPSE VERBAL	57
4.3.1 Advérbios.....	60
4.4 EXPRESSÕES ENFÁTICAS	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	69

INTRODUÇÃO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No presente trabalho, pretendemos apresentar um estudo sobre a carta ao editor, situando-a no âmbito das pesquisas linguísticas voltadas para os gêneros textuais. Em seu aspecto mais restrito, nosso estudo se concentra na análise de ocorrências das modalizações nesse tipo de carta, a partir da amostragem colhida na seção “Cartas” da revista *Veja*. Para efeito prático, detemo-nos em cartas cuja finalidade imediata estava voltada para a promoção de um esquema avaliativo, cujo efeito se traduz em forma de elogio ou crítica.

O estudo de gêneros textuais tem se tornado cada vez mais amplo e diversificado, tendo em vista que as nossas ações linguísticas são sempre orientadas por um conjunto de fatores que atuam no contexto situacional: quem produz o texto, quem é o interlocutor e qual a finalidade do texto. Esses estudos ampliam suas perspectivas, também, diante do fato de que a vida social exige que cada um de nós desenvolva habilidades comunicativas que tornem possível a interação participativa e crítica no mundo, de forma a interferir positivamente na dinâmica social. Essas habilidades são praticadas, por exemplo, quando fazemos uma solicitação formal, oral ou escrita, ao banco, ou ao síndico, para que revejam a taxa cobrada pelo atraso da prestação do apartamento ou do condomínio; ou quando elaboramos um anúncio qualquer, para publicar nos vários meios de comunicação hoje existentes, ou ainda, quando escrevemos uma carta à revista que lemos, para comentar determinado assunto ali publicado.

Em todas essas situações discursivas, há atividades que são representadas na linguagem (a busca de algo ou alguém, por exemplo), há papéis desempenhados por nós, por nossos interlocutores, que se estabelecem pela linguagem (quem solicita e quem (in)defer o pedido), assim como há, também, pressuposições compartilhadas por nós e por nossos interlocutores sobre como essas atividades e esses papéis serão explicitados pela linguagem (contextualizamos nossa reclamação, encerramos a carta, dando o nome e a cidade etc.)

Numa perspectiva genérica, poderíamos dizer que esses aspectos básicos – sobre o que se fala, e como se fala – são definidores do contexto, ao mesmo tempo que dependem desse mesmo contexto, em que uma determinada atividade humana se desenvolve mediada pela linguagem. A consciência desses aspectos nos possibilita ser mais ou menos articulados

no uso da linguagem, de modo a alcançarmos determinados objetivos e nos apropriarmos e expandirmos o repertório de gêneros discursivos disponíveis em nossa cultura.

Preocupada em elaborar uma descrição profunda da linguagem em seu uso, a Análise do Discurso criou um modelo em que combinou aspectos socioculturais, institucionais e organizacionais e em que fez valer, não a uniformidade, mas as variações do uso funcional da linguagem. Para tanto, esse modelo se baseia em práticas sociais, e não em teorias gramaticais. Com isso, surge a análise de gênero textual.

A questão dos gêneros textuais é alvo de discussões no meio acadêmico, principalmente na área da Linguística de Texto e da Teoria da Literatura. Entretanto, grande parte das pesquisas que vem sendo realizada se limita a discutir os conceitos de gênero e tipo; pouco se detêm, de fato, na descrição de gêneros textuais específicos.

Os gêneros constituem formas relativamente estáveis de enunciados que se definem por aspectos relacionados a conteúdo, composição estrutural e traços linguísticos. Mas a essa definição fundada em parâmetros internos, acrescentaremos outros critérios de natureza externa, como as funções e o tipo de situação enunciativa. Como afirma Marcuschi (1999), a noção de gênero deve levar em conta nosso conhecimento partilhado intuitivo sobre formas de comunicação realizada em contextos específicos de uso.

1.2 JUSTIFICATIVA

O interesse em estudar o gênero carta ao editor deve-se ao fato de que a linguagem utilizada na elaboração desse tipo de texto constitui uma unidade funcional da língua, identificada pela ausência de contato imediato entre emissor e destinatário, aproximando-se bastante da conversa espontânea. Esse tipo de carta, além de uma espécie de modalidade escrita informal, em que predominam processos relacionais, revela a identidade do leitor/escritor. Esses processos estabelecem, na maioria das vezes, conhecimentos, julgamentos ou comentários baseados em pareceres ou sentimentos pessoais. Diante disso, Herman (2000, p. 178) declara que

O gênero epistolar está condicionado a uma estrutura de comunicação e resposta escrita, e ainda, o tempo da escrita epistolar é considerado como “presente”, mas a pessoa, o tempo e o espaço não são partilhados entre os participantes. A epístola é explicitamente dirigida ao destinatário-alvo, que está num tempo e num espaço particular, mas está ausente.

O rótulo “carta” abriga uma diversidade tão grande de textos e de propósitos que há mesmo quem não lhe atribua o status de gênero. De acordo com Swales (1990), a carta não possui uma indicação muito definida de propósito e constitui uma reunião supragenérica de discursos.

Tomando como base a perspectiva adotada por Paredes (1997), segundo a qual as características marcantes das cartas pessoais são a infinidade de propósitos comunicativos e a heterogeneidade temática, efetuamos uma análise sobre os gêneros epistolares, especificamente as cartas pessoais direcionadas ao editor da revista *Veja*.

1.3 OBJETIVOS

Partindo do princípio de que as *cartas ao editor* constituem uma prática social, este trabalho tem como objetivos:

- 1) Fazer uma análise do gênero textual *carta*, considerado as funções comunicativas com que dada unidade discursiva é empregada, no caso, a modalização.
- 2) Identificar traços prototípicos do gênero textual *cartas ao editor* da revista *Veja*, associados às intenções de elogio e de crítica.
- 3) Identificar marcas do envolvimento do leitor/escritor com o que escreve, sobre o que escreve e com aquele para quem escreve.
- 4) Identificar, nesse tipo de carta, possíveis marcadores que caracterizam as atividades de modalização voltadas para o elogio e para a crítica.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

De forma mais específica, esta pesquisa procura encontrar uma resposta para alguns questionamentos pertinentes ao tema escolhido, como a possibilidade de se atribuir um status de gênero textual às cartas pessoais e se definir algumas marcas de envolvimento do leitor/escritor com esse texto e os marcadores discursivos que possibilitam a construção do discurso.

Foi desenvolvido um levantamento para selecionar as cartas dentro do propósito comunicativo de cada uma, dividindo - as em categorias denominadas de elogios e opinião crítica. Paralelamente, registramos as marcas do envolvimento dos leitores/escritores com o tema, observando os marcadores discursivos que são produzidos nos discursos.

A fundamentação teórica apresenta o conceito e o que constitui um gênero; também um estudo com as cartas pessoais enquanto gênero textual; algumas noções sobre o envolvimento, segundo Chafe (1992); e, por último, os marcadores que ajudam produzir o discurso, abordados na teoria de Vion (1992) e Querler (1992).

A análise dos dados procura situar a carta no contexto social e institucional em que se dá a dinâmica de sua produção e recepção. Os exemplares foram estudados do ponto de vista de sua estrutura discursiva, tendo como referência as atividades de modalização, voltadas para o elogio e a crítica.

O elogio é um recurso utilizado por leitores/escritores cuja linguagem procura proximidade, informalidade e envolvimento com o editor. São congratulações, na maioria das vezes, à determinada reportagem divulgada na semana anterior. A crítica se apresenta de uma maneira mais formal, o leitor/escritor argumenta sua opinião a fim de demonstrar que está com a razão.

Apesar do propósito comunicativo da carta: pedido, convite, agradecimento, informação, congratulações etc., a categoria carta é muito ampla (PAREDES, 1997), não dando conta da diversidade de textos e de propósitos nela encontrados.

Este trabalho procura analisar as cartas que têm o objetivo de elogiar e criticar. Com isso, os elementos norteadores da análise são dois os *propósitos comunicativos* verificados: a congratulação e a opinião crítica, observando que o leitor/escritor utiliza os marcadores discursivos para construir seu discurso, resultando, assim, no seu nível de envolvimento com o assunto abordado nas cartas,

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

2.1 OS PARTICIPANTES

Nesta pesquisa, a seleção das cartas obedeceu aos seguintes critérios:

- a) os propósitos comunicativos deveriam ser de elogios (congratulações) e críticas;
- b) as cartas deveriam estar relacionadas a temas polêmicos.

Vinte cartas fizeram parte da amostra do estudo. A cada leitor/escritor¹ foi atribuído um código de identificação, com o objetivo de simplificar o trabalho ao longo do texto.

Os quadros abaixo apresentam os temas aos quais as cartas se referem.

Quadro 2 – Cartas de elogio

CARTAS DE ELOGIO	
Abreviação do nome do leitor	Título da carta
AV	Gugu
GL	Envelhecimento
MP	Envelhecimento
JL	Gays e lésbicas
MP	A vida sem padrão
JP	Homens
SM	Homens
DC	Trabalho
LO	Trabalho
RC	Língua Portuguesa
MA	Televisão

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 1– Cartas de crítica

CARTAS DE CRÍTICA	
Abreviação do nome do leitor	Título da carta
FR	Gugu
CM	Divórcio
FS	Divórcio
LS	Divórcio
CS	Envelhecimento
AR	Gays e lésbicas
DN	Língua Portuguesa
SG	Televisão
RR	Televisão

Fonte: Elaborado pela autora.

¹ Leitor/escritor – assim passarei a me referir aos autores que escrevem as cartas ao editor.

2.2 COLETA DE DADOS

A coleta de dados teve início em 2001. Em virtude da quantidade de cartas ao editor, especialmente por se tratar de uma revista semanal, as cartas eram muito heterogêneas, dentro de propósitos comunicativos variados. Por essa razão, delimitamos a pesquisa, analisando apenas as cartas com propósitos comunicativos de congratulações e elogio. O tema também teve influência na escolha das cartas.

Nessa perspectiva, uma vez definido o tipo de gênero com que trabalharíamos, partimos para a coleta do *corpus*, cerca de 20 exemplares, cuja fonte foi a revista *Veja*. Segundo o editor Guto Garcia (por e-mail), a revista *Veja* se caracteriza como: uma revista semanal de informação, um modelo inspirado na revista americana *Time*, criada em 1922, por Henry Luce. É a primeira do gênero lançada no Brasil, em que imperavam no mercado editorial as revistas semanais ilustradas, com grandes fotos e textos curtos. *Veja* está subdividida em editorias: “Brasil”, que faz basicamente a cobertura das atividades políticas; “Internacional”, que trata de assuntos referentes à política mundial e a assuntos internos de outros países; “Economia e Negócios”, “Artes e Espetáculos”, que cobre cinema, televisão, literatura, teatro, exposições etc.; “Geral”, que trata de ciência e tecnologia, educação, saúde, estilo, moda, comportamento etc. Há seções como “Radar”, com notas exclusivas; “Veja essa”, em que figuram as frases mais marcantes e inusitadas da semana; e “Gente”, com notas sociais.

2.3 A CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS*

Os quadros abaixo (3 e 4) revelam como foi caracterizado o *corpus* da pesquisa.

Quadro 3 – Cartas de elogio

CARTAS DE ELOGIO – CE				
Identificação das cartas	Título	Data da publicação	Número da revista/ano	Edição
CEI1	Gugu	2 de maio de 2001	17/34	1698
CEI2	Envelhecimento	18 de julho de 2001	28/34	1709
CEI3	Envelhecimento	18 de julho de 2001	28/34	1709
CEI4	Gays e lésbicas	25 de julho de 2001	29/34	1710
CEI5	A vida sem patrão	27 de julho de 2001	25/34	1706
CEI6	Homens	29 de agosto de 2001	34/34	1715
CEI7	Homens	29 de agosto de 2001	34/34	1715
CEI8	Trabalho	7 de novembro de 2001	44/34	1725
CEI9	Trabalho	7 de novembro de 2001	44/34	1725
CEI10	Língua Portuguesa	14 de novembro de 2001	45/34	1726
CEI11	Televisão	28 de novembro de 2001	47/34	1728

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 4 – Cartas de crítica

CARTAS DE CRÍTICA – C				
Identificação das cartas	Título	Data da publicação	Número da revista/ano	Edição
CE1	Gugu	2 de maio de 2001	17/34	1698
CE2	Divórcio	20 de junho de 2001	24/34	1705
CE3	Divórcio	20 de junho de 2001	24/34	1705
CE4	Divórcio	20 de junho de 2001	24/34	1705
CE5	Envelhecimento	18 de julho de 2001	28/34	1709
CE6	Gays e lésbicas	25 de julho de 2001	29/34	1710
CE7	Língua Portuguesa	14 de novembro de 2001	45/34	1726
CE8	Televisão	28 de novembro de 2001	47/34	1728
CE9	Televisão	28 de novembro de 2001	47/34	1728

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme os quadros se apresentam, a identificação **CE** está relacionada às cartas de elogio e **CC** está relacionada às cartas de críticas. As numerações que seguem essas identificações representam os leitores/escritores.

Os títulos correspondem ao assunto das cartas. Tentamos selecionar temas mais polêmicos, com o objetivo de verificar o envolvimento dos leitores/escritores com eles, através do estudo dos modalizadores que estruturam o seu discurso.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É importante analisar o gênero *carta ao editor* fundamentado em algumas abordagens sobre tipologias e gêneros textuais. Há várias discussões sobre o assunto, desde o final da década de 1960, quando Hugo Steger, na liderança do grupo de Freiburg, lançou os textos fundadores a respeito de uma classificação dos gêneros textuais, especialmente na oralidade, que até hoje ainda é utilizada. As observações que existem são, em boa medida, controversas. Para Marcuschi (2000), não há limpeza terminológica e são poucos os autores que sugerem uma definição precisa dos termos envolvidos em questão.

A classificação é uma atividade desenvolvida por nós todos os dias, desde que queiramos distinguir uma coisa de outra, mas a complexidade da classificação é tão grande que, numa dada realização linguística, não sabemos sequer se temos um ou dois textos. Nesse sentido, Marcuschi (2000, p. 7) afirma que a classificação é controversa sob vários pontos de vista:

Toda classificação é um recorte de fenômenos culturalmente determinados e não naturalmente constituídos; toda classificação defronta-se com uma enorme variação nos fenômenos a classificar; dificilmente uma classificação pode ser definitiva e exaustiva, ou seja, toda classificação tende a ser parcial e provisória; em muitos casos, como o dos gêneros textuais, a classificação é, sobretudo, uma nomeação de rotinas comunicativas.

Dessa forma, é inviável classificar os gêneros textuais numa perspectiva estável, pois vão surgindo à medida que os acontecimentos culturais variam.

Ao analisar essa questão no tocante aos gêneros de textos, Bronckart (1999, p. 73) lembra o aspecto dos critérios da classificação. Segundo o autor, enfrentamos tal dificuldade devido à “diversidade de critérios que podem ser legitimamente utilizados para definir um gênero”, tais como: critérios referentes ao tipo de atividade humana implicada; critérios centrados no efeito comunicativo visado; critérios referentes ao tamanho e à natureza do suporte utilizado; critérios referentes ao conteúdo temático abordado e assim por diante.

Numa tipologia, os tipos mantêm um caráter de identidade e são homogeneamente definidos como modelos, embora não enquanto entidade empírica. Por definição, os tipos, segundo Marcuschi (2000, p. 10), “são constructos idealizados como modelos epistemologicamente úteis porque servem para operar a realidade”. Eles servem para explicar como funciona a realidade, já que possuem traços esquemáticos. Os gêneros, como entidades concretas empiricamente realizadas, apresentam-se com forma e conteúdo próprios e situam-

se em contextos de uso localizados, definidos por comunidades linguísticas com práticas sociais e normas comuns. Nesse sentido, Marcuschi (2000, p. 8) ressalta que:

Qualquer proposta, seja ela de tipologia ou classificação de fenômenos, que pretenda uma validade mínima em termos teóricos e empíricos, deve explicar os princípios teóricos e metodológicos que a sustentam. Assim, o estudioso do assunto deve ter em conta a natureza de seu trabalho (se empírico, hipotético, analítico) e o resultado pretendido (deverá saber determinar a natureza e a abrangência dos fenômenos, ou dados, a serem classificados), bem como a unidade a que se refere.

O autor ainda afirma que seria ingênua a postura de quem se dedicasse a um trabalho de classificação supondo que os fenômenos a classificar são óbvios, claros e naturalmente identificáveis, somente porque são nomeados com designações que, em geral, são entendidas por todos. O certo é que estamos sempre designando rotinas comunicativas de nosso conhecimento e em nossa cultura.

3.1 A NOÇÃO DE GÊNERO

As discussões sobre gênero crescem cada vez mais entre os estudos da Linguística. Isso ocorre devido ao fato de a Linguística ter ampliado seu escopo de investigação para abranger mais do que a construção formal e descontextualizada de sentenças.

O gênero vem sendo discutido por diversas correntes linguísticas, como a Etnografia da Comunicação (HYMES, 1974; SAVILLE-TROIKE, 1982;); a Linguística Sistêmica; a Linguística Textual (ADAM, 1999); (HALLIDAY, 1978; MARTIN, 1985; COUTURE, 1986); a Translinguística (BAKHTIN, 1992); o Interacionismo (SCHNEUWWLY, 1994); e a Sociolinguística (SWALES, 1990; BHATIA, 1993).

Conforme Paredes (1997), há uma insistente preocupação entre alguns autores quanto à noção de gênero do discurso e tipo de discurso. Biber (1988) afirma que “a categoria de gênero se define com base no uso e não na forma, esta servirá para agrupar os tipos de textos”. Swales (1990), numa abordagem influenciada pela etnografia da comunicação, opta por trabalhar com o conceito de gênero, definido em função do evento comunicativo e do propósito a que atende. O autor ainda ressalta que “um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos participantes compartilham algum tipo de propósito”. Para Marcuschi (2000), o estado atual de conhecimento só permite que se fale de espécies de texto. Em trabalhos posteriores, o autor substitui espécies por gêneros.

Diante da proposta de estudo sobre o gênero, abordaremos pontos importantes dos trabalhos de alguns autores encontrados na obra de Marcuschi (2000). Inicialmente, abordaremos o trabalho de Swales (1990, p. 66)², que, apesar de se situar em textos acadêmicos, confere um respaldo significativo a este trabalho. De maneira geral, constrói sua posição teórica fundada em três noções básicas assim explicitadas:

- a) **comunidades de discurso (Discourse communities):** originadas no contexto da etnografia e definidas como redes sociorretóricas amplas, caracterizadas por agrupamentos sócio-históricos e determinação funcional do aspecto comunicativo; são centrífugas em relação à “fábrica social” e agrupam indivíduos por interesses socioprofissionais (distinguem-se da noção de comunidade de fala de Hymes);

² SWALES, JOHN M. *Genre analysis: english in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

- b) **gênero:** originado no contexto da análise do discurso inglesa e visto como uma classe de eventos comunicativos reconhecíveis por sua relativa estabilidade e pelo nome explicitamente dado; distribuem-se igualmente pela fala e escrita; os gêneros acham-se diretamente vinculados aos eventos comunicativos como o tal;
- c) **tarefas (tasks):** noção de caráter essencialmente metodológico originária da Linguística Aplicada; as tarefas são atividades adequadas para a aquisição e produção de gêneros, que dependem de conhecimentos de mundo prévios, conhecimento de textos prévios, esquemas de conteúdos que dão origem a esquemas formais; são úteis sobretudo para a aquisição de uma segunda língua e do letramento em geral; trata-se de uma noção voltada para a realização de objetivos.

O elemento que une as três noções é um aspecto típico da Linguística Aplicada, ou seja, o **propósito comunicativo**, que é assim explicitado por Swales (1990, p. 67): “é o propósito comunicativo que conduz as atividades linguísticas da comunidade de discurso; é o propósito comunicativo que serve de critério prototípico para a identidade do gênero; e é o propósito comunicativo que opera determinante primário da tarefa”.

A definição de trabalho proposta por Swales (1990, p. 67-68) em relação ao gênero pode ser resumida considerando-se cinco características centrais:

- (i) **Um gênero é uma classe de eventos comunicativos.** (Um evento comunicativo tem um papel essencial na constituição de gênero. Um evento comunicativo compreende não apenas o discurso em si e seus participantes, mas também o papel de tal discurso e o entorno de sua produção e recepção, incluindo suas associações históricas e culturais).
- (ii) **O traço de critério principal que torna uma coleção de eventos comunicativos um gênero é um certo conjunto partilhado de propósitos comunicativos.** (Com isto, o critério determinante para um texto ser incluído num outro gênero é o propósito partilhado e não semelhanças de forma, o que sugere que os gêneros, salvo poucas exceções, são veículos comunicativos para atingir certos objetivos).

(iii) Exemplares ou instâncias de gêneros variam em sua prototipicidade.

(Outros critérios, além dos propósitos comunicativos, seriam úteis para a determinação de um gênero e sugerem as definições e semelhanças de família. Embora o critério definicional ainda seja muito comum e bastante usado para estabelecer categorias em termos de propriedades básicas, esbarra na questão da suposição de naturalidade do mundo. Não é fácil construir categorias por propriedades suficientes e necessárias. Tudo indica que o melhor caminho não é a determinação de um conjunto de propriedades ou traços obrigatórios, mas sim semelhantes ou partilhamentos como traços familiares. O caminho sugerido por Swales (1990) é a perspectiva da construção de prototipicidade com base em traços gerais comuns e típicos aos eventos comunicativos).

(iv) A base lógica subjacente a um gênero estabelece restrições sobre

construções admiráveis em termos de seu conteúdo, posição e forma. (Os membros de uma comunidade de discurso empregam os gêneros para realizar seus objetivos comunicativos. Assim, eles percebem e entendem do que se trata e outros (não membros) também saberão identificar os propósitos e o gênero. O reconhecimento de propósitos é a base racional para a identificação do gênero e opera como um sistema de convenções de seleção e restrição).

(v) Uma nomenclatura de uma comunidade de discurso para os gêneros é

uma fonte importante de instrução. (Como se observa, o conhecimento das convenções de um gênero é tanto maior quanto comum ele for e menor na medida em que ele não for tão comum. Assim, os membros de uma comunidade têm o maior conhecimento de seus gêneros e lhes dão nomes específicos para designá-los).

Swales (1990, p. 58) define gênero da seguinte maneira:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos cujos membros se inserem num dado conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos experts membros da comunidade de discursos e com isso constituem a base lógica para o gênero. Essa base modela a estrutura esquemática do discurso, influencia e condiciona a escolha do conteúdo e do estilo. O propósito comunicativo é tanto um critério privilegiado e um critério que opera para atingir o escopo de um

gênero tal como aqui grosseiramente concebido e enfocado em ações retóricas comparáveis.

Diante disso, o autor reforça que, “em aditamento ao propósito, os exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e audiência pretendida” (SWALES, 1990, p. 60), pois, se todas as expectativas de probabilidade mais altas forem realizadas, o exemplar será visto como propósito pelos membros da comunidade de discurso. Os nomes dos gêneros herdados e produzidos pelas comunidades de discurso e importados por outras constituem valiosas comunicações etnográficas, mas que necessitam de validação posterior.

3.2 O GÊNERO NA ANÁLISE DO DISCURSO

Os autores que trabalham com a noção de gênero comungam com a ideia de que há dificuldades em lidar com um conceito que se apresenta como amplo e distinto demais para ser de muita utilidade para uma análise formal e funcional detalhada.

A Etnografia da Comunicação aborda o gênero baseado na Antropologia e na Linguística, para Schiffrin (1994), “o interesse pelos estudos de gênero se origina da convergência entre a antropologia linguística e os estudos de folclore, em razão da preocupação dos pesquisadores nessas áreas em classificar formas de discurso oral”. A classificação seria um recurso útil para categorizar e arquivar textos particulares. Nessa tendência, Franz e seus seguidores focalizam aspectos culturais e sociais na classificação, levando em conta como os nativos entendem e usam os diferentes tipos de texto. Com isso, outra linha busca os gêneros enquanto estruturas, com a influência do russo Vladimir Propp, em que são valorizados os aspectos morfológicos (portanto, formais) das unidades discursivas – a estrutura morfológica estável daria identidade ao gênero.

As discussões sobre gênero na etnografia da comunicação passaram a ter mais destaque com Hymes (1972), que privilegiou categorias de uso, e não categorias estruturais, colocando-se numa perspectiva claramente funcionalista no que diz respeito ao discurso. Distingue como unidades de análise o ato de fala, em que entram em jogo não só a competência linguística, mas a competência comunicativa. O autor ainda lembra que os gêneros do discurso frequentemente coincidem com eventos de fala, mas devem ser tratados como analiticamente independentes deles, já que podem ocorrer em diferentes circunstâncias. Como exemplo, ele diz que:

o sermão, um gênero que tem seu lugar típico numa igreja, durante uma cerimônia religiosa, pode ser levado (com suas propriedades) para outras situações, assumindo efeitos humorísticos. A conversa ou a entrevista seriam um gênero, porque dizem respeito a uma atividade que está se realizando, na qual o uso da língua (discurso) é um dos componentes centrais [...] (HYMES, 1972, p. 284).

Mesmo privilegiando as atividades comunicativas em que se dá o discurso, Hymes (1972) considera que a noção de gênero também implica características tradicionalmente reconhecidas, ou seja, o que define o gênero na perspectiva da Etnografia da Comunicação é a organização convencional de recursos e estruturas formais, em níveis que ultrapassam o da

sentença, estruturas essas que “constituem esquemas de referência complexos para a prática comunicativa”.

Ainda sobre esse assunto, Bakhtin (1997) adverte que, mesmo tendo sido exaustivamente estudados, os gêneros sempre foram analisados pelo ângulo artístico-literário de sua especificidade, das distinções diferenciais intergenéricas – nos limites da literatura – e não como tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciado, com os quais têm em comum a natureza verbal.

A concepção bakhtiniana de gêneros do discurso deriva da noção de enunciado – unidade da comunicação verbal, uma vez que a língua está presente em todas as esferas da atividade humana. E como as esferas da atividade humana são inúmeras e variadas, o caráter e o modo de utilização da língua em forma de enunciados (orais e escritos), resultam, de alguma forma, dessa atividade humana. O enunciado reflete as condições e as finalidades dessas esferas, sendo que “qualquer enunciado considerado isoladamente é, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Para esse autor (1997, p. 300), um aspecto essencial que marca o enunciado é o “querer-dizer”, ou seja, o intuito discursivo, que, além de determinar os limites do enunciado, determina a escolha do gênero. Segundo ele,

O intuito, o elemento subjetivo do enunciado, entra em combinação com o objeto do sentido-objetivo – para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) da comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores: seus enunciados. É por isso que os parceiros diretamente implicados numa comunicação, conhecedores da situação e dos enunciados anteriores, captam com facilidade e prontidão o intuito discursivo, o querer-dizer do locutor, e, as primeiras palavras do discurso, percebem o todo de um enunciado em processo de desenvolvimento (BAKHTIN, 1997, p. 300).

Marcuschi (2000, p. 34) destaca os seguintes componentes na construção das bases sociointerativas da teoria dos gêneros de Bakhtin:

- cada esfera de atividade humana elabora *tipos relativamente estáveis* de enunciados, denominados *gêneros do discurso*;
- os gêneros, numa dada esfera de comunicação, caracterizam-se pelo conteúdo temático, pelo estilo e pela construção composicional;

- a variedade de gêneros é infinita, e eles são heterogêneos; “essa variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade dos escopos intencionais daquele que fala ou escreve” (MARCUSCHI, 2000, p. 291);
- os gêneros do discurso dividem-se em *gêneros primários* (simples) e *gêneros secundários* (complexos);
- os gêneros caracterizam-se como tipos de enunciados particulares, concretos, relacionados a diferentes esferas da atividade e da comunicação; esse aspecto sugere que os gêneros também se determinam pelo parâmetro da construção dos destinatários.
- o enunciado é a unidade real da comunicação verbal; a fala só existe na realização concreta dos enunciados de um indivíduo em situação de comunicação; assim, o “enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos falantes” (MARCUSCHI, 2000, p. 294);
- entre estilo e gênero, observa-se um vínculo indissolúvel, orgânico, de modo que estilo é um gênero numa dada esfera da atividade humana. “Quando há estilo há gênero” (MARCUSCHI, 2000, p. 286).

No que se refere aos gêneros *primários* e *secundários*, Bakhtin (1997, p. 280) afirma que os gêneros primários do discurso “se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea”, ao passo que os gêneros secundários (romance, teatro, discurso científico, discurso ideológico) “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural”. Isso dá a entender a natureza, essencialmente, sócio-histórica dos gêneros, podendo haver gêneros secundários orais, tais como as conferências.

Os gêneros do discurso são identificados, muitas vezes, como formas típicas de enunciados ou tipos relativamente estáveis de enunciados, através da *valorização do enunciado enquanto unidade de análise e o caráter típico dos gêneros*. Apesar da variedade que há nos enunciados em relação à extensão, conteúdo e estrutura, existem traços em comum enquanto unidades de comunicação e limites precisos, definidos pela mudança de falantes. A mudança de falante assume formas diferentes, dependendo da atividade humana que se desenrola e das funções da linguagem em jogo. Diante disso, é que se podem definir os

gêneros do discurso. Essa mudança pode ser analisada de maneira simples e direta em situações de diálogo – forma clássica de comunicação linguística, correspondente a um gênero de discurso primário. Já outros gêneros são mais complexos, os chamados gêneros secundários, como os romances, o discurso de pesquisa científica. Esses gêneros surgem em uma total organização cultural.

Sobre a distinção entre gêneros primários e secundários, Bakhtin (1997, p. 281-282) ressalta:

A distinção entre gêneros primários e gêneros secundários tem grande importância teórica, sendo esta a razão pela qual a natureza do enunciado deve ser elucidada e definida por uma análise de ambos os gêneros. Só com esta condição a análise se adequaria à natureza complexa e sutil do enunciado e abrangeria seus aspectos essenciais. Tomar como ponto de referência apenas os gêneros primários leva irremediavelmente a trivializá-los (a trivialização extrema representada pela linguística behaviorista). A inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado (acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologia, e visões do mundo).

Diante disso, percebe-se que a heterogeneidade e a quantidade de gêneros do discurso é muito grande. O próprio Bakhtin questiona esse fato. Realmente, parece impossível colocar no mesmo terreno de estudos fenômenos tão díspares como a réplica cotidiana e o romance, a ordem padronizada e a obra lírica. Para resolver a dificuldade de sistematizar o estudo dos gêneros do discurso, o autor propõe que se leve em conta a diferença essencial entre os gêneros de discurso primário e os gêneros de discurso secundário.

De acordo com a noção de *prática comunicativa*, nas ideias de Bakhtin (1997), uma das suas inovações é substituir a visão estática dos gêneros por uma concepção dinâmica, interacional, levando em conta o processo de produção e recepção do discurso. Nesse sentido, o autor não admite que é apenas o falante que tem papel ativo, pois “qualquer enunciado não passa de um elo numa cadeia de enunciados de organização muito complexa, e o ouvinte não está alheio a isso. Além disso, esse processo se constrói na interface com outros enunciados – todo texto remete a outro texto, é intertextual” (BAKHTIN, 1997, p. 283).

O autor ainda afirma que:

Em relação ao seu caráter típico, que a fala (*parole*) não tem caráter individual que Saussure lhe atribui, isto é, não depende puramente de escolha de indivíduo, restando todo o lado para o *langue*, pois ao lado das formas da língua, há também modos de combinação dessas formas, que seriam os gêneros de discurso, mas flexíveis, menos impositivos que as

formas da língua (da gramática), embora sirvam para organizar nossa fala quase do mesmo modo como as formas gramaticais (BAKHTIN, 1997, p. 285).

Para Bakhtin (1997 p. 288), “se os gêneros de discurso não existissem e nós não os tivéssemos dominado, se estivéssemos que criá-los durante o processo da fala e construir cada enunciado à vontade pela primeira vez, a comunicação seria quase impossível”.

Nesse aspecto, Barros (1999, p. 12) afirma que um ponto que deve ficar bem claro é a forma como se diferenciam os termos gênero seria e tipo. Partindo do princípio de que uma classificação dessa natureza não pode estar assentada num único crédito de observação, seja formal ou funcional, faz-se uma distinção entre gêneros comunicativos, como sendo “o uso dessas estruturas em situações reais de comunicação”.

Para Paredes Silva (1997), é possível estabelecer dois planos: o plano das unidades de uso e o plano dos conteúdos teóricos, tendo como base as considerações de Hymes (1974), sobre gênero, que levam em conta as atividades comunicativas em que se dá o discurso, mas não deixa de lado seu aspecto formal. Relaciona os gêneros a eventos de fala, embora reconheça sua independência face a eles; ao mesmo tempo, considera as convenções de organização da estrutura. Ressalta, ainda, que os aspectos formais e funcionais que necessariamente se associam na classificação dos gêneros de discurso, na perspectiva de se buscar uma tipologia de textos, se diferenciam em três níveis: a partir de propriedades formais do texto. Distingue-se um nível de estruturas discursivas, entendidas como modos de organização de informação, que representam as potencialidades da língua, as rotinas retóricas ou formas convencionais que o falante tem a sua disposição quando quer organizar o discurso. Para a autora, essa perspectiva valoriza as estruturas discursivas disponíveis na língua, que não passariam de uma lista limitada de tipos. A identificação de gêneros/tipos de texto deixa o plano das potencialidades da língua para voltar-se ao uso dessas estruturas em situações reais de comunicação. Esse nível corresponde à atualização dos conjuntos de traços linguísticos em unidades comunicativas bem delimitadas, ocorrendo em contextos específicos – instâncias de uso das estruturas, em que elas aparecem sob organizações típicas. A conferência, a estória, a piada, o editorial, a carta etc., são exemplos desse tipo de organização.

O último nível revela a possibilidade de examinar os tipos de discurso de uma perspectiva funcional e interativa – que leve em conta a função/propósito comunicativo (NICHOLS, 1984) com que dada unidade discursiva é empregada - sua força ilocucionária, ou a variedade de eventos comunicativos a que se associa.

Unidades narrativas (estórias) são mais facilmente identificáveis e delimitáveis que outros tipos de texto. Nesse sentido, Paredes (1997, p. 122) afirma que:

Chegamos, assim, a uma proposta em que os gêneros podem ser inicialmente entendidos como modos de organização da informação ou de estruturação discursiva; num segundo momento, como unidades de uso dessas estruturas discursivas em situações comunicativas particulares; ou ainda como categorias que incorporam vários modos de condução discursiva, de um modo mais complexo e abrangente, como a carta pessoal e a conversa, onde diversas unidades menores coexistem, sem, no entanto, perder suas características enquanto unidades discursivas.

Um ponto abordado por Bakhtin (1997) é o papel dos participantes do diálogo no uso da língua (em especial nos gêneros primários), e, com isso, estabelece o que chama de condições “constitutivas” dos gêneros, sendo a primeira relativa à alternância dos sujeitos. Essa alternância dá a condição de acabamento do enunciado, embora não de isolamento, pois não se pode distinguir entre falante (como um indivíduo ativo) e ouvinte (como um indivíduo passivo), já que, “de fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa”. Ou seja, ele já se prepara para concordar, discordar, complementar, emendar etc., o discurso do outro, desde que começa a ouvi-lo; em suma, “o ouvinte torna-se locutor”, pois “toda a compreensão é prenhe de resposta” (BAKHTIN, 1997, p. 290).

Há, no entanto, a sugestão de que, se nos gêneros primários a compreensão responsiva ativa é imediata, nos gêneros secundários, ela seria de ação retardada.

3.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CARTAS PESSOAIS

Considerando o que vimos até agora sobre a noção de gênero, entendemos que as cartas constantes do nosso *corpus* de análise se situam no âmbito das produções textuais que apresentam características constitutivas de um determinado gênero.

No que diz respeito aos gêneros epistolares, alguns trabalhos são dignos de menção, dentre eles, destacamos a caracterização proposta por Paredes Silva (1988, 1997) e as reflexões de Marcuschi (2000), sobre a heterogeneidade de critérios que envolve qualquer tentativa de tipologia textual.

Como afirma esse autor (2000), a noção de gênero deve levar em conta nosso conhecimento partilhado intuitivo sobre formas de comunicação, realizado em contextos específicos de uso. Os gêneros são, assim, designações de uso para as diversas atividades que desenvolvemos.

Os gêneros epistolares, sob tal perspectiva, são unidades funcionais da língua que se identificam pela ausência de contato imediato entre emissor e destinatário (PAREDES SILVA, 1997). Para Cortez (1998), as cartas pessoais, particularmente, aproximam-se bastante da conversa espontânea e representam uma espécie de modalidade escrita informal dialogada.

Esse pensamento é também confirmado por Herman (2000), quando declara que o gênero epistolar está condicionado a uma estrutura de comunicação e resposta escrita. Acrescenta a autora que o tempo da escrita epistolar é considerado como “presente”, mas a pessoa, o tempo e o espaço não são partilhados entre os participantes. A epístola é explicitamente dirigida ao destinatário-alvo, que está num tempo e num espaço particular, mas está ausente, isto é, inversões de espaço de remetente e destinatário (centros dêiticos) são a base do gênero epistolar (PAREDES SILVA, 1997). Marcuschi (2000) observa que o rótulo “carta” abriga uma diversidade tão grande de textos e de propósitos que há mesmo quem não lhe atribua o status de gênero. Swales (1990), por exemplo, afirma que a carta não tem uma indicação muito definida de propósitos e que constitui, na verdade, uma reunião supragenérica de discursos.

A carta pessoal é um meio de comunicação frequentemente identificado não só pelo senso comum, mas também pela comunidade acadêmica, por seu formato externo – data, saudação e/ou vocativo, corpo, despedida, assinatura. Entretanto, a caracterização desse

gênero vai muito além de critérios formais, ela implica todo um contexto linguístico e extralinguístico, próprio da situação enunciativa na qual ocorre.

A forma predominantemente dialógica das cartas pessoais se justifica pela necessidade de se estabelecer uma comunicação entre interlocutores que mantêm um certo grau de relacionamento. No momento em que ela é produzida, não é possível um contato imediato. Com isso, graças a esse grau de relacionamento, surge a escrita da carta informal. Outra característica marcante nas cartas pessoais é a infinidade de propósitos comunicativos e a heterogeneidade temática tratados em uma unidade discursiva.

O gênero carta pode ser usado para uma infinidade de funções comunicativas. É possível, por exemplo, encontrar um pedido, um convite, um agradecimento etc.; entretanto, como unidade discursiva, é homogêneo quanto ao tema.

A carta pessoal apresenta uma forma predominantemente dialógica, por tratar-se de enunciações em que o interlocutor possui um certo grau de intimidade, uma escrita de caráter informal, muitas vezes se aproximando da linguagem falada.

3.4 O ENVOLVIMENTO

O envolvimento será discutido principalmente nos estudos de Chafe (1982, 1985) e Tannen (1989), que se inserem numa perspectiva interativa da língua.

Apesar de o envolvimento, para esses autores, ser apenas uma característica da oralidade, analisaremos esse tema dentro da modalidade escrita, descrevendo como funcionam os marcadores de interação no gênero textual *cartas ao editor* direcionadas à revista *Veja*.

Para Chafe (1982, p. 45), os falantes interagem com suas audiências, enquanto os escritores não. Para ele, “o falante encontra-se face a face com seu ouvinte e pode monitorar o efeito do que está sendo dito sobre o seu ouvinte e este pode sinalizar se está entendendo ou pedir explicações”. Com isso, vão surgindo as marcas de interação na superfície textual, garantindo, assim, o envolvimento para o discurso oral e o distanciamento para o discurso escrito.

As línguas falada e escrita podem ser sistematizadas, segundo Chafe (1982), conforme o quadro abaixo:

Quadro 4 – Propriedades das línguas falada e escrita

Língua falada	Língua escrita
<ol style="list-style-type: none"> 1. mais rápida que a escrita, provocando as disfluências, falsos inícios, repetições e correções; 2. desaparece logo que é produzida; 3. os falantes não dispõem de tempo para relativizar a veracidade da informação; 4. o envolvimento decorrente da interação entre os interlocutores; 5. a fragmentação das unidades de ideias se apresenta em séries, sem conectivos, embora também existam unidades de ideias introduzidas por conjunções coordenadas. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. mais vagarosa que a falada (o manuscrito é a forma mais vagarosa); 2. é conservadora, preserva o vocabulário e a gramática; 3. disponibilidade de tempo para modelar uma sucessão de ideias; 4. afastamento oriundo pelo fato de os escritores ficarem isolados de suas audiências no espaço e no tempo; 5. integração das unidades de ideias, ou seja, as unidades de ideias contêm mais informações que o ritmo da fala permitiria.

Fonte: Chafe (1982).

Ainda em seu trabalho, Chafe (1982) aborda as marcas do envolvimento, o uso de pronomes de 1ª e 2ª pessoas, as referências ao processo mental do falante, o monitoramento do fluxo da informação, o uso de vocábulos que denotam ênfase, o uso de expressões generalizadas e que expressam ideias vagas e as perguntas diretas e, para o distanciamento, a ocorrência da voz passiva e o uso de nominalizações.

Para o autor, o envolvimento é retomado, ainda em relação ao evento prototípico da fala. A conversação informal é subdividida em três tipos: autoenvolvimento; envolvimento com o falante ou interpessoal; e envolvimento com o tema.

No primeiro, **autoenvolvimento**, ou seja, o ego – o envolvimento é manifestado pelo uso de pronomes pessoais e possessivos de 1ª pessoa,

Exemplos:

(CE2 – Envelhecimento) “Sou assinante de Veja há mais ou menos dezessete anos e confesso”.

(CE11 – Televisão) “Em minha tese,!”

Esse tipo de envolvimento ocorreu, a exemplo da elipse verbal, por diversas vezes em nosso *corpus*. No entanto, em relação ao segundo exemplo, do pronome possessivo, aparece com menos frequência.

O segundo, o **envolvimento interpessoal**, refere-se à dinâmica do processo interacional e se reflete no uso dos pronomes de segunda pessoa, na citação do nome do interlocutor, nas perguntas e respostas formuladas ao ouvinte, no uso de marcas conversacionais e expressões que evidenciam uma situação de interação. Durante essa interação, o falante pode monitorar o canal de comunicação, usando estratégias que garantem ao ouvinte a compreensão do que está sendo dito. Esse tipo de envolvimento acontece pouquíssimas vezes no *corpus*.

Exemplo:

(CE8 – Trabalho) “Algumas vezes imaturos, despreparados, inseguros e invejosos, determinados chefes têm medo de sua evolução e sucesso e de você tomar o lugar deles”.

E, por último, **o envolvimento com o tema**, demonstra o interesse do falante frente ao que está sendo dito e é expresso através de exageros, de exclamações, de vocabulário, inexpressivo, introdução do presente histórico, uso de perguntas diretas, de expressões enfáticas. Esse tipo de envolvimento foi o que ocorreu com mais frequência no nosso *corpus*.

Exemplo:

(CE7 – Homens) “é uma reportagem **corajosa que mexe no fundo dos nossos sentimentos**”.

Tannen (1992), por sua vez, considera o envolvimento um critério que serve para fazer a distinção entre a língua falada e a língua escrita. Analisando a questão do foco relativo centrado no envolvimento do discurso oral e escrito, a autora critica os estudiosos que consideram o discurso escrito descontextualizado, pois, para ela, Filmore (1972), Nystrand (1982) e Rader (1982), têm demonstrado que nenhum trecho de discurso pode ser compreendido sem conhecimento prévio de vários tipos de contexto. De acordo com Hymes (apud TANNEN, 1985, p. 4), “para verificar isso, basta que alguém leia um artigo acadêmico sobre uma especialidade diferente da sua própria”.

Para Tannen (1992), a propriedade básica do envolvimento é sua dependência do contexto. O espaço discursivo – o contexto – viabiliza a interação, exigindo dos participantes certa atenção, para que possam realmente compreender as informações veiculadas, porque o foco relativo não está centrado na mensagem, mas na relação interpessoal. Por outro lado, isso acontece porque as informações também são fornecidas por canais paralinguísticos e não verbais. A autora afirma que o envolvimento é construído na interação conversacional, “é uma conexão interna, até mesmo emocional que liga as pessoas umas as outras, assim como os lugares, coisas, atividades, ideias, memórias e palavras” (TANNEN, 1985, p. 3). Nessa perspectiva, o envolvimento não estaria limitado à oralidade, mas seria marca da interação e condição para a compreensão. A noção de conversação é de uma produção conjunta em que os interlocutores atuam um sobre o outro, num processo dialógico de uso da linguagem, no sentido bakhtiniano de dialogicidade, ou seja, num processo em que o **eu** e o **outro** não são independentes, mas existem e se formam na interdependência, na interação entre eles.

Ainda sobre a conversação, Tannen (1992, p. 4) afirma que:

Num contexto espontâneo face a face tal como ocorre à mesa do jantar, o fato de as pessoas se falarem umas as outras é frequentemente mais

importante do que a informação ou a mensagem veiculada. Mas ainda, a menor parte do que é dito em situações sociais é relativamente irrelevantes, com os adolescentes prontamente notam nas conversas dos pais. Mas isso não quer dizer que as frases ditas não são importantes [...]. Longe de serem irrelevantes, as metas mensagens são as bases necessárias para qualquer interação.

Diante disso, a autora quer demonstrar a importância da relação interpessoal nas interações face a face, em detrimento do conteúdo, em oposição à interação leitor vs. escritor, em que o conteúdo é mais importante que a relação, ressaltando ainda que “os indivíduos e os grupos não são nem orais nem letrados”. As pessoas, de fato, têm a sua disposição, estão inclinadas a usar, na fala ou na escrita, combinações de estratégias que têm sido associadas às modalidades oral e escrita, mas que “são mais acuradamente compreendidas como reflexos do foco relativo posto sobre o envolvimento”. E ainda:

o foco relativo centrado sobre o envolvimento pessoal é importante porque dá conta da variação em todas as formas de discurso, incluindo a conversação; as estratégias orais podem sustentar a produção e a compreensão discursivas bem-sucedidas, tanto na modalidade escrita quanto na oral, na medida em que isso requer um apelo à experiência prévia (TANNEM, 1992, p. 8).

Quando se considera a língua como heterogênea, variável, histórica, cujo sentido é construído na interação entre o eu e o outro, a noção de envolvimento coerente é a que engloba não só a situação imediata de produção, mas todo o conhecimento linguístico e de mundo, a cena, o relacionamento entre os participantes, os objetivos da comunicação. É, portanto, essa a noção de envolvimento adotada neste trabalho. Além disso, não se pode deixar de considerar que todos esses fatores que determinam o envolvimento se refletem na escolha linguística processada, consciente ou inconscientemente, pelo produtor do texto.

3.5 MODALIDADES DISCURSIVAS

A leitura de estudos sobre a modalidade (BRONCKART, 1999; LE QUERLER, 1996, INGEDORE, 1996; VION, 1992) revela que não se tem chegado a um consenso quanto à definição dessa categoria, talvez pelo fato de, na prática discursiva, as modalidades assumirem diversas formas de expressão. Esse fato, conseqüentemente, possibilita variadas abordagens sobre o assunto.

Quando abordadas teoricamente, as modalidades podem ser tratadas em nível sintático, semântico ou pragmático. Enquanto alguns linguistas optam por focalizá-las apenas em um desses níveis, o tratamento funcionalista propõe integrá-los, tornando possível o esclarecimento de problemas que, num nível isolado, não poderiam ser equacionados. Procura-se, dessa forma, explicar a língua por meio do uso que dela se faz.

De acordo com o que nos informa Vion (1992), a conotação estilística de que se reveste o termo modalidade, é empregada primeiramente no interior da lógica e depois introduzida no vocabulário gramatical. Essa limitação conceitual advinda do fato de que a compreensão do termo seria estabelecida é, na verdade, considerada incompleta por muitos estudiosos, não dando conta da dimensão discursiva das atividades de modalização, em seus aspectos enunciativos, intersubjetivos e circunstanciais. Com isso, a lista dos elementos identificados como modais ou modalizadores se expande, não sem controvérsias, na medida em que se desenvolvem, em linguística, os comentários a respeito das tipologias de discurso e dos chamados textos fundadores. Tal prolongamento dá origem a uma série de questões concernentes à influência que as estruturas lógicas e dados linguísticos exercem sobre as interpretações dos enunciados. Nessa busca, procede-se, então, um deslocamento e uma expansão dessas questões, ampliando-as para o âmbito dos estudos voltados para a enunciação.

A partir do momento em que todo ato enunciativo passa a ser visto como uma forma de ação, passa-se, igualmente, a considerar que as modalidades configuram uma relação social, interpessoal entre interlocutores. Nos estudos linguísticos, um novo salto, agora não apenas concernente ao estudo da modalidade ou categoria de modo, mas à reflexão linguística como um todo, em direção ao que se denomina pragmática linguística. Em consequência, uma concepção generalizada dos valores pragmáticos dos enunciados modalizadores leva muitos autores a construir um quadro tipológico das modalidades baseado nos mais diversos tipos de discurso ou textos existentes.

Refletindo sobre esse assunto, Bronckart (1999, p. 30) diz que “as modalizações têm o objetivo de traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações construídas a respeito de alguns elementos do conteúdo temático”. Nesse sentido, ainda afirma que “as modalizações pertencem à dimensão configuracional do texto, contribuindo para o estabelecimento de sua coerência pragmática ou interativa e orientando o destinatário na interpretação de seu conteúdo temático” (BRONCKART, 1999, p. 30).

Dentro dessa interação abordada pelo autor, a estruturação do discurso, a relação entre enunciados é frequentemente projetada por certas relações de modalidade, de onde se depreende a sua importância pragmática, partindo da questão dos diversos modos de lexicalização de uma mesma atividade modalizada. Veja-se, por exemplo, como essa lexicalização modalizadora poderia ocorrer, em função de diferentes graus de “possibilidade” expressos por um certo enunciado.

É possível que a Veja traga uma reportagem sobre emagrecimento.

A Veja **pode** trazer uma reportagem sobre emagrecimento.

Provavelmente a Veja trará uma reportagem sobre emagrecimento.

A Veja **deve trazer** uma reportagem sobre emagrecimento.

Percebe-se, também, que a atividade de modalização pode ocorrer em diversos graus:

Paulo **pode** estar chegando atrasado.

Paulo **pode** sair cedo.

Essa multiplicidade de manifestações modalizadoras de enunciados, em que se imprimem diferentes graus de envolvimento entre o que se diz e o como se diz, remete-nos à questão do sujeito e da intencionalidade discursiva. Em outras palavras, assumimos que o sujeito, em suas práticas discursivas, modaliza seus enunciados em função de sua intencionalidade comunicativa, num determinado contexto enunciativo. No caso particular de nossa pesquisa, o elogio e a crítica podem ser entendidos como uma forma de avaliação do leitor (BRONCKRAT, 1999, p. 319-336), em relação aos textos publicados pela revista, definindo, assim, o posicionamento enunciativo desse leitor/escritor em seu discurso.

Com base nas classificações da tradição teórica sobre o assunto, Bronckrat (1999, p. 330-336), retoma as quatro funções de modalização, entendidas do seguinte modo:

- 1) **As modalizações lógicas** consistem em uma avaliação de alguns elementos do conteúdo temático, apoiada em critérios (ou conhecimentos) elaborados e organizados no quadro das coordenadas formais que definem o mundo objetivo.
- 2) **As modalizações apreciativas** consistem em uma avaliação de alguns aspectos do conteúdo temático, procedente do mundo subjetivo da voz que é a fonte desse julgamento, apresentando-os como benefícios, infelizes, estranhos etc., do ponto de vista da entidade avaliadora.
- 3) **As modalizações pragmáticas** contribuem para a explicação de alguns aspectos da responsabilidade de uma entidade constitutiva do conteúdo temático (personagem, grupo, instituição etc.), em relação às ações de que é o agente, e atribuem a esse agente: intenções, razões (causas, restrições etc.), ou ainda, capacidade de ação.

Dentro da teoria em discussão – a modalização – é importante ressaltar, ainda, dois autores franceses: Vion (1992) e Le Querler (1996). Segundo Vion (1992), as modalidades constituem atividades discursivas, resultantes de escolhas no repertório enunciativo do sujeito, em função de certos objetivos pragmáticos. Essas atividades podem ocorrer como forma de eufemismo, circunlocuções, discursos de precaução, discursos de polidez, lexicalizações prudentes, atos indiretos, preliminares, justificações e autocorreções. Com isso, cada uma dessas escolhas será portadora de um grau mais ou menos forte de adesão no nível de alta implicação do enunciador. Para o autor, essa alta implicação pode acontecer através de inscrições de conteúdo, distância do enunciador em relação àquilo que enuncia, peso cultural das unidades lexicais e conotações.

As modalizações funcionam como deslocamento de perspectivas sobre determinado assunto. Encontram-se mais coisas sobre o tópico/tema do que sobre o próprio eu enunciador.

Vion (1992, p. 241-242) reafirma isso quando propõe que:

A modalização é a atividade pela qual os sujeitos inscrevem os conteúdos que eles constroem juntos, em perspectivas (pontos de vista) particulares. Essas perspectivas dizem respeito ao possível, ao desejável, ao necessário, ao facultativo, ao imaginário, ao provável, etc. Não se pode atribuir uma modalidade a um enunciado isolado ou fora de contexto, nem tampouco analisar a modalização como uma atividade que estria sob a única dependência do sujeito falante. A inserção das produções de linguagem numa ou noutra perspectiva permanece subordinada à lógica da interação, de modo que a atividade de cada um é feita de adaptação, de projeção, de negociação.

Compreendidas dessa forma, todas as modalizações funcionam como deslocamento de perspectiva. Percebe-se que é possível modalizar a partir da própria fala, ou a partir dos

enunciados do interlocutor. Vistas desse modo, as modalizações podem ser iniciativas quando o sujeito modalizador toma a iniciativa de efetuar-las (autoliberadas), ou reativas (heteroliberadas), quando o sujeito cria as modalizações a partir dos comportamentos do interlocutor (VION, 1992, p. 241-242).

Nos estudos de Querler (1996, p. 63-66), por sua vez, são apresentadas três modalidades: a modalidade intersubjetiva, a modalidade subjetiva e a modalidade objetiva. Todos os elementos linguísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, dos sentimentos e das atitudes do locutor com relação ao seu discurso, vão predominar à medida que cada locutor formaliza seu discurso com determinado objetivo.

As modalidades subjetivas são entendidas, para o autor, como aquelas associadas com a relação entre o sujeito/enunciador e o conteúdo proposicional, ou seja, são aquelas pelas quais o locutor exprime seu grau de certeza sobre o que afirma (modalidades epistêmicas. Segundo Querler (1996), esse conteúdo proposicional pode depender de um verbo do tipo saber, duvidar, ignorar etc., e em certos casos, dos verbos poder e dever. As várias possibilidades da construção dos enunciados podem ser modificadas por um advérbio modal (talvez, sem dúvida, provavelmente, certamente etc.), ou ainda por entonação ou mímica (gestos, fisionomia de dúvida).

Com o objetivo de ilustrar as definições propostas pelo autor, adaptamos para o português alguns exemplos apresentados por Querler (1996):

Paulo **talvez** esteja chegando.

Paulo **pode está** chegando.

Sem dúvida que Paulo está chegando.

Paulo está **provavelmente** chegando.

Eu não sei se Paulo está chegando.

Eu tenho dúvida que Paulo esteja chegando.

Eu duvido que Paulo esteja chegando.

Paulo está **certamente** chegando.

Paulo deve estar chegando.

Observa-se, nos exemplos acima, que há várias possibilidades de lexicalização de uma mesma modalidade, ou de diferentes modalidades veiculadas por meio de um mesmo

item lexical.

Assim sendo, por sua vez, Ingedore (1996), considera as modalidades como parte da atividade ilocucionária, já que revelam a atitude do falante perante o enunciado que produz.

Outro aspecto abordado por Querler (1996), em relação às modalidades, é que o locutor também pode exprimir sua apreciação sobre o conteúdo proposicional (modalidades apreciativas e indignação). Isso acontece com o emprego de diversos marcadores entonativos lexicais e morfológicos.

Os exemplos 1) e 2), logo abaixo, revelam a possibilidade de construção de um discurso em que a modalização se dá por apreciação ou indignação:

1) Aprovação/apreciação:

Ainda bem que as coisas estão ótimas com Paulo.

As coisas estão bem com Paulo, felizmente.

2) Indignação:

Infelizmente Paulo trabalha dessa forma.

Lamentavelmente está chovendo.

A modalidade intersubjetiva, para o autor,

é a relação estabelecida entre o sujeito/enunciador e um outro sujeito a respeito do conteúdo proposicional. O sujeito/enunciador ordena, aconselha, sugere, pede, dá permissão, etc., a alguém para fazer determinada coisa. Os verbos *poder*, *dever*, *ser preciso*, em alguns de seus empregos, podem pertencer à modalidade intersubjetiva (QUERLER 1996, p. 64).

Ele afirma, ainda, que as modalidades deônticas (autorização, permissão etc.) podem pertencer à modalidade intersubjetiva.

Alguns exemplos a considerar:

Eu gostaria que você fechasse a janela.

Você poderia fechar a janela?

Você pode fechar a janela?

Feche a janela.

Você deveria fechar a janela.

É preciso que você feche a janela.

Eu permito que você feche a janela.

A modalidade objetiva não depende da vontade, do julgamento ou de uma apreciação do locutor. O sujeito/enunciador asserta que “p” implica “q”. Esse tipo é chamado por Querler (1996) de modalidades implicativas. O que o autor considera como implicações, num sentido mais amplo, “são as relações de condição, consequência, finalidade, oposição”. É o que mostram os seguintes exemplos:

Para crescer é preciso comer.

Modalizador de finalidade

Ele é tão grande que não pode passar pela porta

↓
Modalizadores de consequência

Considerando o que vimos até agora, podemos afirmar que, em relação aos textos aqui analisados, as modalidades permitem ao leitor/escritor marcar a distância relativa em que ele se encontra com relação ao enunciado que produz, seu maior ou menor grau de envolvimento em relação ao que é dito. Esse recurso determina, ainda, o grau de tensão que se estabelece entre os interlocutores, possibilitando, também, esclarecer os tipos de ato que deseja realizar e fornecer pistas quanto às suas intenções, ou seja, quanto ao seu próprio comunicativo: fazer elogios ou críticas às reportagens da revista *Veja*. Em nossa análise, seguiremos de perto as modalidades propostas por Querler (1990), sobretudo por seu caráter operatório na sistematização das ocorrências discursivas observadas.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 AS CARTAS

Quando definimos a linguagem como um meio de comunicação, estamos apenas especificando uma das várias funções que ela engloba. No ato discursivo propriamente dito, e por trás dele, existe um complexo processo de relações textuais e contextuais intimamente ligadas que servem a vários propósitos, além do ato de informar.

A carta, enquanto “unidade funcional da língua empregada em situações características da ausência de contato imediato entre emissor e receptor” (PAREDES, 1997, p. 119), é, antes de tudo, uma forma de comunicação interpessoal. Nesse sentido, ela tende a preservar algumas características da conversação. Afinal, a carta pode ser entendida como uma espécie de conversa que se estabelece entre pessoas que estão distantes fisicamente.

Diante da diversidade de propósitos a que as cartas se prestam, conclui-se que elas são gêneros que possuem uma acentuada heterogeneidade nos elementos que configuram as suas organizações, já que o propósito comunicativo é refletido na estrutura discursiva de cada gênero. Nesse sentido, no que diz respeito às cartas pessoais, pode-se verificar o uso de estratégias que asseguram proximidade, afetividade e envolvimento, estreitando as relações interpessoais.

As cartas direcionadas à revista *Veja* – as cartas ao editor – correspondem aos espaços destinados aos leitores, em revistas ou jornais, para que possam expressar pareceres pessoais, favoráveis ou não, sobre matérias publicadas. Conforme o próprio nome sugere, esse tipo de carta é endereçado aos editores que, após efetuarem uma seleção prévia, seguindo critérios específicos de cada empresa jornalística, publicam-nas. Segundo Sotillo e Starace-Nastasi (1999 p. 251, grifo do autor), o gênero cartas ao editor constitui:

Um meio-termo entre os domínios privado e público, pois os leitores/escritores expressam suas vozes individuais em um fórum público, a respeito de assuntos de importância para eles. A seleção e editoração das cartas, entretanto, permanecem sob o controle de um editor. Embora um certo grau de “limpeza” editorial seja efetuado, para garantir que não sejam difamatórias ou grosseiramente ofensivas, as cartas ao editor podem nos trazer *insights* sobre dimensões socioculturais de uma comunidade, conforme evidenciadas pelos leitores/escritores.

A linguagem presente nas cartas direcionadas à revista *Veja* se constitui de uma certa unidade funcional da língua, tendo em vista a situação em que são produzidas, considerando-se os níveis sociocultural e econômico do emissor, sua idade, seu sexo etc. Esses aspectos situacionais potencializam o uso de marcas interativas diversificadas.

Iniciamos a nossa análise remetendo a uma pergunta feita por Paredes (1997): “Afinal, qual o propósito de uma carta pessoal?”. Para a autora, o gênero carta é muito amplo, não dando conta da diversidade de textos e de propósitos nele encontrados.

Excetuando-se o formato externo – cabeçalhos, data, assinatura – e algumas expressões frequentes em suas seções iniciais e finais, o corpo da carta permite qualquer tipo de comunicação: desde as vantagens de um determinado cartão de crédito até informações sobre condomínio, passando pelas esferas do amigo que mora no interior. O gênero carta é, pois, a concretização das estruturas de informação sob uma organização típica, para uso em contextos específicos.

Diante dessa perspectiva de que as cartas são consideradas a partir do propósito comunicativo, da intenção do emissor ao escrevê-las, faremos a análise do nosso *corpus*, estabelecendo categorias que se relacionam à intenção do emissor, como pedido, convite, agradecimento, informação, congratulações etc. Conforme Paredes (1997), o termo carta faz referência ao meio de comunicação, mas lhe falta, como categoria, uma indicação de propósito suficiente para alcançar o status de gênero; e ainda, a carta é um rótulo conveniente para uma reunião supragenérica de discursos.

Como dissemos anteriormente, o trabalho desenvolvido nesta pesquisa busca analisar as marcas de envolvimento nas cartas ao editor direcionadas à revista *Veja*, verificando como os leitores/escritores organizam seu discurso, ou seja, que modalizadores utilizam para chegar ao seu propósito comunicativo. Esse é o nosso ponto de partida para identificarmos as cartas publicadas na revista *Veja*, no sentido de melhor situá-las no âmbito do gênero carta ao editor, visto que podemos estabelecer categorias que se relacionam à intenção do emissor e ao seu propósito comunicativo.

Para uma melhor organização e análise, as cartas a seguir foram transcritas na íntegra, identificadas com etiquetas informando seu propósito comunicativo, sendo assim identificadas como CE (Cartas de Elogio) ou CC (Cartas de Crítica); em seguida, há o assunto/tema que está sendo abordado na carta com a data, número e edição da publicação da revista. As cópias dos textos dos originais estão no Anexo A. A transcrição será organizada em dois blocos, identificados como Cartas de Elogio – CE e Cartas de Crítica – CC:

Cartas de Elogio CE

CE1-Gugu
2 de maio de 2001
Nº 17/34 – Edição 1698

“Sou leitor assíduo de VEJA e fã incondicional do apresentador Augusto Liberato desde os tempos de minha adolescência, quando me divertia com meus amigos assistindo e dançando a *Dança do Passarinho* (O poderoso Gugu, 25 de abril)”. AVB. Macaé. RJ

CE2-Envelhecimento
18 de julho de 2001
Nº 28/34 – Edição 1709

“Sou assinante de VEJA há mais ou menos dezessete anos e confesso que fui surpreendida com a reportagem de capa (‘Como ser jovem por mais tempo’, 11 de julho), que me impressionou muito pela qualidade. Principalmente por me enquadrar quase que totalmente nos comportamentos decisivos para a boa saúde física e mental. Quando recebi a revista e vi a capa, vibrei de alegria, e posso dizer que passei um fim de semana feliz, comentando a matéria e indicando-a a meus amigos”. Geni Leika Hirano H./São Paulo, SP

CE3-Envelhecimento
18 de julho de 2001
Nº 28/34 – Edição 1709

“Parabéns pela reportagem. Com certeza ela vai fazer várias pessoas repensarem suas atitudes. Muitas se dedicarão um pouco mais ao esporte e tentarão se cuidar melhor. VEJA, com esta matéria, mostra o que é uma revista informativa e educativa”. Marcos Procópio/São Paulo, SP

CE4-Gays e lésbicas
25 de julho de 2001
Nº 29/34 – Edição 1710

“Vivo com meu companheiro há quatros anos e já algum tempo estamos amadurecendo a ideia de adotar uma criança. Essa reportagem fortalece ainda mais o nosso objetivo, não pelo fato de queremos formar uma família socialmente aceita (isso não será possível), mas para podermos dar a um ser humano amor, saúde, educação e cultura. Ressalto também a colocação adequadíssima em todo o texto da palavra “orientação”, e não “opção” sexual, pois em momento algum eu optei por ser homossexual”. Júlio Lopér.

CE5 A vida sem patrão
25 de julho de 2001
Nº 25/34 – Edição 1706

“Achei a reportagem (A vida sem patrão” de 20 de julho) sensacional. Justamente neste momento, em que estou pensando em me tornar um empreendedor, a melhor revista semanal do país publica uma reportagem que com certeza me ajudará a pensar melhor no assunto. Parabéns a equipe de VEJA!” Marcos Pinheiro/São Paulo,SP

CE6-Homens
29 de agosto de 2001
Nº 34/34 – Edição 1715

“Homens também choram” (22 de agosto) é uma reportagem corajosa que mexe no fundo de nossos sentimentos e nos faz rever nossos conceitos de homem/macho e de masculinidade. Mostra nossas fraquezas e nos dá algumas dicas. Mais uma vez VEJA superou-se. Jorge Pedrosa-Niterói, RJ

CE7-Homens
29 de agosto de 2001
Nº 34/34 – Edição 1715

“Valeu, VEJA. Lutemos pelo fim do super-herói estereotipado, sem sentimento, sem vida, sem sabor. Os homens também choram, sentem dor, angústia, medo, desejos, carências”.
Suelly Maux/Porto Alegre, RS

CE8-Trabalho
7 de novembro de 2001
Nº 44/34 – Edição 1725

“Cumprimento VEJA pela necessária e brilhante reportagem de capa “Cale a boca, incompetente” (31 de outubro). E também pela descrição direta e verdadeira das humilhações que o ser humano é obrigado a suportar em seu ambiente de trabalho. Um forte motivo para seu chefe destratá-lo é o sentimento da concorrência que ele acha que você estabeleceu com ele. Algumas vezes imaturos, despreparados, inseguros e invejosos, determinados chefes tem medo de sua evolução e sucesso e de você tomar o lugar deles”. Daniella Coimbra T/São Paulo, SP

CE9-Trabalho
7 de novembro de 2001
Nº 44/34 – Edição 1725

“Tive chefes como os citados na reportagem, engoli muito sapo. Ao sair da universidade, fui contratada por uma multinacional na qual tive um superior que queria que eu assumisse seus erros. Além disso, forçava-me a trabalhar até mais tarde nos dias de minhas aulas de alemão e me obrigava a ir à empresa aos sábados sem motivo. Vivíamos (eu e minha equipe) um terror diário, que durou quase quatro anos, até sua partida, que foi devidamente comemorada por todos”. Leslie Oliveira H.

CE10-Língua Port.
14 de nov. de 2001
Nº 45/34 – Edição 1726

“A reportagem de capa ‘Falar e escrever, eis a questão’ (7 de novembro) mostra quanto VEJA contribui para a cultura do país. Um texto dessa magnitude deveria ser lido e discutido por todos os professores de português em suas aulas. Ler essa reportagem equivale a muitas aulas dessa matéria. Parabéns pelo magnífico trabalho. A propósito, acertei 32 das 35 questões propostas pelo professor Pasquale”. Ronaldo.J.Cardoso Jataí, GO

CE11 Televisão
28 de nov. de 2001
Nº 47/34 – Edição 1728

“Casa dos Artistas é fascinante tanto para o público quanto para qualquer psicoterapeuta. Silvio Santos acertou em cheio, pois nunca mais a TV brasileira será a mesma: trata-se de um divisor de águas. O programa expõe os participantes sem a costumeira aura de ídolos. VEJA tem razão: todos eles fazem gênero, mas é impossível representar 24 horas por dia (‘Pelo buraco da fechadura’) 21 de novembro”. Marcos Adriano Rodrigues da S./Olinda, PE.

Cartas de crítica – CC

CC1-Gugu
2 de maio de 2001
Nº 17/34 – Edição 1698

“É sempre bom ver pessoas obtendo sucesso por meio de trabalho digno e realizado com dedicação. É uma pena, no entanto, que nesse caso a ascensão esteja diretamente relacionada à derrocada de nossos valores e à supremacia do mau gosto na TV brasileira”. *FR.* São Paulo/SP

CC2-Divórcio
2 de junho de 2001
Nº 24/34 – Edição 1705

“É preciso mostrar de forma positiva que nem sempre se divorciar é motivo de guerra. Fui casada com um dos empresários mais ricos do país e na separação tivemos um único advogado, com o qual saímos facilmente dos problemas. Estamos há nove anos separados e somos amigos até hoje. É importante lembrar que o dinheiro não é o mais importante. O carinho, o respeito e a amizade devem ser preservados principalmente quando existem filhos”. (‘Duelo na separação conjugal’, 13 de junho). Cristiane Martins L. Uberlândia, MG

CC3-Divórcio
20 de junho de 2001
Nº 24/34 – Edição 1705

“No ‘guia’ da separação, na matéria de VEJA, no qual fui lembrado, faltou a importante sugestão da escolha de um responsável e competente advogado (como, aliás, foi o meu). Muitas vezes as partes envolvidas seguem orientações desequilibradas, que só tornam os litígios ainda mais exacerbados, trazendo às famílias, na maioria das vezes, traumas insuperáveis e totalmente desnecessários. Separar é voltar a sonhar, e não viver em pesadelo, ainda que por algum tempo tenhamos de conviver com a lembrança de levianas e infundadas acusações”. Francisco Scarpa

CC4- Divórcio
20 de junho de 2001
Nº 24/34 – Edição 1705

“Apesar de ser um tema sobejamente debatido, de vez em quando surgem casos que chamam a atenção, seja por disputa dos bens, transformando-se em judiciais. Discordo dos autores da matéria quando dizem que o divórcio ‘nada tem de diabólico’, pois seus efeitos atingem em cheio à família e à sociedade. Os filhos sofrem terrivelmente e ficam marcados para toda a vida”.
Lenita Soares/Rio de Janeiro, RJ.

CC5-Envelhecimento
18 de junho de 2001
Nº 28/34 – Edição 1709

“Para que os idosos mantenham seu padrão de vida e até mesmo o melhorem, somente a atividade física não resolve. É necessário fazer a reposição hormonal, pois a falta de hormônio, principalmente a testosterona e o hormônio de crescimento, é que leva ao envelhecimento, ao acúmulo de gordura, ao desânimo, à impotência sexual, a depressões etc., sem a reposição não há como manter o padrão de vida e prevenir doenças típicas dos idosos, tais como diabetes, hiperplasia da próstata, obesidade”.
Doutor César de Souza

CC6-Gays e lésbicas
25 de julho de 2001
Nº 29/34 – Edição 1710

“Essas pessoas que se dizem como ‘orientação’ homossexual na verdade estão completamente desorientadas. Não quero ser politicamente incorreto, mas, se essas ‘famílias’ pudessem se encaradas como ‘normais’, Deus teria criado outras opções, como Adão e Evandro ou Ada e Eva. O problema é que não teríamos a humanidade, descendente de Adão e Eva”. A.R. Machado/Vila Velha, ES

CC7-Língua Portuguesa
14 de nov. de 2001
Nº 57/34 – Edição 1726

“O professor Pasquale é um grande guru no ensino do falar e escrever bem em português. Como acadêmica de letras, convivo com a dificuldade das pessoas no emprego da linguagem culta e na tentativa de se expressarem com clareza e coerência. A popularização do e-mail trouxe marcas da oralidade para a escrita, e isso ameaça mais o uso do português culto. Não é preciso ser um estudioso da área para entender que a maneira correta de falar e escrever é quesito fundamental em qualquer profissão. E isso não é preconceito. É uma questão de consciência”. Daniela Nogueira/Fortaleza, CE

CC8-Televisão
28 de nov. de 2001
Nº 47/34 – Edição 1728

“Um verdadeiro laboratório de experiências científicas sobre o comportamento humano. Cada cobaia exótica pode provar as teses de Freud ou de qualquer outro pesquisador do comportamento humano. Em minha tese, o que fica mais evidente entre os participantes é a busca do território pessoal. Nas situações mais corriqueiras do programa, a invasão do espaço pessoal de cada artista é sentida como algo desagradável”. Sergey Guimarães/Goiânia, GO

CC9- Televisão
28 de nov. de 2001
Nº 47/34 – Edição 1728

“Silvio Santos deve estar se sentindo um rei por estar ganhando, em ibope, até do *Fantástico*. Isso é ruim para o povo brasileiro, que, ingênuo, deixa de receber informações para acompanhar artistas retirados do fundo do baú e trancafiados em uma casa”. Ronan/Muriaé, MG

4.2 AS MODALIZAÇÕES

A análise a seguir se fundamenta na perspectiva das modalidades subjetivas (VION, 1992), aquelas com que o leitor/escritor exprime sua apreciação sobre o conteúdo proposicional, através de diversos marcadores lexicais e morfológicos. A primeira parte (marcada pelo item “a”), diz respeito às cartas de elogio, e a segunda (marcada pelo item “b”), está relacionada às cartas de crítica. A análise será apresentada em função de quatro categorias (adjetivo, verbo, advérbio e expressões enfáticas), tomadas como base para a sistematização das ocorrências de modalização nos textos observados.

4.2.1 O Adjetivo

A modalização, através do adjetivo tem o efeito de incidir sobre aquilo de que se fala, mas revela, ao mesmo tempo, o grau de envolvimento do leitor/escritor com o que ele está falando em relação ao conteúdo proposicional. Na análise feita a seguir, observa-se que o adjetivo é revelado como um elemento linguístico, um modalizador ligado ao evento de produção do enunciado e que serve para indicar as intenções, opiniões e atitudes do leitor/escritor.

a) Cartas de Elogio – CE

Os exemplos a seguir veiculam claramente o envolvimento do leitor/escritor com o tema (CHAFE, 1985). O elogio é construído por modalizadores, os adjetivos, que revelam a consideração pessoal do que foi abordado na reportagem.

Exemplos:

CE1 – “Sou leitor **assíduo** de VEJA e fã **incondicional** do apresentador Augusto Liberato desde os tempos de minha adolescência, [...]”

CE2 – “[...] nos comportamentos **decisivos** para a **boa** saúde física e mental/passei um fim de semana **feliz**, comentando a matéria e indicando-a a meus amigos”.

CE3 – “[...] VEJA, com esta matéria, mostra o que é uma revista **informativa e educativa**”.

CE4 – “[...] Ressalto também a colocação **adequadíssima** em todo o texto da palavra ‘orientação’, e não ‘opção’ sexual, pois em momento algum eu optei por ser homossexual”.

CE5 – “Achei a reportagem (A vida sem padrão de 20 de julho) **sensacional**.”

CE6 – “Homens também choram” (22 de agosto) é uma reportagem **corajosa** que mexe no fundo de nossos sentimentos e nos faz rever nossos conceitos de homem/macho e de masculinidade”.

CE8 – “Cumprimento VEJA pela **necessária** e **brilhante** reportagem de capa ‘Cale a boca, incompetente’ (31 de outubro). E também pela descrição **direta e verdadeira** das humilhações que o ser humano é obrigado a suportar em seu ambiente de trabalho. Um **forte** motivo para seu chefe destratá-lo é o sentimento da concorrência que ele acha que você estabeleceu com ele. Algumas vezes **imaturos, despreparados, inseguros e invejosos**, determinados chefes têm medo de sua evolução e sucesso e de você tomar o lugar deles”.

CE10 – “Parabéns pelo **magnífico** trabalho”.

CE11 – “*Casa dos Artistas* é “**fascinante**” tanto para o público quanto para qualquer psicoterapeuta. VEJA tem razão: todos eles fazem gênero, mas é “**impossível**” representar 24 horas”.

Na CE1, o leitor/escritor, inicialmente, manifesta seu grau de envolvimento com o que é enunciado, revelando-se ser um leitor “**assíduo**” da revista e um fã “**incondicional**” do artista tratado na reportagem, Gugu Liberato; na CE2, observamos os adjetivos que qualificam algo que é abordado na reportagem: “[...] nos comportamentos **decisivos** para a **boa** saúde física e mental [...] passei um fim de semana **feliz**”; as qualidades atribuídas às reportagens, também são percebidas na CE3, o leitor/escritor usa adjetivos bastante persuasivos como “**informativa e educativa**”; na CE4, o adjetivo “**adequadíssima**” no grau superlativo marcou o enunciado, já que, para o leitor/escritor, a revista Veja acertou ao chamar de “orientação” e não de “opção” homossexual; na CE5, o adjetivo “**sensacional**” se destaca, no enunciado, logo de início, o leitor/escritor deixa claro seu envolvimento com a reportagem; na CE6, o adjetivo “corajosa”, atribuído à reportagem, demonstra o grau de envolvimento do leitor/escritor, já que, segundo ele, mexe com a masculinidade.

Na CE8, a leitora/escritora construiu seu texto com adjetivos, envolvendo-se com o tema, num primeiro momento, atribui qualidades à reportagem: “**necessária e brilhante**”, por

ter abordado sobre as humilhações num ambiente de trabalho, ao dizer que houve descrição “**direta e verdadeira**”, para falar das humilhações dos chefes para com os empregados; ainda, utilizou, em relação à matéria, os adjetivos “**imaturos, despreparados, inseguros e invejosos**”, os quais foram direcionados ao chefe, que é citado na reportagem, e não à reportagem. O leitor/escritor, na CE10, constrói seu elogio à reportagem com o adjetivo “**magnífico**”. Na CE11, a leitora faz elogios a algo que é citado, ao dizer: “Casa dos Artistas é **fascinante** [...] mas é **impossível** representar 24 horas”.

Diante disso, verificamos que os leitores/escritores, ao usarem adjetivos, mesmo que estejam qualificando a reportagem enquanto texto, ou mencionando algo a que a reportagem se refere, modalizam seu discurso de forma subjetiva, com uma apreciação positiva, escolhendo adjetivos bastante enfáticos, construindo assim, o elogio. A linguagem, dessa forma, ganha um ar informal, às vezes, irreverente, a qual confere um caráter ainda mais de envolvimento de leitores/escritores em relação à determinada reportagem.

b) Cartas de Críticas – CC

Os exemplos a seguir são retirados das cartas cujo propósito comunicativo é fazer uma crítica, em que os leitores/escritores modalizam seu discurso através de adjetivos que caracterizam, de uma forma negativa, o que está sendo relatado.

Exemplos:

CC3 – “faltou a **importante** sugestão da escolha de um **responsável e competente** advogado que dá orientações **desequilibradas**/os litígios ainda mais **exacerbados** [...] traumas **insuperáveis** e totalmente desnecessários [...] lembranças de **levianas** e infundadas **acusações**”.

CC6 – “Essas pessoas que se dizem como ‘orientação’ homossexual na verdade estão completamente **desorientadas**. Não quero ser politicamente incorreto, mas, se essas ‘famílias’ pudessem ser encaradas como ‘**normais**’, Deus teria criado outras opções, como Adão e Evandro ou Ada e Eva. O problema é que não teríamos a humanidade, descendente de Adão e Eva”.

CC7 – “O professor Pasquale é um grande **guru** no ensino do falar e escrever bem em português. Como **acadêmica** de letras, convivo com a dificuldade das pessoas no emprego da linguagem culta e na tentativa de se expressarem com clareza e coerência. A popularização do e-mail trouxe marcas da oralidade para a escrita, e isso ameaça mais o uso do português culto. Não é preciso ser um **estudioso** da área para entender que a maneira correta de falar e escrever é quesito fundamental em qualquer profissão. E isso não é **preconceito**. É uma questão de consciência”.

CC8 – “Um verdadeiro laboratório de experiências científicas sobre o comportamento humano. Cada cobaia **exótica** pode provar as teses de Freud ou de qualquer outro pesquisador do comportamento humano. Em minha tese, o que fica mais evidente entre os participantes é a busca do território pessoal. Nas situações mais **corriqueiras** do programa, a invasão do espaço pessoal de cada artista é sentida como algo **desagradável**”.

CC9 – “Silvio Santos deve estar se sentindo um rei por estar ganhando, em ibope, até do *Fantástico*. Isso é ruim para o povo brasileiro, que, **ingênuo**, deixa de receber informações para acompanhar artistas retirados do fundo do baú e trancafiados em uma casa”.

Na CC3, o leitor/escritor constrói seu discurso através de adjetivos, a crítica que ele faz à reportagem está modalizada com o adjetivo “**importante**”. Em seguida, atribui outras qualidades, “**responsável e competente**”, fundamentando seu discurso; ressalta que faltou na reportagem sobre “divórcio” a sugestão de um advogado **responsável e competente** para que a separação não traga consequências negativas às partes envolvidas. Há a presença de outros adjetivos que moldam o que o leitor/escritor afirma no decorrer do texto, isso é claramente percebido quando ele afirma que “há um advogado que dá orientações **desequilibradas**, torna os litígios ainda mais **exacerbados**, resultando em traumas **insuperáveis e desnecessários**”. O leitor/escritor ainda ressalta que: “separar é voltar a sonhar, mesmo tendo que conviver por algum tempo com a lembrança de **levianas e infundadas** acusações”. Há uma construção do discurso moldado por adjetivos, sobretudo nos argumentos que o leitor/escritor utilizou para sustentar a sua crítica.

Outros exemplos que também se moldam através de adjetivos foram encontrados na CC6 – “completamente **desorientadas** [...] politicamente **incorreto** [...] encaradas como **normais**”, percebe-se que o leitor/escritor se refere à reportagem de forma negativa, por esta abordar sobre a sexualidade de forma equivocada. Na C7, a leitora/escritora caracteriza o

professor como “grande **guru**” da língua portuguesa, mas ao fazer a crítica de que as marcas da oralidade têm influenciado no português culto, ela se qualifica como “**acadêmica**”, num propósito de mostrar que também tem conhecimento do que está sendo enunciado.

Na CC8 – “Cada cobaia **exótica** [...] Nas situações mais **corriqueiras** do programa, a invasão do espaço pessoal de cada artista é sentida como algo **desagradável**”; o adjetivo “**desagradável**” norteia todo o propósito comunicativo do leitor/escritor, há um envolvimento deste, num estágio de indignação diante das situações vivenciadas pelos participantes no programa. Na C9, o leitor/escritor sustenta sua crítica com o adjetivo “**ingênuo**”, pois, segundo ele, a audiência do SBT acontece pelo fruto da ingenuidade do povo brasileiro, que deixa de receber informações do *Fantástico* para assistir a um programa de artistas.

Nas cartas de críticas analisadas, observamos que o adjetivo é enfatizado com o objetivo de modalizar a crítica.

4.3 ELIPSE VERBAL

A modalização marcada pela elipse verbal, da 1ª pessoa do singular, revela um maior envolvimento do leitor/escritor com o tema da reportagem.

a) Cartas de Elogio – CE

Os leitores/escritores se envolvem mais com o tema, por meio de argumentos que passam a dá mais credibilidade e ênfase ao que eles comentam. Com isso, revela-se um envolvimento explícito do leitor/escritor com seu propósito comunicativo, nesse caso, o elogio.

Exemplos:

CE1 – “**Sou** leitor assíduo de VEJA e fã incondicional do apresentador Augusto Liberato desde os tempos de minha adolescência, [...]”.

CE2 – “**Sou** assinante de VEJA há mais ou menos dezessete anos e **confesso** que **fui** surpreendido com a reportagem de capa que [...] Quando **recebi** a revista e **vi** a capa, **vibrei** de alegria, e **posso** dizer que **passei** um fim de semana feliz, comentando a matéria e indicando-a a meus amigos”.

CE4 – “**Vivo** com meu companheiro há quatros anos e já algum tempo estamos amadurecendo a ideia de adotar uma criança. Essa reportagem fortalece ainda mais o nosso objetivo, não pelo fato de queremos formar uma família socialmente aceita (isso não será possível), mas para podermos dar a um ser humano amor, saúde, educação e cultura. **Ressalto** também a colocação adequadíssima em todo o texto da palavra “orientação”, e não “opção” sexual, pois em momento algum eu optei por ser homossexual”.

CE5 – “**Achei** a reportagem (A vida sem patrão” de 20 de julho) sensacional. Justamente neste momento, em que **estou** pensando em me tornar um empreendedor, a melhor revista semanal do país publica uma reportagem que com certeza me ajudará a pensar melhor no assunto. Parabéns a equipe de VEJA!”.

CE7 – “Valeu, VEJA. **Lutemos** pelo fim do super-herói estereotipado, sem sentimento, sem vida, sem sabor. Os homens também choram, sentem dor, angústia, medo, desejos, carências”.

CE8 – “**Cumprimento** VEJA pela necessária e brilhante reportagem de capa “Cale a boca, incompetente” (31 de outubro)”.

CE9 – “**Tive** chefes como os citados na reportagem, **engoli** muito sapo. Ao sair da universidade, **fui** contratada por uma multinacional na qual **tive** um superior que queria que eu assumisse seus erros [...]”.

Na CE1, o leitor/escritor torna-se participante ativo do enunciado, através do verbo “**sou**”, o qual revela uma postura permanente de emissor. Na CE2, o verbo “**sou**” também reforça esse estado do leitor/escritor, informando que é assinante da revista Veja durante mais ou menos dezessete anos, e que, apesar desse tempo todo, ele se surpreendeu com a qualidade da reportagem; ainda ressalta, durante o enunciado, o seu envolvimento com a reportagem através das elipses verbais: “**confesso, fui, recebi, vi, vibrei, posso e passei**”. Na CE4, os verbos “**vivo**” e “**ressalto**” funcionam como marcadores de envolvimento, para que o interlocutor perceba que, além de ele, o leitor/escritor, ter conhecimento do fato, o vivenciou. Na CE5, o verbo *achar*, em “**Achei** a reportagem sensacional [...]”, o leitor/escritor compromete-se, de início, com sua opinião.

Na CE7, o leitor/escritor usa a elipse verbal “**lutemos**”, já com o propósito de não só ele se envolver com o enunciado, mas também o interlocutor. Na CE8, há o verbo “**cumprimento**”, para fazer congratulações sobre a reportagem.

O fato de o leitor/escritor se incluir na temática discutida da reportagem, por meio dos verbos, enfatiza seu envolvimento com a reportagem, não se trata apenas de mais uma opinião sobre o que está sendo publicado, trata-se de um comprometimento bem maior; afinal, ele revela sua intimidade, sua vida pessoal. Os verbos destacados acima reforçam o envolvimento do leitor/escritor com a reportagem.

Os enunciados em primeira pessoa, em que o leitor/escritor faz seu elogio, têm o objetivo de dá mais credibilidade ao discurso, já que ele se coloca como sujeito ativo dessas ações. Isso, com certeza, legitima o que vem a ser o propósito da carta.

b) Cartas de críticas – CC

Nas cartas de crítica analisadas, o modalizador elipse verbal ocorreu com menor frequência; todavia, não podemos afirmar que esse tipo modalizador não seja mais usado, apenas nos referimos ao nosso *corpus* em análise.

Exemplos:

CC2 – “É preciso mostrar de forma positiva que nem sempre se divorciar é motivo de guerra. **Fui** casada com um dos empresários mais ricos do país e na separação **tivemos** um único advogado, com o qual **saímos** facilmente dos problemas. **Estamos** há nove anos separados e somos amigos até hoje. É importante lembrar que o dinheiro não é o mais importante. O carinho, o respeito e a amizade devem ser preservados principalmente quando existem filhos”.

CC3 – “No ‘guia’ da separação, na matéria de VEJA, no qual **fui** lembrado, faltou a importante sugestão da escolha de um responsável e competente advogado (como, aliás, foi o meu)”.

CC4 – “Apesar de ser um tema sobejamente debatido, de vez em quando surgem casos que chamam a atenção, seja por disputa dos bens, transformando-se em judiciais. **Discordo** dos autores da matéria quando dizem que o divórcio ‘nada tem de diabólico’, pois seus efeitos atingem em cheio a família e a sociedade. Os filhos sofrem terrivelmente e ficam marcados para toda a vida”.

CC6 – “Essas pessoas que se dizem como ‘orientação’ homossexual na verdade estão completamente desorientadas. Não **quero ser** politicamente incorreto, mas, se essas ‘famílias’ pudessem se encaradas como ‘normais’, Deus teria criado outras opções, como Adão e Evandro ou Ada e Eva. O problema é que não teríamos a humanidade, descendente de Adão e Eva”.

CC7 – “O professor Pasquale é um grande guru no ensino do falar e escrever bem em português. Como acadêmica de letras, **convivo** com a dificuldade das pessoas no emprego da linguagem culta e na tentativa de se expressarem com clareza e coerência”.

Na CC2, com o verbo “**fui**”, a leitora/escritora revela sua vida pessoal, a fim de dá mais ênfase a sua crítica, ao afirmar que nem sempre divorciar-se é motivo de guerra, apesar de ter sido casada com um homem bem-sucedido, não teve problemas na separação; assim, por ter vivenciado tal situação, sente-se com mais propriedade para criticar a reportagem. Na CC3, há também o verbo “**fui**”, por meio do qual o leitor/escritor se reafirma como crítico convicto do assunto abordado – a necessidade de ter um advogado competente – já que o mesmo foi mencionado na reportagem. Na CC4, o verbo “**discordo**” reforça a posição da leitora/escritora em relação à reportagem, enfatiza a crítica aos autores da matéria, ao afirmar que o divórcio “não tem nada de diabólico”, argumentando que os filhos serão sempre vítimas de uma separação.

Na CC6, o leitor/escritor se envolve ao afirmar: “Não **quero ser** politicamente incorreto [...]”; em seguida, faz a crítica à reportagem, no que diz respeito aos relacionamentos homoafetivos. Na CC7, para argumentar sua crítica, o leitor/escritor se diz passar pela situação criticada por ele, por meio do modalizador “convivo”, havendo, assim, um maior envolvimento com o enunciado.

4.3.1 Advérbios

O discurso, construído através de advérbios modais, expressa o envolvimento do leitor/escritor com o texto. Esses modalizadores revelam o grau de comprometimento/engajamento dos leitores/escritores com relação ao seu enunciado e, o grau de certeza com os fatos enunciados, pois esses fatos estão de alguma forma relacionados com situações vividas pelo leitor/escritor.

a) Cartas de Elogio – CE

Para esta análise, observamos as cartas a seguir:

CE2 – “Sou assinante de VEJA há mais ou menos dezessete anos e confesso que fui surpreendida com a reportagem de capa (‘Como ser jovem por mais tempo’, 11 de julho), que me impressionou muito pela qualidade. **Principalmente** por me enquadrar quase que **totalmente** nos comportamentos decisivos para a boa saúde física e mental. Quando recebi a

revista e vi a capa, vibrei de alegria, e posso dizer que passei um fim de semana feliz, comentando a matéria e indicando-a a meus amigos”.

CE5 – “Achei a reportagem (A vida sem patrão” de 20 de julho) sensacional. **Justamente** neste momento, em que estou pensando em me tornar um empreendedor, a melhor revista semanal do país publica uma reportagem que com certeza me ajudará a pensar melhor no assunto. Parabéns a equipe de VEJA!”.

Na CE2, “**principalmente** por me enquadrar quase que **totalmente** nos comportamentos decisivos para a boa saúde física e mental” –, o elogio da leitora/escritora parte da afirmação, através dos advérbios modais, de que ela se enquadra nas dicas exigidas para se ter uma boa saúde. O advérbio “**principalmente**” reafirma as congratulações à reportagem, já que a leitora/escritora faz parte – quase que “**totalmente**” – do quadro das pessoas que possuem comportamentos que contribuem para ter/alcançar uma boa saúde física e mental. Na CE5, o leitor/escritor reforça a importância da reportagem sobre empreendedorismo por, nesse momento, pensar em ser um empreendedor; o adjetivo “**justamente**” modaliza seu enunciado para enfatizar essa ideia.

b) Cartas de Críticas – CC

Os exemplos a seguir são críticas à reportagem publicada, modalizadas por advérbios:

CC1 – “É sempre bom ver pessoas obtendo sucesso por meio de trabalho digno e realizado com dedicação. É uma pena, no entanto, que nesse caso a ascensão esteja **diretamente** relacionada à derrocada de nossos valores e à supremacia do mau gosto na TV brasileira”.

CC2 – “É preciso mostrar de forma positiva que nem sempre se divorciar é motivo de guerra. Fui casada com um dos empresários mais ricos do país e na separação tivemos um único advogado, com o qual saímos **facilmente** dos problemas. Estamos há nove anos separados e somos amigos até hoje. É importante lembrar que o dinheiro não é o mais importante. O carinho, o respeito e a amizade devem ser preservados **principalmente** quando existem filhos”.

CC3 – “[...] Muitas vezes as partes envolvidas seguem orientações desequilibradas, que só tornam os litígios ainda mais exacerbados, trazendo às famílias, na maioria das vezes, traumas insuperáveis e totalmente desnecessários [...]”.

CC4 – “Apesar de ser um tema **sobejamente** debatido, de vez em quando surgem casos que chamam a atenção, seja por disputa dos bens, transformando-se em judiciais. Discordo dos autores da matéria quando dizem que o divórcio ‘nada tem de diabólico’, pois seus efeitos atingem em cheio à família e à sociedade. Os filhos sofrem **terrivelmente** e ficam marcados para toda a vida”.

CC5 – “**Somente** a atividade física não resolve [...] **principalmente** a testosterona e o hormônio de crescimento”.

CC6 – “Essas pessoas que se dizem como ‘orientação’ homossexual, na verdade estão **completamente** desorientadas. Não quero ser **politicamente** incorreto, mas, se essas ‘famílias’ pudessem ser encaradas como ‘normais’, Deus teria criado outras opções, como Adão e Evandro ou Ada e Eva. O problema é que não teríamos a humanidade, descendente de Adão e Eva”.

Na CC1, o leitor/escritor usa o advérbio “**diretamente**” para reforçar sua crítica à reportagem. Na CC2, a leitora/escritora faz sua crítica modalizada pelos advérbios “**facilmente**” e “**principalmente**”, ao afirmar que nem sempre divorciar-se é um problema, pois a situação do divórcio foi “facilmente” resolvida. Ainda reforça seu argumento de que se deve pensar em resolver a situação da melhor forma, quando há filhos, ressaltando que *devem ser preservados* **principalmente** *quando existem filhos*. Na CC3, o advérbio “**totalmente**” reforça a crítica do leitor/escritor em relação aos traumas sofridos na separação, os quais são desnecessários. Na CC4, o leitor/escritor, também, usou um advérbio “**terrivelmente**” para criticar a reportagem sobre separação, enfatizando com exagero o sofrimento dos filhos.

Observamos, na CC5, que o leitor/escritor constrói seu discurso baseado em dois advérbios: “**somente** e **principalmente**”. Segundo ele, para que o idoso mantenha sua qualidade de vida, “**somente**” a atividade física não resolve, com isso, assegura seu argumento de que faltou algo na reportagem – a reposição hormonal – “**principalmente**” a testosterona e o hormônio do crescimento. Ao se apropriar desses modalizadores, o leitor/escritor demonstra ter ciência do assunto, o que torna seu posicionamento persuasivo.

Outro exemplo típico desse modalizador, verificamos na CC6 – “na verdade, estão **completamente** desorientadas”, o leitor/escritor faz a crítica à reportagem sobre homossexualidade e reforça que as pessoas que se dizem ter orientação homossexual não estão apenas desorientadas e sim, “**completamente**”. Ao usar esse tipo de advérbio, o escritor/leitor tem a intenção de desfazer a ideia enunciada na carta.

4.4 EXPRESSÕES ENFÁTICAS

O modalizador é representado por verbos que marcam a modalidade intersubjetiva. Nessa modalidade, o leitor/escritor sugere algo que deveria ter sido abordado na reportagem.

a) Cartas de Elogio – CE

Nas cartas de elogio não foi encontrado esse tipo de modalizador, por se tratar de congratulações. Assim, uma vez que o leitor/escritor elogia a reportagem, é porque há satisfação.

b) Cartas de Críticas – CC

Os exemplos, a seguir, são marcados pelas expressões enfáticas:

CC2 – “**É preciso mostrar** de forma positiva que nem sempre se divorciar é motivo de guerra [...] **É importante lembrar** que o dinheiro não é o mais importante [...] O carinho, o respeito e a amizade devem ser preservados principalmente quando existem”.

CC5 – “Para que os idosos mantenham seu padrão de vida e até mesmo o melhora somente a atividade física não resolve. **É necessário fazer** a reposição hormonal, pois a falta de hormônio, principalmente a testosterona e o hormônio de crescimento, é que leva ao envelhecimento, ao acúmulo de gordura, ao desânimo, à impotência sexual, a depressões etc., sem a reposição não há como manter o padrão de vida e prevenir doenças típicas dos idosos, tais como diabetes, hiperplasia da próstata, obesidade”.

Na CC2, o leitor/escritor faz sua crítica à reportagem, argumentando que se divorciar não é se envolver em uma batalha. Com isso, ele sugere: “**é preciso** mostrar”, e ainda afirma, no decorrer do discurso, que “**é importante** lembrar”. Nesse sentido, é como se não houvesse outra forma de elaborar o enunciado. Outro exemplo típico da modalidade intersubjetiva pode ser observado na CC5 – “**é necessário fazer** a reposição hormonal”, em que o leitor/escritor ressalta que “**é necessário**” fazer a reposição hormonal, tendo em vista que somente os argumentos apresentados pela reportagem não bastam.

Diante da análise, é possível levantarmos alguns pontos em relação ao propósito comunicativo da carta ao editor. Quanto às cartas de elogio (CE), constatamos que os adjetivos e a elipse verbal em primeira pessoa modalizam claramente esse tipo de gênero. Das onze cartas analisadas, oito se constroem através de adjetivos, ora destinados à reportagem, ora destinados ao assunto da reportagem. Nesse sentido, podemos considerá-las cartas de elogio, pois revelam o entusiasmo e a satisfação do leitor/escritor pela reportagem publicada. Sendo assim, passamos a conferir a tais categorias modais a capacidade peculiar de configurar o elogio e evidenciar o envolvimento do leitor/escritor com o tema.

As marcas consideradas para comprovar a presença do envolvimento em nosso *corpus* foram identificadas por Chafe (1982) na língua inglesa – a voz ativa juntamente com os pronomes pessoais de primeira pessoa. Como a língua portuguesa permite o emprego da forma verbal, sem o pronome pessoal, também incluímos as ocorrências dos verbos que apresentam desinência pessoal de primeira pessoa com o pronome pessoal elítico.

O quadro abaixo mostra que, entre as onze cartas analisadas, o leitor/escritor utiliza mais a modalização através do adjetivo e da elipse verbal na primeira pessoa. Com isso, marca seu alto envolvimento com o tema, demonstrando comprometimento com o que foi enunciado.

Quadro 5 – Perfil do *corpus* – CE

Perfil das cartas de elogio – CE				
Identificação das cartas	Adjetivos	Elipse verbal	Advérbios modais	Expressões enfáticas (verbo)
CE1	X	X		
CE2	X	X	x	
CE3				
CE4	X	X		
CE5	X	X	x	
CE6	X			
CE7		x		
CE8	X	X		
CE9		X		
CE10	X			
CE11	X			

Fonte: Elaborado pela autora.

As cartas cujo propósito é fazer crítica são modalizadas, com maior incidência, por advérbios modais e, em seguida, por adjetivos. Entre as nove cartas analisadas, seis apresentaram advérbios modais e cinco apresentaram adjetivos; apenas duas apresentaram expressões enfáticas. O quadro abaixo ressalta as modalidades que prevalecem nas cartas de crítica.

Quadro 6 – Perfil do *corpus* – CC

Perfil das cartas de crítica – CC				
Identificação das cartas	Adjetivos	Elipse verbal	Advérbios modais	Expressões enfáticas (verbo)
CC1			X	
CC2		X	X	X
CC3	X	X	X	
CC4		X	X	
CC5			X	X
CC6	X		X	
CC7	X			
CC8	X			
CC9	X			

Fonte: Elaborado pela autora.

Então, de acordo com a análise dos dados, conclui-se que nas cartas ao editor, as modalizações revelam, além do propósito comunicativo, o grau de envolvimento do leitor/escritor. Nas cartas de elogio, a modalização é mais evidenciada por adjetivos e pela elipse verbal. Assim, os leitores/escritores objetivam construir congratulações, ora direcionadas à reportagem, ora à revista. E mesmo quando há a presença da elipse verbal, o adjetivo prevalece, criando um laço estreito entre o editor e o leitor/escritor, como se para o leitor não houvesse formalidades, apenas com o objetivo de demonstrar satisfação, muitas vezes de forma bastante explícita, ou até mesmo exagerada. Em relação aos advérbios modais, eles surgem com menor frequência, porque não há, para o leitor/escritor, ideias para serem retificadas, e sim para serem confirmadas, elogiadas.

Nas cartas de crítica, os adjetivos e os advérbios as modalizam, os adjetivos surgem, na maioria das vezes, com referências negativas a algo que foi publicado. Os advérbios modais são utilizados para enfatizar, o que é enunciado pelo leitor/escritor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolvemos esta pesquisa com o intuito de analisar as cartas ao editor numa perspectiva de gênero do discurso. As reflexões mostram a necessidade de se levar em conta, no estudo das modalidades, uma dupla dimensão pragmático-cognitiva da linguagem, posto que, na linguagem se evidencia a ação do homem (sujeito) sobre as coisas e fatos e sobre os outros homens. Uma reflexão encaminhada dessa maneira não pode deixar de lado a experiência do sujeito e o fato de que *forma e conteúdo* são construídos concomitantemente na linguagem. As construções linguísticas feitas pelos sujeitos, a partir de sua experiência intersubjetiva, são resultado da ação do homem sobre as coisas (configuradora desses objetos) agindo sobre o indivíduo. Nas análises das construções linguísticas, é possível acessar parte do processo pelo qual os sujeitos constroem/reconhecem as noções que entram em jogo na construção das relações e formas constitutivas do discurso.

O nosso *corpus* – cartas ao editor – está situado como gênero específico, por apresentar uma organização retórica individual típica, e ter uma função peculiar à característica do gênero. Este estudo vem contribuir para essa discussão, por abordar algumas características básicas das cartas. Observa-se que essas características se constituem, também, como exemplares de gêneros textuais, pois são efetivadas em contextos sociais peculiares, tornando-se uma prática específica.

A definição de gênero que se adota neste trabalho pode ser aqui traduzida como: os gêneros são formas de texto que conectam produtores, consumidores, tópicos, meios, maneira e ocasião, isto é, relacionam produção, recepção, texto e contexto. O gênero pode ser visto, assim observa-se nas cartas ao editor, como um tipo de acordo tácito, um contrato, entre escritores e leitores.

Concluimos, assim, que a carta ao editor, nessa perspectiva, apresenta uma estrutura da área em que se inscreve, seja para elogiar, seja para criticar. O leitor/escritor, ao articular as ideias, constrói marcas que enfatizam a escolha de estratégias individuais feitas por ele para executar sua intenção. Essas marcas e estratégias são usadas, geralmente, com o intuito de tornar o texto mais efetivo.

Nas marcas que o leitor/escritor seleciona – as modalidades – revelam o propósito comunicativo que ele deseja atingir com o seu discurso. Nas cartas de elogio, por exemplo, percebe-se que o leitor/escritor evidencia as ideias do que está sendo discutido, ou seja, não há argumentação para defender determinado ponto de vista; ao contrário, a linguagem revela

uma apreciação, que nos permite perceber que há uma linguagem extremamente informal, em que o envolvimento desse leitor/escritor torna-se bastante evidente. Já nas cartas de crítica, o leitor/escritor faz a crítica à reportagem, através de argumentos, numa linguagem mais formal, mesmo havendo um envolvimento desse leitor/escritor com o tema.

O reconhecimento de modalidades discursivas, nas cartas ao editor, possibilita a pesquisadores e leitores analisar aspectos sociais relativos às identidades sociais atribuídas ao leitor/escritor, como também analisar as estruturas léxico-gramaticais, para se chegar aos propósitos comunicativos desse gênero.

Nosso trabalho pretende, pois, somar-se a outras pesquisas, com o objetivo de fornecer pistas sobre a modalização discursiva.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARROS, Kazue Saito Monteiro de. *Redação escolar: produção textual de um gênero comunicativo? Leitura: teoria e prática*, 18, p. 34, *Revista Semestral da Associação de Letras do Brasil – ALB*. Rio de Janeiro: Mercado de Letras, 1999. p. 13-22.
- BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- BRANDÃO, H. N. Texto, gênero do discurso e ensino. In: BRANDÃO, Helena Nagamune (Coord.). *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000. (Coleção aprender e ensinar com textos, 5).
- BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um internacionalismo sócio-discursivo*. Tradução de Anna Ranchel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.
- CHAFE, W. L. Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. In: TANNER, D. (Ed.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1982. p. 35-53.
- CORACINI, M. J. E a questão da modalidade? *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Pontes – EDUC, 1991.
- CORTEZ, S. L. A progressão referencial em cartas pessoais. ENCONTRO M. E. ARAGÃO, M. S. S. de. *Anais...* Fortaleza: 1998.
- DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. *Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)*. In “Gêneros Oraís e escritos na escola”. Campinas (SP): Mercado de Letras; 2004.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- DUCROT, O. *Polifonia y argumentación*. Cali: Universidade del Valle, 1983.
- GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HERMAN, V. *Deictic projection and conceptual blending in epistolarity*. Disponível em: <http://www.press.jhu.edu/journals/poeticstoday/v020/20.3herman.html>. Acesso em: 2003.
- HYMES, D. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HYMES, J. (Ed.) *Sociolinguistics: selected readings*. Harmondsworth, England: Penguin, 1972.

KATO, M. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1998.

KOCH, Ingedore, G. V. *Argumentação e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Cortez 1996.

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1998.

LYONS, J. *Semantica lingüística: una introducción*. Tradução de Santiago Alcoba. Barcelona: Paidós, 1997.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2000.

MANGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

MANGUENEAU, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

LE QUERLER, N. *Tipologia des modalités*. Caen: Presses Universitaires de Caen, 1996. p. 61-84.

MANN, W. C.; THOMPSON, S.A. (Ed.). *Discourse description: diverse linguistic analyses of a French- Raising Text*. AMSTERDAM/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1992.

_____. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife: UFPE, 2000.

MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Gramaticalização do português no Brasil*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1995.

NEVES, M. H. M. A modalidade: um estudo de base funcionalista na língua portuguesa. *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, Portugal (no prelo).

NEVES, M. H. M. A polissemia dos verbos modais. Ou: falando de ambiguidade. *Alfa* (São Paulo), v. 44, (no prelo).

PAREDES DA SILVA) V. L. *Cartas cariocas: a variação em cartas pessoais*. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

PAREDES DA SILVA, V. L. Variações tipológicas no gênero textual carta. In: KOCH, I. G. V; BARROS, K. S. M. de (Org.). *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRN, 1997. p. 118-126.

PAREDES DA SILVA, V. L. Formação e função nos gêneros de discurso. *Alfa*, São Paulo, n. 41 (n. esp.), p. 79-98, 1997.

RAYO, F. (Ed.). *New direction in discourse processing*. New Jersey: 1979.

SCHIFFRIN, D. *Approaches to discourse*. Oxford: Blackwell, 1994.

SOTILLO, S. M.; STARACE-NASTASI, D. Policical discourse of a working class town. *Discourse & Society*, v. 10, n. 2, p. 246-276, 1999.

SWALES, J. M. *Genre analysis: english in academic and researching settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1996.

TANNEN. D. Frames and schemas in the discourse analysis of interaction. *Quaderni di Semantica*, v. 6. n. 2, p. 313-21, 1985.

TANNEN. D. Interactional sociolinguistics. In: BRIGHT, W. (Org.) *International encyclopedia of linguistic*. New York: Oxford University Press, 1992, v. 4, p. 3-12.

VAN DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação*. In: INGENDORE, V. K. (Org.). São Paulo: Contexto, 1996. (Caminhos da Linguística).

VANOYE, F. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

VION, R. *La communication verbale: analyse des interactions*. Paris: Hachette Supérieur, 1992. p. 237-248.

[tradução e adaptação de Clarice Madureira Sabóia... et al/ 10º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ANEXOS

Cartas



**“Quem faz o que gosta,
tem o dom, é humilde
e fala a língua do povo
só chega a um
resultado: o sucesso.”**

Nilson Figueiredo
São Paulo, SP

Gugu

Sou leitor assíduo de VEJA e fã incondicional do apresentador Augusto Liberato desde os tempos de minha adolescência, quando me divertia com amigos assistindo e dançando a *Dança do Passarinho* (“O poderoso Gugu”, 25 de abril). **Antônio Vieira Barreto**
Macaé, RJ

Gugu é a prova de que honestidade, trabalho e luta levam o homem ao sucesso.

Maurício Tamborim
rtamborim@ig.com.br

É sempre bom ver pessoas obtendo sucesso por meio de um trabalho digno e realizado com dedicação. É uma pena, no entanto, que nesse caso a ascensão esteja diretamente relacionada à derrocada de nossos valores e à supremacia do mau gosto na TV brasileira.

Fernanda Ramos
São Paulo, SP

Gostaria de manifestar a estranheza com que vi a capa da última edição. Numa semana com tantos assuntos políticos, vir com Gugu Liberato estampado na capa?

Márcia Dresch
dresch@unijui.tche.br

BELEZA É FUNDAMENTAL?

Os leitores saem em defesa de Cleópatra. A reportagem “A bela era feia” (18 de abril) falou das dez estatuas de Cleópatra expostas no Museu Britânico, em Londres, que contrariam a imagem que se tinha da rainha do Egito. As peças mostram-na uma mulher roliça, baixinha e nariguda. Na edição passada de VEJA, a leitora Maria Helena Moreira Henriques, de Aracaju, Sergipe, já perguntava: “Por que uma mulher feiosa não poderia fazer com que dois homens se apaixonassem perdidamente por ela?”. Maria Helena se referia aos romanos Marco Antônio e Júlio César, que com Cleópatra viveram ardorosas paixões. Pablo Lisboa da Cunha, que mora no Distrito Federal, levanta duas

Peter Eigen foi muito claro. A corrupção é um câncer que drena a energia moral e produtiva de nosso país. E, como todo câncer, deve ser combatido sem trégua, diariamente, para que

questões relevantes: “Quem pode afirmar que o padrão de beleza daquela época era o mesmo de hoje? Quem sabe eles não se deixaram levar por uma mulher inteligente, simpática, de voz suave, independente, forte e decidida?”. Carla Mariana da Costa, de Ribeirão Preto, São Paulo, aponta uma pista no poder de sedução de Cleópatra: “Apesar disso, ela seduziu os generais romanos. Seria por causa dos nove idiomas que dominava ou pelo poder incontestável com que governava o Egito?”.

História

A bela era feia

Esculturas recém-descobertas põem em xeque muito da beleza irresistível de Cleópatra

A beleza de Cleópatra, a rainha do Egito, é uma das mais fascinantes e misteriosas da história. Durante séculos, ela foi retratada como uma mulher de beleza irresistível, capaz de seduzir os generais romanos. Mas agora, novas esculturas descobertas no Museu Britânico, em Londres, mostram-na de uma forma bem diferente: roliça, baixinha e nariguda. Essas esculturas, que datam do século III a.C., são consideradas as mais realistas da época. Elas mostram Cleópatra com um rosto arredondado, nariz largo e lábios finos. Isso contradiz a imagem tradicional de uma mulher de beleza perfeita. Alguns estudiosos acreditam que essas esculturas foram feitas para ridicularizar a rainha. Outros dizem que elas representam uma Cleópatra mais humana e menos idealizada. O fato é que elas desafiam a nossa percepção de beleza e nos fazem refletir sobre como a imagem de uma pessoa pode ser construída e manipulada.



não leve o paciente à morte. A corrupção só será vencida quando todos nós fizermos nossa parte e cobrarmos a dos outros.

Jorge Alberto Rodrigues de Araújo
j.alberto@bol.com.br

Claudio de Moura Castro

A imagem do vídeo e da televisão é um poderosíssimo instrumento de educação (como também de desinformação, se mal empregado). Já tive ocasião de assistir a uma aula do *Telecurso 2000* e fiquei impressionado com a clareza das informações e a belíssima apresentação, que tornam as aulas extremamente atraentes e eficientes. Tem toda razão o economista Claudio de Moura Castro, também, ao afirmar que a internet não é a salvadora da educação. Mesmo porque a rede está entulhada de lixo e o acesso só engorda a conta dos provedores e das empresas de telefonia (Ponto de vista, 25 de abril).

Pedro Paulo Rocha
Curitiba, PF

É incrível a mania que o Brasil tem de querer copiar tudo que é de fora, mesmo que não sirva à realidade em que vivemos. O artigo de Claudio de Moura Castro trata esplendorosamente quanto caudatário é o Brasil ao tentar adequar seu método de ensino ao de países desenvolvidos, pois além de não ter suporte para implantar internet nas escolas públicas, seus alunos não possuem a desenvoltura necessária na leitura, sendo os programas de televisão educativos bem mais eficientes para aprendizado desses alunos.

Michelle Nascimento de Lima
17 anos
Recife, PE

Turismo

Estou muito orgulhoso de ver me Espírito Santo estampado nas páginas de VEJA (“Nova rota do frio”, 2 de abril). Enfim, estão descobrindo as potencialidades turísticas de nosso Estado. Vocês ainda não viram nada. As serras capixabas são apenas um pedaço de um lugar mágico.

Bruno Tauffer Vilas
Vitória, ES

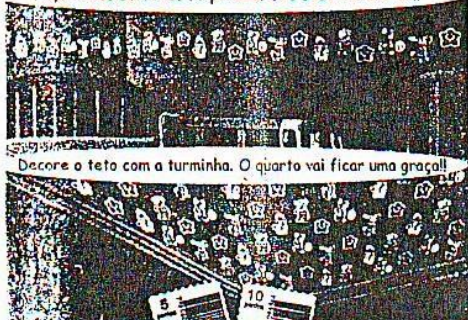
Educação em casa

Muito oportuna a reportagem sobre pais que, ao ensinarem os filhos em casa, procuram remediar a doutrinação perniciosa que o MEC impõe à população brasileira. Obviamente, o MEC não aprova *homeschooling*, primeiramente porque disseminação da prática do ensino doméstico colocaria em risco a mais profícua instrumentalização doutrinária já levada a efeito de *Admirável Mundo Novo*. Segundo porque evidenciaria que o MEC é desnecessário (para não dizer extremamente ne-



PROMOÇÃO "POM POM E VOCÊ DECORANDO O QUARTO DO BEBÊ"

Faça lindos barrados na parede. Seu bebê vai adorar!!

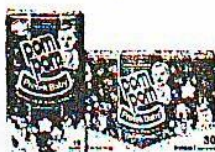


Decore o teto com a turminha. O quarto vai ficar uma graça!!

JUNTE 100 PONTOS!

SELO EMBALAGEM NORMAL: VALE 5 PONTOS
SELO EMBALAGEM ECONÔMICA: VALE 10 PONTOS

Agora toda a turminha POM POM vai decorar o quarto do seu bebê! Lindos adesivos que brilham no escuro vão deixar o quarto do seu bebê ainda mais bonitinho e aconchegante na hora de dormir. Para ganhar é muito fácil. Recorte, junte os selos que se encontram em todas as embalagens das fraldas descartáveis POM POM até tomar 100 pontos e envie para a Caixa Postal 24531 - CEP 03397-970 - São Paulo/SP colocando por fora do envelope Promoção "POM POM e você decorando o quarto do bebê". Não esqueça do seu nome e endereço completo. Ah! Quanto mais selos você mandar, mais o quarto do seu bebê vai brilhar!



POM POM PROTEK BABY. A SUPERPROTEÇÃO QUE FAZ BEM.

fraldas pom pom

POM POM Produtos Higiênicos Ltda.
Rod. da Bandeirantes, 800 • 07232-151 • Guarulhos/SP
Tel.: (11) 6412-1212 • Fax: (11) 6412-7141
www.pompom.com.br



Envelhecimento

Sou assinante de VEJA há mais ou menos dezessete anos e confesso que fui surpreendida com a reportagem de capa ("Como ser jovem por mais tempo", 11 de julho), que me impressionou muito pela qualidade. Principalmente por me enquadrar quase que totalmente nos comportamentos decisivos para a boa saúde física e mental. Quando recebi a revista e vi a capa, vibrei de alegria, e posso dizer que passei um fim de semana feliz, comentando a matéria e indicando-a a meus amigos.

Geni Leika Hirazume
São Paulo, SP

Parabéns pela reportagem. Com certeza ela vai fazer várias pessoas repensarem suas atitudes. Muitas se dedicarão um pouco mais ao esporte e tentarão se cuidar melhor. VEJA, com esta matéria, mostra o que é uma revista informativa e educativa.

Marcos Procópio
São Paulo, SP

Para que os idosos mantenham seu padrão de vida e até mesmo o melhor, somente a atividade física não resolve. É necessário fazer a reposição hormonal, pois a falta de hormônios, principalmente a testosterona e o hormônio de crescimento, é que leva ao envelhecimento, ao acúmulo de gordura, ao desânimo, à impotência sexual, a de-

Cartas

"Para manter a jovialidade é preciso gostar do que se faz, olhar os outros com respeito e se perguntar se aquela realização é útil a todos."

Jorge Wagner
Ribeirão Preto, SP

pressões etc. Sem a reposição não há como manter o padrão de vida e prevenir doenças típicas dos idosos, tais como diabetes, hiperplasia da próstata, obesidade.

Doutor Cesar de Souza Lima Colane
cscl@ig.com.br

Vive-se mais e melhor enquanto o trip corpo, mente e espírito estiver constantemente na ativa.

Nilson Figueiredo
São Paulo, SP

Anthony Garotinho

Garotinho com chances de ganhar? Bem, já preparei meu passaporte e vou fazer a ravana para deixar o Brasil. Garotinho uma espécie de Collor com menos cultura, menos altura e mais tecido adiposo ("Rádio, marketing e gogó", 11 de julho).

Sergio Maciel
Rio de Janeiro, RJ

Friamente, não consigo pinçar no governador Garotinho as virtudes e o currículo de realizações mínimos para dar-lhe o voto em 2002 na disputa pela Presidência. O modo como Garotinho faz política não me agrada, por ser excessivamente populista e histriônico. Acho uma pena que Brasil esteja hoje tão pobre de candidato ao Planalto, cargo disputado a tapas pelos mesmos abutres (ou raposas?) de sempre.

Gustavo Henrique de Brito Alves Freire
Recife, PE

PLÁGIO DA DISNEY?

A reportagem "Reino perdido" (27 de junho), sobre o desenho animado *Atlantis*, afirmou que "tudo na nova produção da Disney lembra algo que já foi". Os personagens parecem tirados de outros filmes da Disney. Alguns leitores também acharam que se tratava de coisa já vista, mas ofereceram nova pista: "Algumas cenas e personagens deste filme, incluindo os protagonistas, têm semelhança com personagens do

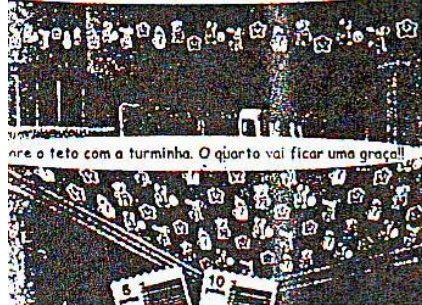
desenho de animação japonês *Nadia - The Secret of Blue Water* (1990)", escreveu Diones Kennedy Lourenço dos Reis, de Santo André, São Paulo. A leitora Selphe Ryan, em e-mail enviado à redação, endossa: "O estúdio Disney vem, aos poucos, fazendo uma cópia descarada de seriados japoneses. Nesta última obra, é brincadeira acreditar em mera coincidência com *Nadia - The Secret of Blue Water*".





PROMOÇÃO "POM POM E VOCÊ DECORANDO O QUARTO DO BEBÊ"

Com lindos barrados na parede. Seu bebê vai adorá-los!



Com o teto com a turminha. O quarto vai ficar uma graça!!

JUNTE 100 PONTOS!

SELO EMBALAGEM NORMAL: VALE 5 PONTOS
SELO EMBALAGEM ECONÔMICA: VALE 10 PONTOS

Agora toda a turminha POM POM vai decorar o quarto do seu bebê! Lindos adesivos que brilham no escuro vão deixar o quarto do seu bebê ainda mais bonitinho e aconchegante na hora de dormir. Para ganhar é muito fácil. Recorte, junte os selos que se encontram em todas as embalagens das fraldas descartáveis POM POM até somar 100 pontos e envie para a Caixa Postal 45531 - CEP 03397-970 - São Paulo/SP colocando por fora do envelope Promoção "POM POM e você decorando o quarto do bebê". Não esqueça do seu nome e endereço completo. Ah! Quanto mais selos você mandar, mais o quarto do seu bebê vai brilhar!



"POM POM PROTEGE BABY", A SUPERPROTEÇÃO QUE FAZ BEM.

FRALDAS **pom pom**

POM POM Produtos Higiênicos Ltda.
R. Lúcia Bérnago, 800 • 07232-151 • Guarulhos/SP
Tel.: (11) 6412-1212 • Fax: (11) 6412-7141
www.pompom.com.br

CE3 - Envelhecimento
18 de julho de 2001
Nº 28/34 - Edição 1709



Envelhecimento

Sou assinante de VEJA há mais ou menos dezessete anos e confesso que fui surpreendida com a reportagem de capa ("Como ser jovem por mais tempo", 11 de julho), que me impressionou muito pela qualidade. Principalmente por me enquadrar quase que totalmente nos comportamentos decisivos para a boa saúde física e mental. Quando recebi a revista e vi a capa, vibrei de alegria, e posso dizer que passei um fim de semana feliz, comentando a matéria e indicando-a a meus amigos.

Geni Leika Hirano Hashizume
São Paulo, SP

Parabéns pela reportagem. Com certeza ela vai fazer várias pessoas repensarem suas atitudes. Muitas se dedicarão um pouco mais ao esporte e tentarão se cuidar melhor. VEJA, com esta matéria, mostra o que é uma revista informativa e educativa.

Marcos Procópio
São Paulo, SP

Para que os idosos mantenham seu padrão de vida e até mesmo o melhor, somente a atividade física não resolve. É necessário fazer a reposição hormonal, pois a falta de hormônios, principalmente a testosterona e o hormônio de crescimento, é que leva ao envelhecimento, ao acúmulo de gordura, ao desânimo, à impotência sexual, a de-

pressões etc. Sem a reposição não há como manter o padrão de vida e prevenir doenças típicas dos idosos, tais como diabetes, hiperplasia da próstata, obesidade.

Doutor Cesar de Souza Lima Colaneri
csle@ig.com.br

Vive-se mais e melhor enquanto o tripé corpo, mente e espírito estiver constantemente na ativa.

Nilson Figueiredo
São Paulo, SP

Anthony Garotinho

Garotinho com chances de ganhar? Bem, já preparei meu passaporte e vou fazer caravana para deixar o Brasil. Garotinho é uma espécie de Collor com menos cultura, menos altura e mais tecido adiposo ("Rádio, marketing e gogó", 11 de julho).

Sergio Maciel
Rio de Janeiro, RJ

Friamente, não consigo pinçar no governador Garotinho as virtudes e o currículo de realizações mínimos para dar-lhe meu voto em 2002 na disputa pela Presidência. O modo como Garotinho faz política não me agrada, por ser excessivamente populista e histeriônico. Acho uma pena que o Brasil esteja hoje tão pobre de candidatos ao Planalto, cargo disputado a tapas pelos mesmos abutres (ou raposas?) de sempre.

Gustavo Henrique de Brito Alves Freire
Recife, PE

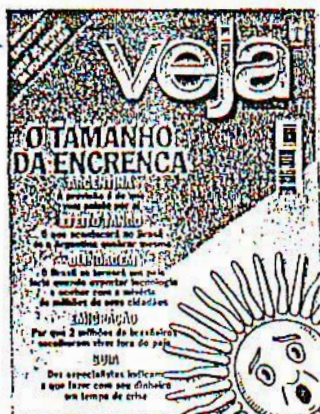
PLÁGIO DA DISNEY?

A reportagem "Reino perdido" (27 de junho), sobre o desenho animado *Atlantis*, afirmou que "tudo na nova produção da Disney lembra algo que já foi. Os personagens parecem tirados de outros filmes da Disney". Alguns leitores também acharam que se tratava de coisa já vista, mas ofereceram nova pista: "Algumas cenas e personagens deste filme, incluindo os protagonistas, têm semelhança com personagens do

desenho de animação japonês *Nadia - The Secret of Blue Water* (1990)", escreveu Diones Kennedy Lourenço dos Reis, de Santo André, São Paulo. A leitora Selphe Ryan, em e-mail enviado à redação, endossa: "O estúdio Disney vem, aos poucos, fazendo uma cópia descarada de seriados japoneses. Nesta última obra, é brincadeira acreditar em mera coincidência com *Nadia - The Secret of Blue Water*".



Cartas



"Não sinto saudade do Brasil, só uma grande decepção com um país que poderia dar oportunidades ao povo, mas só o trata de maneira cruel."

Ana Villiger
Lyon, França

Crise na Argentina

Adorei todo o enfoque dado pela revista à reportagem "O efeito tango" (18 de julho), principalmente por ser estudante do último ano de comércio exterior e estar o tempo todo discutindo esses assuntos em sala de aula. Podem ter certeza de que essa edição ficará guardada junto aos meus cadernos, pois terá grande valor para minhas matérias de economia internacional e economia brasileira.

Jéssica Rodrigues
jessica-rodrigues@bol.com.br

Moro na França há três anos, eu e minha família. Sinto-me segura, meus filhos estão em boas escolas, há infra-estrutura, transportes urbanos, limpeza e policiamento, entre tantas outras coisas. Não sinto saudade do Brasil, só uma grande decepção com um país que poderia dar oportunidades ao povo, mas só o trata de maneira cruel, com violência e corrupção. Infelizmente, não posso nem desejar morar no país em que nasci ("Eles fogem da bagunça", 18 de julho).

Ana Villiger
Lyon, França

Tenho 23 anos, nível superior e planejava deixar o Brasil desde os 12 anos de idade. Estou no Canadá há quase um ano, legalizada e tudo o mais. Nunca cogitei voltar a morar no Brasil por várias razões. Entre elas, o absoluto pavor da violência. Mas não pretendo praticamente esquecer meu idioma, minha cultura, minhas raízes. Não vou deixar de ensinar português aos meus filhos, e sim fazer com que eles falem nossa língua perfeitamente e tenham nossos valores. O Canadá é ótimo, mas não é perfeito.

Evelynne de Melo Horrocks
Ontário, Canadá

Foi exatamente pelos motivos expostos na reportagem que um ano atrás aceitei a proposta de emprego de uma empresa no Estado de Wisconsin, nos Estados Unidos. A reportagem, entretanto, não menciona a grande quantidade de trabalhadores que vieram para o país como profis-

sionais especializados, normalmente na área de informática, como eu e vários colegas espalhados por Texas, Flórida, Califórnia e até Wisconsin. A situação desse grupo é bem diferente da dos brasileiros que vivem ilegalmente no país. Com visto de trabalho temporário ou já com permissão de residência, a maioria levou bem menos de onze anos para entrar na classe média americana.

Carlos Eduardo S. Lopes
Wisconsin, Estados Unidos

Gays e lésbicas

Quero cumprimentar VEJA pela excelente reportagem sobre famílias compostas de homossexuais. O preconceito infelizmente é algo que ainda assusta pela força que tem na sociedade. Muitas vezes esse preconceito vem mascarado. Reportagens desse tipo são

sempre bem-vindas, pois mostram que a homossexualidade não deve ser considerada um absurdo em pleno século XXI ("Meu pai é gay. Minha mãe é lésbica", 11 de julho).

Bruma Rezende
poemma@hotmail.com

Vivo com meu companheiro há quatro anos e já há algum tempo estamos amadurecendo a ideia de adotar uma criança. Essa reportagem fortalece ainda mais nosso objetivo, não pelo fato de querermos formar uma família socialmente aceita (isso não será possível), mas para podermos dar a um ser humano amor, saúde, educação e cultura. Ressalto também a colocação adequadíssima em todo o texto da palavra "orientação", e não "opção" sexual, pois em momento algum eu optei por ser homossexual.

Júlio Lopér
jlope@ig.com.br

Essas pessoas que se dizem com "orientação" homossexual na verdade estão completamente desorientadas. Não quero ser politicamente incorreto, mas, se essas "famílias" pudessem ser encaradas como "normais", Deus teria criado outras opções, como Adão e Evandro ou Ada e Eva. O problema é que não teríamos a humanidade, descendente de Adão e Eva.

A.R. Machado
Vila Velha, ES

AS FAZENDAS ITAMARATI

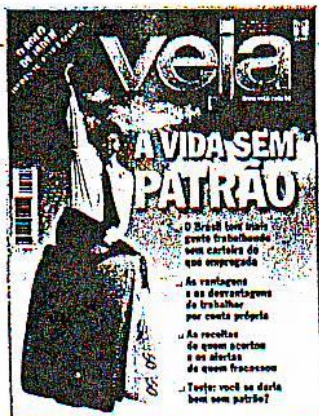
Mato-grossenses e sul-mato-grossenses disputam o privilégio de abrigar a Fazenda Itamarati, que pertenceu ao empresário Olacir de Moraes. Mas foi o paranaense Adriano Fernandes Ferreira, de Maringá, que levantou uma dúvida ao ler a reportagem "O símbolo troca de mãos" (27 de junho): "Foi dito que a propriedade se encontra em Mato Grosso do Sul, a 300 quilômetros de Campo Grande. Acho que a informação está incorreta. A sede da fazenda é na cidade de Tangará da Serra, em Mato Grosso, a aproximadamente 150 quilômetros de Cuiabá", escreveu Ferreira. A confusão toda tem razão de ser, já que pertencem ao grupo quatro fazendas que levam a palavra Itamarati no nome: 1 - Calcário Itamarati: em Bela Vista (MS), para extração de calcário. 2 - Fazenda Itamarati Sul: em Ponta Porã (MS), com 25 000 hectares, a 300 quilômetros de Campo Grande. Esta abriga a Itamarati S.A. Agropecuária, destinada à produção de milho, soja e à criação de gado. 3 - Fazenda Guanabara: com seus 111 700 hectares, espalhados por três municípios mato-grossenses, é onde estão instaladas as Usinas Itamarati S.A. Em Nova Olímpia, a 200 quilômetros da capital, fica a sede. As terras da Guanabara se estendem

O SÍMBOLO TROCA



ainda pelos municípios de Barra do Bugres e Denise. Voltada para a produção de cana-de-açúcar e derivados, é a maior das quatro fazendas Itamarati. 4 - Fazenda Itamarati Norte: com 110 500 hectares e sede no município de Campo Novo do Parecis, em Mato Grosso, fica a 310 quilômetros de Cuiabá. Nessa fazenda funciona a Companhia Agrícola do Parecis (Ciapar), para o cultivo de soja, milho e algodão e a pecuária de corte. É parte dessa propriedade que se localiza no município de Tangará da Serra, citado pelo leitor.

Cartas



A vida sem patrão

Achei a reportagem "A vida sem patrão" (20 de junho) sensacional. Justamente neste momento, em que estou pensando em me tornar um empreendedor, a melhor revista semanal do país publica uma reportagem que com certeza me ajudará a pensar melhor no assunto. Parabéns à equipe de VEJA!

Marcos Pinheiro
São José, SC

Vivo na pele caso semelhante aos descritos por Lia Abbud. Trabalho desde 1992 na mesma empresa e dois anos atrás optei por abrir a minha e terceirizar meus serviços. Hoje sou mais feliz, tenho horários mais flexíveis, a companhia para a qual trabalho arca com as despesas de saúde e seguro de vida, além do combustível. Consegui praticamente duplicar minha renda nesse período, mesmo tendo de pagar agora um plano de previdência privada. Carteira de trabalho? Nunca mais!

Erick Dantas Caldas
Brasília, DF

No Brasil, as grandes transformações ocorrem silenciosas e rapidamente. Também perdi o emprego na Linhas Corrente em 1985. Um ano depois, já estava trabalhando como cabeleireiro, ainda empregado; mais quatro anos, montei meu salão. Vivo com um padrão razoável. Agora, espero que os políticos façam uma reforma trabalhista urgente.

Robson Cerqueira
São Paulo, SP

A grande verdade é que, na situação em que o país se encontra (com o número de desempregados subindo a cada semana), tudo o que muitos brasileiros desejam no momento é ter um patrão.

Sergio Adalberto Garcia
sagarciaz@ig.com.br

Karlheinz Stockhausen

Formulei uma opinião acerca de Karlheinz Stockhausen ao ouvi-lo pela primeira vez, há mais de um quarto de século,

"Optei por abrir minha própria empresa. Consegui praticamente duplicar minha renda. Carteira de trabalho? Nunca mais!"

Erick Dantas Caldas
Brasília, DF

no Royal Albert Hall. Ao longo do tempo, tenho confirmado essa opinião a cada CD que adquiro desse compositor. A entrevista da semana veio apenas confirmar aquilo que penso: estamos diante de um embusteiro balofo, pedante, petulante e pretensioso. Bons maestros não o boicotam; simplesmente o reduzem ao que vale (Amarelas, 20 de junho).

Arno Blass
Florianópolis, SC

Saúde

Nós que um dia deparamos com a notícia de estar com câncer, o que mais queremos são definições e esclarecimentos que nos certifiquem de que em breve estaremos curados. Não podemos responsabilizar somente os médicos pelas respostas que tanto desejamos ouvir. Quem já passou pelo processo de tratamento e hoje se encontra curado é que pode dar o melhor testemunho da possibilidade de cura. Coragem e determinação são fatores preponderantes para conseguir vencer esse momento tão difícil em nossa vida ("Sempre a verdade", 20 de junho).

Marisa Nobre
Santos, SP

CADÊ O MEU ESTADO?

Há duas semanas VEJA publicou a reportagem "Férias de julho" (13 de junho), em que falava das belas praias do Nordeste, uma ótima opção de passeio para as próximas férias, com serviço de primeira e preços convidativos. Alguns leitores

em belezas naturais", escreveu José Carlos Júnior. O piauiense Renato de Cássia e Silva Filho também se queixou: "A reportagem esqueceu de citar o litoral do Piauí, que tem o Delta do Parnaíba, tão encantador quanto os outros paraísos in-

cluídos na matéria". Rude-Ney Lima Cardoso lembrou as belezas maranhenses: "São Luís é Patrimônio Cultural da Humanidade, e as dunas de Barreirinhas são únicas".



Bancos de sêmen

Não concordo com a doação de sêmen. Acho que é uma incoerência colocar uma criança no mundo sem dar a ela o direito de saber quem é seu pai biológico. É de extremo mau gosto tal coisa e fere as leis da natureza. Estamos perdendo o clo com o natural, o que é realmente preocupante. E assim, infelizmente, caminha a humanidade ("Precisa-se de reprodutores", 20 de junho)!

Adriano Demartine Lima, 16 anos
Uberaba, MC

Stephen Kanitz

A leitura do artigo "O poder da validação me causou forte impacto positivo, foi algo mágico. No momento em que, na busca de emprego, vivemos da necessidade premente de agradar a quem nos possa ajudar, esse artigo caiu como uma luva e, de certa forma, nos "validou" também. Conforme solicitado, já tratei de "validar" minha família e os resultados foram imediatos e muito bons. Reina paz em minha casa, algo de que sentia falta havia algum tempo. Estou mais otimista e começando o dia de hoje com mais alegria, mais confiança (Ponto de vista, 20 de junho).

Paulo Francisco da Silva
big_paul@uol.com.br

Ao ler o artigo, fiquei parada por alguns momentos, refletindo. Lembrei-me do sorriso que naquela manhã eu tinha trocado com uma pessoa muito especial e de quanto esse simples gesto me fez bem. Recordo que há pouco tempo eu estava ao lado de um amigo, pensando em quantas qualidades ele tinha, mas não tive coragem de elogiar. Percebi então a veracidade das palavras do autor e quero agradecer-lhe por ter acordado para essa verdade: precisamos criar mais oportunidades de extravasar nosso carinho e admiração pelos outros, reduzindo o clima de competição e de individualismo no qual vivemos, para que cada um alcance o mais alto grau de validade. Assim, a vida vale muito mais.

Caroline Freitas, 17 anos
Recife, PE

VEJA Sua Segurança

O especial VEJA Sua Segurança aborda com clareza a questão da segurança pessoal, desde os bebês até os idosos. Fornece dicas para que possamos nos defender num assalto e fala de traumas causados pela violência. Além disso, trata da segurança nos lares, de equipamentos, cães de guarda, internet mal-intencionados e golpes e muitas vezes lesam pessoas.

Carolina Silvatti, 16 anos
São Carlos, MG



Cartas

"Os homens têm de entender que viver de aparências, com máscaras e mentiras, só fará mal a eles mesmos."

Raquel Jeber Campos
Belo Horizonte, MG

que *Ulisses*, de James Joyce, é ilegível (Amarelas, 22 de agosto).

Ubirajara Mendes
Rio de Janeiro, RJ

Paulo Coelho não sabe ler. Quando tenta dizer que leu Hesse, refere-se ao livro deste utilizando comentários irônicos e superficiais, estúpidos, pretensiosos. De fato, o senhor Paulo Coelho não passa de um brincalhão, como ele mesmo se define: brinca de ser escritor mas não é, brinca de ser mago mas não é.

Emanuel Pavoni
Emanuel7@terra.com.br

Homens

"Homens também choram" (22 de agosto) é uma reportagem corajosa que mexe no fundo de nossos sentimentos e nos faz rever nossos conceitos de homem/macho e de masculinidade. Mostra nossas fraquezas e nos dá algumas dicas. Mais uma vez VEJA superou-se.

Jorge Pedrosa
Niterói, RJ

Valeu, VEJA. Lutemos pelo fim do super-herói estereotipado, sem sentimento, sem vida, sem sabor. Os homens também choram, sentem dor, angústia, medo, desejos, carências.

Suely Maux
Porto Alegre, RS

Já que estamos vivendo a igualdade de direitos, é justo que nós homens tenhamos também o direito de expor sentimentos e chorar.

Antônio José dos Anjos Brito
Salvador, BA

Se os homens aceitassem que são falíveis, que têm problemas sexuais, que são pouco ligados nos problemas pessoais dos amigos, pais, filhos e companheiras, veriam como é bom e gostoso ter alguém para conversar.

Vania Velloso
veloso@domain.com.br

Stephen Kanitz

Concordo com o colunista (Ponto de vista, 22 de agosto) que de nada adianta ter saúde ou um mestrado e levar um tiro num assalto. Oxalá nossas autoridades invistam mais em segurança, diminuindo um pouco os investimentos em outras áreas.

Cláudio Rotolo de Moraes
RotolodeMorae@aol.com

Se nossos congressistas e o governo pesquissassem com os policiais e com a sociedade o melhor modelo, em vez de viver de propostas ilusórias, talvez pudessem reformular nosso sistema de segurança pública e não publicar medidas provisórias inócuas como as vistas recentemente.

Clério Rilyan Lima e Silva
Recife, PE

Sérgio Abranches

O artigo de Sérgio Abranches é de uma clareza pouco comum no Brasil. Ele nos faz lembrar como pensamos pequeno em relação a nosso país, tão grande e tão cheio de pessimistas ideológicos (Em foco, 22 de agosto).

Nelson Mattos Filho
avoante@ig.com.br

Paulo Coelho

Apesar de não ter lido nenhuma obra do escritor Paulo Coelho, devo concordar

A crítica pode falar mal, mas o que é a crítica comparada aos 32 milhões de livros vendidos no mundo inteiro? Se o que Paulo Coelho escreve fosse ruim, seus livros não seriam lidos e adorados por milhões de pessoas no mundo. Essa história de ser mago é o que menos importa.

Lilian Regina Gonçalves
vivian.g@uol.com.br

Depois de ler a entrevista que Paulo Coelho deu a VEJA, não pude aceitar que acreditei nele tantos anos. A única coisa que prestava nos livros dele era justamente a magia, a esperança que tínhamos de que aquilo fosse realmente verdade.

Lilian Bianca Cardoso Silveira
Porto Alegre, RS

Quando Paulo Coelho fala mal do livro *Sidarta* é por uma razão por demais óbvia: seus livros são uma colagem malfeita da obra de Hermann Hesse. Ele fala mal do autor para que seus desavisados leitores não se interessem em conhecer a obra de Hesse e venham a comprovar o plágio. Paulo Coelho, divagando sobre o final de *Sidarta*, indaga: "Que rio, pô?". Na verdade, ele deveria estar bem mais preocupado com o rio de baboseiras que inunda as páginas de seus livros.

Vanderlou Oliveira
Fortaleza, CE

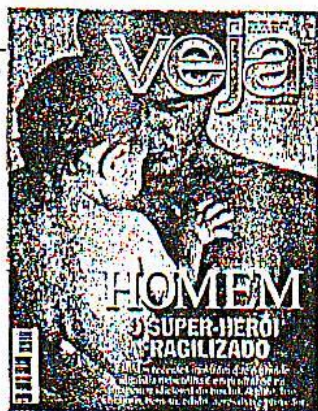
SEXO E PRECONCEITO

Recentemente VEJA publicou duas reportagens que falavam sobre o público gay. A primeira foi "Dias alegres" (27 de junho), sobre o sucesso do primeiro Dia Gay no Hopi Hari, parque de diversões em Vinhedo, SP. Valdirene Laginski comemorou: "Até que enfim os gays estão sendo reconhecidos como cidadãos normais". Mirian Savana Nakao, inconformada, perguntou: "Que tipo de pessoa é esse pai que tapa os olhos do filho ao avistar um homossexual?". Mas o outro lado também se manifestou: "Tão lamentável quanto o ódio às pessoas escravas do homossexualismo

é aplaudi-las como normais", escreveu Jesse Campos. A outra reportagem foi "Babado forte" (27 de junho), sobre a edição gay do programa da MTV que possibilita aos participantes encontrar um namorado. Marcos Lima sugeriu que a MTV troque a apresentadora Fernanda Lima "por um apresentador do mesmo nível das figuras que aparecerão". Fábio Arthur Dias reclamou da legenda da foto ("Fernanda Lima: pois é, há os que não gostam"): "Por mais que tenha sido redigido em tom de brincadeira, esse tipo de comentário só reforça o preconceito", disse Fábio.



Cartas



"Os homens têm de entender que viver de aparências, com máscaras e mentiras, só fará mal a eles mesmos."

Raquel Jeber Campos
Belo Horizonte, MG

que *Ulisses*, de James Joyce, é ilegível (Amarelas, 22 de agosto).

Ubirajara Mendes
Rio de Janeiro, RJ

Paulo Coelho não sabe ler. Quando tenta dizer que leu Hesse, refere-se ao livro deste utilizando comentários irônicos e superficiais, estúpidos, pretensiosos. De fato, o senhor Paulo Coelho não passa de um brincalhão, como ele mesmo se define: brinca de ser escritor mas não é, brinca de ser mago mas não é.

Emanuel Pavoni
Emanuel7@terra.com.br

Homens

"Homens também choram" (22 de agosto) é uma reportagem corajosa que mexe no fundo de nossos sentimentos e nos faz rever nossos conceitos de homem/macho e de masculinidade. Mostra nossas fraquezas e nos dá algumas dicas. Mais uma vez VEJA superou-se.

Jorge Pedrosa
Niterói, RJ

Valeu, VEJA. Lutemos pelo fim do super-herói estereotipado, sem sentimento, sem vida, sem sabor. Os homens também choram, sentem dor, angústia, medo, desejos, carências.

Suelyl Maua
Porto Alegre, RS

Já que estamos vivendo a igualdade de direitos, é justo que nós homens tenhamos também o direito de expor sentimentos e chorar.

Antônio José dos Anjos Brito
Salvador, BA

Se os homens aceitassem que são falíveis, que têm problemas sexuais, que são pouco ligados nos problemas pessoais dos amigos, pais, filhos e companheiras, veriam como é bom e gostoso ter alguém para conversar.

Vania Velloso
veloso@domain.com.br

Stephen Kanitz

Concordo com o colunista (Ponto de vista, 22 de agosto) que de nada adianta ter saúde ou um mestrado e levar um tiro num assalto. Oxalá nossas autoridades invistam mais em segurança, diminuindo um pouco os investimentos em outras áreas.

Cláudio Rotolo de Moraes
RotolodeMorae@aol.com

Se nossos congressistas e o governo pesquissassem com os policiais e com a sociedade o melhor modelo, em vez de viver de propostas ilusórias, talvez pudessem reformular nosso sistema de segurança pública e não publicar medidas provisórias inúteis como as vistas recentemente.

Clério Rilyan Lima e Silva
Recife, PE

Sérgio Abranches

O artigo de Sérgio Abranches é de uma clareza pouco comum no Brasil. Ele nos faz lembrar como pensamos pequeno em relação a nosso país, tão grande e tão cheio de pessimistas ideológicos (Em foco, 22 de agosto).

Nelson Mattos Filho
avoante@ig.com.br

Paulo Coelho

Apesar de não ter lido nenhuma obra do escritor Paulo Coelho, devo concordar

A crítica pode falar mal, mas o que é a crítica comparada aos 32 milhões de livros vendidos no mundo inteiro? Se o que Paulo Coelho escreve fosse ruim, seus livros não seriam lidos e adorados por milhões de pessoas no mundo. Essa história de ser mago é o que menos importa.

Lilian Regina Gonçalves
vivian.g@uol.com.br

Depois de ler a entrevista que Paulo Coelho deu a VEJA, não pude aceitar que acreditei nele tantos anos. A única coisa que prestava nos livros dele era justamente a magia, a esperança que tínhamos de que aquilo fosse realmente verdade.

Lilian Bianca Cardoso Silveira
Porto Alegre, RS

Quando Paulo Coelho fala mal do livro *Sidarta* é por uma razão por demais óbvia: seus livros são uma colagem malfeita da obra de Hermann Hesse. Ele fala mal do autor para que seus desavisados leitores não se interessem em conhecer a obra de Hesse e venham a comprovar o plágio. Paulo Coelho, divagando sobre o final de *Sidarta*, indaga: "Que rio, pô?". Na verdade, ele deveria estar bem mais preocupado com o rio de baboseiras que inunda as páginas de seus livros.

Vanderlou Oliveira
Fortaleza, CE

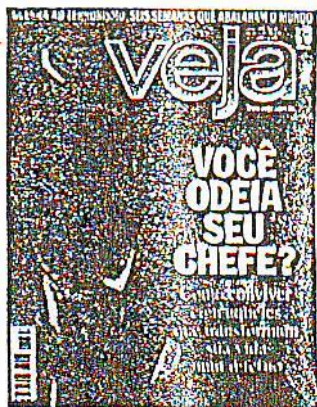
SEXO E PRECONCEITO

Recentemente VEJA publicou duas reportagens que falavam sobre o público gay. A primeira foi "Dias alegres" (27 de junho), sobre o sucesso do primeiro Dia Gay no Hopi Hari, parque de diversões em Vinhedo, SP. Valdirene Laginski comemorou: "Até que enfim os gays estão sendo reconhecidos como cidadãos normais". Mirian Savana Nakao, inconformada, perguntou: "Que tipo de pessoa é esse pai que tapa os olhos do filho ao avistar um homossexual?". Mas o outro lado também se manifestou: "Tão lamentável quanto o ódio às pessoas escravas do homossexualismo

é aplaudi-las como normais", escreveu Jesse Campos. A outra reportagem foi "Babado forte" (27 de junho), sobre a edição gay do programa da MTV que possibilita aos participantes encontrar um namorado. Marcos Lima sugeriu que a MTV troque a apresentadora Fernanda Lima "por um apresentador do mesmo nível das figuras que aparecerão". Fábio Arthur Dias reclamou da legenda da foto ("Fernanda Lima: pois é, há os que não gostam"): "Por mais que tenha sido redigido em tom de brincadeira, esse tipo de comentário só reforça o preconceito", disse Fábio.



Cartas



"O chefe que grita, xinga e humilha está, na realidade, tentando esconder sua incompetência. Odiá-lo não é a questão."

Antônio José dos Anjos Brito
Salvador, BA

Trabalho

Cumprimento VEJA pela necessária e brilhante reportagem de capa "Cale a boca, incompetente" (31 de outubro). E também pela descrição direta e verdadeira das humilhações que o ser humano é obrigado a suportar em seu ambiente de trabalho. Um forte motivo para seu chefe destrutá-lo é o sentimento da concorrência que ele acha que você estabeleceu com ele. Algumas vezes imaturos, despreparados, inseguros e invejosos, determinados chefes têm medo de sua evolução e sucesso e de você tomar o lugar deles.

Daniela Coimbra Tory
São Paulo, SP

Só existem dois tipos de chefe, e eles são transformadores: um inferniza e inibe o crescimento dos subordinados, o outro incentiva e reconhece os talentos humanos.

Nilson Figueiredo
São Paulo, SP

Tive chefes como os citados na reportagem, engoli muito sapo. Ao sair da universidade, fui contratada por uma multinacional na qual tive um superior que queria que eu assumisse seus erros. Além disso, forçava-me a trabalhar até mais tarde nos dias de minhas aulas de alemão e me obrigava a ir à empresa aos sábados sem motivo. Vivía-

mos (eu e minha equipe) um terror diário que durou quase quatro anos, até sua partida, que foi devidamente comemorada por todos. Leslie de Oliveira Heringe
leslieoh@terra.com.br

A era do "sim, senhor" chegou ao fim! Pena que muita gente em cargo de chefia ainda não tenha percebido isso, trazendo muitos problemas para a saúde dos funcionários e das empresas. O chefe do novo milênio precisa ter três virtudes básicas: humildade, coragem e ética. Humildade, sendo útil nos momentos de sucesso; coragem nos momentos de fracasso; ética, em todos os momentos.

Edson F. Nascimento
Ribeirão Preto, SP

O diabo perto de meu chefe é um anjo.

Janio Cunha Lindos
São Luís, MA

Tasso Jereissati

Surge uma opção diferente para presidente em 2002. Tasso Jereissati representa necessidade de adaptação ao novo momento que atravessa o Brasil no contexto mundial. O que foi feito no Ceará o credencia como empresário e político de comprometido com futuras, independentes

VA O HOMEM A LUGARES ONDE ELE NUNCA CHEGOU

12X
S/JUROS
INFORMAÇÕES ADICIONAIS:
0800 11 10 90

Cartas



"O chefe que grita, xinga e humilha está, na realidade, tentando esconder sua incompetência. Odiá-lo não é a questão."

Antônio José dos Anjos Brito
Salvador, BA

Trabalho

Cumprimento VEJA pela necessária e brilhante reportagem de capa "Cale a boca, incompetente" (31 de outubro). E também pela descrição direta e verdadeira das humilhações que o ser humano é obrigado a suportar em seu ambiente de trabalho. Um forte motivo para seu chefe destruí-lo é o sentimento da concorrência que ele acha que você estabeleceu com ele. Algumas vezes imaturos, despreparados, inseguros e invejosos, determinados chefes têm medo de sua evolução e sucesso e de você tomar o lugar deles.

Daniela Coimbra Tory
São Paulo, SP

Só existem dois tipos de chefe, e eles são transformadores: um inferniza e inibe o crescimento dos subordinados, o outro incentiva e reconhece os talentos humanos.

Nilson Figueiredo
São Paulo, SP

Tive chefes como os citados na reportagem, engoli muito sapo. Ao sair da universidade, fui contratada por uma multinacional na qual tive um superior que queria que eu assumisse seus erros. Além disso, forçava-me a trabalhar até mais tarde nos dias de minhas aulas de alemão e me obrigava a ir à empresa aos sábados sem motivo. Vivía-

mos (eu e minha equipe) um terror diário, que durou quase quatro anos, até sua partida, que foi devidamente comemorada por todos.

Leslie de Oliveira Heringer
leslicoh@terra.com.br

A era do "sim, senhor" chegou ao fim! Pena que muita gente em cargo de chefia ainda não tenha percebido isso, trazendo muitos problemas para a saúde dos funcionários e das empresas. O chefe do novo milênio precisa ter três virtudes básicas: humildade, coragem e ética. Humildade, sendo útil nos momentos de sucesso; coragem, nos momentos de fracasso; ética, em todos os momentos.

Edson F. Nascimento
Ribeirão Preto, SP

O diabo perto de meu chefe é um anjo.

Junio Cunha Lindoso
São Luís, MA

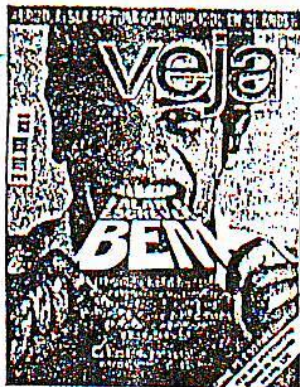
Tasso Jereissati

Surge uma opção diferente para presidente em 2002. Tasso Jereissati representa a necessidade de adaptação ao novo momento que atravessa o Brasil no contexto mundial. O que foi feito no Ceará o credencia como empresário e político descomprometido com futricas, independente

VA O HOMEM A LUGARES ONDE NINGUÉM CHEGOU

12X
S/JUROS
INFORMAÇÕES ADICIONAIS:
0800 11 10 90

Cartas



"É uma pena que muitos de nossos compatriotas não achem óbvia a necessidade de falar e escrever bem a língua portuguesa."

Edson F. Nascimento
Ribeirão Preto, SP

Língua portuguesa

A reportagem de capa "Falar e escrever, eis a questão" (7 de novembro) mostra quanto VEJA contribui para a cultura do país. Um texto dessa magnitude deveria ser lido e discutido por todos os professores de português em suas aulas. Ler essa reportagem equivale a muitas aulas dessa matéria. Parabéns pelo magnífico trabalho. A propósito, acertei 32 das 35 questões propostas pelo professor Pasquale.

Ronaldo J. Cardoso
Jataí, GO

O professor Pasquale é um grande guru no ensino do falar e escrever bem em português. Como acadêmica de letras, convivo com a dificuldade das pessoas na emprego da linguagem culta e na tentativa de se expressarem com clareza e coerência. A popularização do e-mail trouxe marcas da oralidade para a escrita, e isso ameaça mais o uso do português culto. Não é preciso ser um estudioso da área para entender que a maneira correta de falar e escrever é quesito fundamental em qualquer profissão. E isso não é preconceito. É uma questão de consciência.

Daniela Nogueira de Souza
Fortaleza, CE

O professor Pasquale tem de ser aplaudido de pé por tornar a língua portuguesa o novo xodó dos brasileiros.

Menelau Júnior
Caruaru, PE

Pasquale se elege guardião da língua portuguesa como se fosse um pai que não quer deixar seu filho crescer e, pior, como se fosse um homem de ciência.

Ester Mambrini
Aracaju, SE

Luiz Felipe Scolari

Depois de ler a entrevista nas Páginas Amarelas de VEJA, pude ver a inteligência do técnico de nossa seleção, sua visão do futebol mundial, seu esforço em tratar a imprensa de forma mais leve. Enfim, qualidades que o habilitam a chegar às disputas finais da próxima Copa do Mundo.

Rogério K. Picada
Cruz Alta, RS

Felipão é um doce. Nem parece o sujeito que pedia no truculento Dinho para caçar o inofensivo Sávio, orientava os gandulas a ofender os adversários ou determinava aos seguranças que impedissem que os jogadores dos outros times se aquecessem no gramado antes das partidas. Será que

deixou também de admirar o general Pinochet? (Amarelas, 7 de novembro)

Antonio Carlos Salles
São Paulo, SP

Diogo Mainardi

O que sinto por Diogo é um misto de amor e ódio. Quando acabo de ler certas matérias suas, digo: ele é completamente louco! Na semana seguinte, corro logo para o artigo dele. Ao terminar, falo: ele é um louco completamente adorável. Continue assim, Diogo. Você é fmpar. Que venham os processos! ("O marquês guru", 7 de novembro)

Igia Siminça Aranha
Natal, RN

Claudio de Moura Castro

Artigo excepcional (7 de novembro), que as grandes figuras de todos os ramos de atividade deveriam ler. A ânsia de ser aplaudido não pode obliterar o dever de dizer a verdade, mesmo que dizê-la resulte em impopularidade. Quem fala aos outros como autoridade deve ser sempre fiel à verdade.

Ary Biolchini
Rio de Janeiro, RJ

Gustavo Franco

A informação constante em VEJA de que a produtividade na indústria cresceu cerca de 8% anuais na década de 90 precisaria ser mais divulgada, para impor maior objetividade aos comentaristas na mídia. Falta esclarecer ao público que a saúde dos "fundamentos", entre os quais talvez se deva situar uma taxa de câmbio compatível com as relações de produtividade, também representa política industrial. Ou seja, esforço para o desenvolvimento. Oito por cento de taxa de "desenvolvimento da produtividade" anuais sem maus costumes é um belo resultado para induzir reformas de cultura ("Política industrial", 7 de novembro).

Harald Hellmuth
hellmuth@uol.com.br

O LEITOR E AS JARARACAS

Da capital paulista, o leitor Antonio Bordignon comunica: "A foto identificada como a de uma jararaca-ilhoa (*Bothrops insularis*) em 'A bioladragem' (24 de outubro) é, na verdade, de uma jararaca comum (*Bothrops jararaca*)". O leitor está certo. A foto é mesmo da espécie comum. A diferença entre as duas está na pigmentação do couro, que é mais claro na ilhoa e mais rajado na comum. Segundo o Instituto Butantan, de São Paulo, a jararaca-ilhoa é rara, existe apenas na Ilha da Quermada Grande, no litoral sul paulista. O ve-

neno da *Bothrops insularis* é mais potente que o das *Bothrops* do continente, como a jararaca, a calçaca e a urutu. A ilhoa habita um rochedo de granito a 35 quilômetros da costa do Estado de São Paulo, entre Itanhaém e Peruibe. Bordignon, de 22 anos, é um conhecedor de serpentes. Autodidata, conta que gosta do tema e estuda as cobras desde os 8 anos de idade. O interesse vem dos tempos em que

seu pai o levava para passear no Butantan. Ele está montando um site sobre cobras, através do qual pretende defender os animais e difundir orientações sobre os cuidados que as pessoas devem ter para evitar acidentes. "Sei que muitas pessoas têm medo de cobra e é por isso que me dedico a ensinar como se deve agir diante delas", diz o jovem leitor.

Jararaca-ilhoa:
mais clara



Cartas



"Silvio Santos consegue provar que é o maior gênio da televisão brasileira. Sucesso se faz com inteligência e simplicidade."

Ivan Jacuipense Mascarenhas Filho
Riachão do Jacuípe, BA

Televisão

Casa dos Artistas é fascinante tanto para o público quanto para qualquer psicoterapeuta. Silvio Santos acertou em cheio, pois nunca mais a TV brasileira será a mesma: trata-se de um divisor de águas. O programa expõe os participantes sem a costumeira aura de ídolos. VEJA tem razão: todos eles fazem gênero, mas é impossível representar 24 horas por dia ("Pelo buraco da fechadura", 21 de novembro).

Marcelo Adriano Rodrigues da Silva
Olinda, PE

Um verdadeiro laboratório de experiências científicas sobre o comportamento humano. Cada cobaia exótica pode provar as teses de Freud ou de qualquer outro pesquisador do comportamento humano. Em minha tese, o que fica mais evidente entre os participantes é a busca do território pessoal. Nas situações mais corriqueiras do programa, a invasão do espaço pessoal de cada artista é sentida como algo desagradável.

Sergey Guimarães Albernar
Goiânia, GO

Sugiro às redes concorrentes que criem a casa dos políticos, com alguns candidáveis e presidenciáveis. Seria o fim da Casa dos Artistas, pois estes são muito ingênuos. Gostaria muito de ver o Lula fazer

macarronada com o FHC, a Roseana e o Serra.

Fausto Rodrigues Garcia
São José dos Campos, SP

Silvio Santos deve estar se sentindo um rei por estar ganhando, em ibope, até do *Fantástico*. Isso é ruim para o povo brasileiro, que, ingênuo, deixa de receber informações para acompanhar artistas retirados do fundo do baú e trancafiados em uma casa.

Ronan Rangel Bahia
Muriaé, MG

Casa dos Artistas é um exercício de tédio para quem o vê. O difícil é entender ibope tão alto. Quem vibra com o programa deve estar mais preso e enjaulado ao tédio e à alienação que aqueles que aparecem na tela.

Jaime Luiz Leitão Rodrigues
Rio Claro, SP

Depois desse encontro de intelectuais, qual será a próxima turma?

Paulo Nogueira e Silva
São Paulo, SP

Carlos Ghosn

A entrevista com Carlos Ghosn (Amarelas, 21 de novembro) fornece uma pista definitiva a todo profissional que queira agregar ao currículo um diferencial de competitividade único e atendido com as necessidades da vida corporativa de hoje: o

gerenciamento intercultural. Educar a sensibilidade para lidar com diferentes culturas nacionais é um caminho acertado e fascinante para os candidatos às novas posições de comando da convivência globalizada.

Fernando Dourado Filho
aoredordomundo@uol.com.br

Os méritos de administrador revolucionário do executivo brasileiro Carlos Ghosn aplicados na multinacional japonesa Nissan nos levam a uma conclusão óbvia: solicitar seu pronto regresso ao Brasil, a fim de promover o ingresso deste país, carente de alguém tão habilitado, na categoria dos mais desenvolvidos do mundo. Hugo Lins B. Coelho
Recife, PE

Ótima a entrevista com o diretor da Nissan no Japão. Ele deu uma lição de como ser bem-sucedido. Devemos seguir nossa vida sem nos importar com o que os outros irão pensar; trabalhar e se envolver com diversas culturas, aprendendo com elas; não nos deixar levar por impulsos emocionais; aprender com os nossos próprios erros, admitindo-os e corrigindo-os. Airan Abdulla Costa
Gravataí, RS

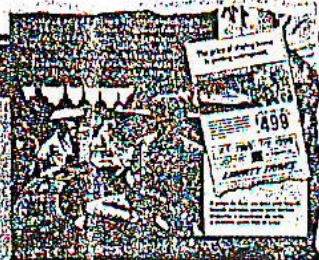
Gustavo Franco

No artigo "Relações de trabalho flexíveis" (Em foco, 21 de novembro) há uma dicotomia entre as relações formais ("amparadas" pela CLT) e as informais (palavra que denota precariedade nas relações e "falta" de direitos). Creio que já passou da hora de haver uma pesquisa séria sobre a conformação do informal. Quantos trabalhadores viraram empresas, microempresas (os maiores salários), quantos foram para cooperativas, quantos permaneceram como autônomos e quantos são realmente informais. Quando tivermos esse levantamento, poderemos enxergar realmente o que acontece, redimensionar equitativamente a carga tributária, e o Estado poderá gerir somente o que deve gerir, e, se possível, direito. Luiz Carlos Voldela
voldela@uol.com.br

A TERRA DO JAVANÊS

O leitor Paulo Cesar Vecchi, de Brasília (DF), alertou a redação de VEJA: "Uma das fotos publicadas na reportagem 'Promoção contra o medo' (7 de novembro) não é de Bali". Adriana Rigueira, de Niterói (RJ), informou: "A foto é de um dos maiores monumentos budistas do mundo, chamado Borobudur, uma atração da ilha de Java". Oswaldo de Carvalho Jr., de Belém (PA), completou a informação: "A legenda publicada registrou que a foto se refere a Bali, quando na verdade é do Templo de Boro-

budur, na cidade de Yogyakarta, localizada na ilha de Java, Indonésia. Por e-mail, Jacek Matuszak exemplificou: "Embora ambas as ilhas façam parte da Indonésia, elas são tão diferentes como o Amazonas e Minas Gerais". A Indonésia, no Sudeste Asiático, é o arquipélago mais extenso do planeta, com 17.000 ilhas. As belas ilhas de Bali e Java são muito procuradas por turistas. Em Ba-



li há boa hospedagem, praias, dos sonhos da turma do surfe e receptivos hinduístas. Java, a terra do javanês, é bem povoada e fascinante, não só pelas dezenas de vulcões "adormecidos", como também pelo Templo de Borobudur, considerado patrimônio da humanidade. Hoje, o monumento é um centro de peregrinação de budistas e curiosos de todo o mundo.

Cartas



**“Quem faz o que gosta,
tem o dom, é humilde
e fala a língua do povo
só chega a um
resultado: o sucesso.”**

Nilson Figueiredo
São Paulo, SP

Gugu

Sou leitor assíduo de VEJA e fã incondicional do apresentador Augusto Liberato desde os tempos de minha adolescência, quando me divertia com amigos assistindo e dançando a *Dança do Passarinho* (“O poderoso Gugu”, 25 de abril). **Antônio Vieira Barreto**
Macacé, RJ

Gugu é a prova de que honestidade, trabalho e luta levam o homem ao sucesso.

Maurício Tamborim
rtamborim@ig.com.br

É sempre bom ver pessoas obtendo sucesso por meio de um trabalho digno e realizado com dedicação. É uma pena, no entanto, que nesse caso a ascensão esteja diretamente relacionada à derrocada de nossos valores e à supremacia do mau gosto na TV brasileira.

Fernanda Ramos
São Paulo, SP

Gostaria de manifestar a estranheza com que vi a capa da última edição. Numa semana com tantos assuntos políticos, vir com Gugu Liberato estampado na capa?

Márcia Dresch
dresch@unijui.tche.br

Nem precisava ser o “super-Gugu Liberato” para tirar a audiência da Globo. Principalmente em relação ao intragável Fausto Silva, um ser precipitado e grosso que nem sequer deixa seus convidados se expressarem livremente.

Mauro Braz Casthi
maurocasthi@bol.com.br

Peter Eigen

A excelente entrevista desta semana, “Corrupção tem cura” (Amarelas, 25 de abril), me faz propor aos gatunos de plantão: pelo bem do país, entrem num acordo para que ninguém roube nada durante 24 horas. Afinal, além de pagarmos a dívida externa, seremos um dos países mais ricos e poderosos, como sugere Peter Eigen. O Brasil agradece!

Curt Nees
Joinville, SC

Peter Eigen foi muito claro. A corrupção é um câncer que drena a energia moral e produtiva de nosso país. E, como todo câncer, deve ser combatido sem tréguas, diariamente, para que

não leve o paciente à morte. A corrupção só será vencida quando todos nós fizermos nossa parte e cobrarmos a dos outros.

Jorge Alberto Rodrigues de Araujo
j.alberto@bol.com

Claudio de Moura Castro

A imagem do vídeo e da televisão é o poderosíssimo instrumento de educação (como também de desinformação, se empregado). Já tive ocasião de assistir uma aula do *Telecurso 2000* e fiquei impressionado com a clareza das informações e a belíssima apresentação, que nem as aulas extremamente atraentes e eficientes. Tem toda razão o economista Claudio de Moura Castro, também, ao afirmar que a internet não é a salvadora da educação. Mesmo porque a rede está enlameada de lixo e o acesso só engorda a conta dos provedores e das empresas de telefonia (Ponto de vista, 25 de abril).

Pedro Paulo R.
Curitiba

É incrível a mania que o Brasil tem de querer copiar tudo que é de fora, mesmo que não sirva à realidade em que vive. O artigo de Claudio de Moura Castro trata esplendorosamente quanto custa ao Brasil ao tentar adequar seu método de ensino ao de países desenvolvidos, além de não ter suporte para implantação na internet nas escolas públicas, seus alunos não possuem a desenvoltura necessária para a leitura, sendo os programas de tele-educativos bem mais eficientes para o aprendizado desses alunos.

Michelle Nascimento de
Recife

A bela era feia

Esculturas recém-descobertas põem em xeque mito da beleza irresistível de Cleópatra

A beleza de Cleópatra, a mais bela das mulheres, é um mito. A escultura recém-descoberta no Egito, no entanto, revela uma mulher feia, com nariz largo e boca grande. A escultura, que data do século III a.C., é a mais antiga representação conhecida da rainha. A descoberta foi feita por arqueólogos britânicos, que encontraram a escultura em uma tumba no vale do Nilo, perto de Luxor. A escultura é feita de madeira e tem cerca de 25 centímetros de altura. Ela mostra Cleópatra com o rosto voltado para a esquerda, com uma expressão séria. O nariz é largo e a boca é grande, com lábios bem definidos. Os olhos são pequenos e a testa é alta. A escultura é considerada uma das mais importantes descobertas arqueológicas do século XX.



BELEZA É FUNDAMENTAL?

Os leitores saem em defesa de Cleópatra. A reportagem “A bela era feia” (18 de abril) falou das dez estatuetas de Cleópatra expostas no Museu Britânico, em Londres, que contrariam a imagem que se tinha da rainha do Egito. As peças mostram-na uma mulher roliça, baixinha e nariguda. Na edição passada de VEJA, a leitora Maria Helena Moreira Henrique, de Aracaju, Sergipe, já perguntava: “Por que uma mulher feiosa não poderia fazer com que dois homens se apaixonassem perdidamente por ela?”. Maria Helena se referia aos romanos Marco Antônio e Júlio César, que com Cleópatra viveram ardorosas paixões. Pablo Lisboa da Cunha, que mora no Distrito Federal, levanta duas

questões relevantes: “Quem pode afirmar que o padrão de beleza daquela época era o mesmo de hoje? Quem sabe eles não se deixaram levar por uma mulher inteligente, simpática, de voz suave, independente, forte e decidida?”. Carla Mariana da Costa, de Ribeirão Preto, São Paulo, aponta uma pista no poder de sedução de Cleópatra: “Apesar disso, ela seduziu os generais romanos. Seria por causa dos nove idiomas que dominava ou pelo poder incontestável com que governava o Egito?”.

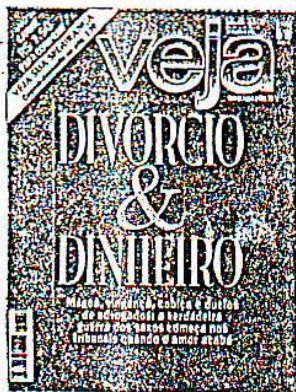
Turismo

Estou muito orgulhoso de ver Espírito Santo estampado nas capas de VEJA (“Nova rota do fim de abril”). Enfim, estão descrevendo as potencialidades turísticas do Estado. Vocês ainda não viram As serras capixabas são apenas pedaço de um lugar mágico.

Bruno Taufner
Vitor

Educação em casa

Muito oportuna a reportagem sobre pais que, ao ensinarem os filhos e procuram remediar a doutrinação ciosa que o MEC impõe à população brasileira. Obviamente, o MEC não é *homeschooling*, primeiramente por disseminação da prática do ensino particular colocaria em risco a mais tradicional doutrinação já levada a efeito de *Admirável Mundo Novo*. Segundo, que evidenciaria que o MEC é necessário (para não dizer extremamente)



Cartas

**"Se o amor acabou,
o respeito e o cuidado
com aqueles que um dia
foram parte da antiga família
deveriam continuar."**

Gladys Emy Feferkorn
Rio de Janeiro, RJ

lhos sofrem terrivelmente e ficam marcados para toda a vida.

Lenita Soares Pereira
Rio de Janeiro, RJ

A matéria de VEJA está muito bem posta, porém faltou esclarecer enfaticamente que os custos de uma disputa judicial, dessas que são citadas na reportagem, são altíssimos e inacessíveis para 98% da população. Não se trata apenas de honorários elevados de advogado, de peritos judiciais e das custas do processo, mas sim que muitas vezes as partes acabam consumindo todo o patrimônio como vingança, por razões que são absolutamente incompreensíveis em termos racionais.

Luiz Fernando Rezende
São Paulo, SP

Divórcio

É preciso mostrar de forma positiva que nem sempre se divorciar é motivo de guerra. Fui casada com um dos empresários mais ricos do país e na separação tivemos um único advogado, com o qual saímos facilmente dos problemas. Estamos há nove anos separados e somos amigos até hoje. É importante lembrar que o dinheiro não é o mais importante. O carinho, o respeito e a amizade devem ser preservados principalmente quando existem filhos ("Duelo na separação conjugal", 13 de junho).

Cristiane Martins Lazzarini
Uberlândia, MG

conviver com a lembrança de levianas e infundadas acusações.

Francisco Scarpa Filho
chiquinho@scarpa.com.br

Os namoros têm supervalorizado o prazer carnal em detrimento do conhecimento verdadeiro do outro. Como esperar casamentos estáveis de hedonistas que mal se conhecem?

Ana Cristina Gonçalves Pacheco
São Paulo, SP

O divórcio é o resultado do que nunca existiu: amor.

Daniel Severiano
Natal, RN

Apesar de ser um tema sobejamente debatido, de vez em quando surgem casos que chamam a atenção, seja por disputa dos filhos, seja por disputa dos bens, transformando-se em guerras judiciais. Discordo dos autores da matéria quando dizem que o divórcio "nada tem de diabólico", pois seus efeitos atingem em cheio a família e a sociedade. Os fi-

VEJA Sua Segurança

Gostaria de congratular VEJA pelo suplemento especial *Sua Segurança*. Um assunto ainda incipiente no Brasil e de muita importância para o cotidiano de todas as pessoas, em que poucos têm acesso às informações realmente profissionais sobre esse tema tão vasto e fundamental, principalmente nos grandes centros urbanos. Mais uma vez parabéns pela iniciativa, e que essa seja a primeira edição de muitas.

Gerson Borges
Rio de Janeiro, RJ

É inacreditável que em meio a tantas informações ainda existam pessoas que acreditam no famoso conto-do-vigário.

Poliana Amâncio
Londrina, PR

Claudio de Moura Castro

Claudio de Moura Castro sempre me surpreende com suas riquíssimas reflexões

ELE VENDE ILUSÃO?

O perfil do polêmico geriatra paraibano Eduardo Gomes de Azevedo ("O mercador de juventude", 6 de junho) provocou a manifestação inflamada de leitores e médicos que não gostaram de algumas declarações de Gomes — em especial da seguinte: "Como temos o solo pobre em minerais, nós, brasileiros, somos uma sub-raça. Os americanos corrigiram o solo deles e tornaram-se uma superpotência. Nunca mais perderam uma Olimpíada. No Brasil jamais surgirá um Bill Gates". De Santos (SP), César Augusto C.Q. Pereira reclamou: "Se isso for verdade, ninguém irá querer importar alimentos pobres em nutrientes". A médica

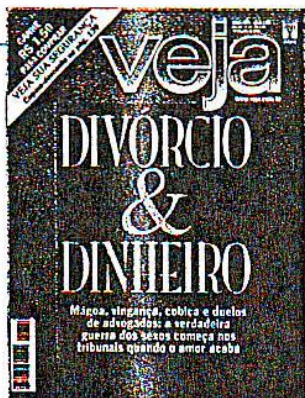
M. Bettina Sanson acrescenta: "Se o brasileiro fosse sub-raça, como afirma Eduardo Gomes, esse doutor não precisaria do esforço da lábia nem das injeções de anestésico para fazer o nome de sua clínica". Emílio Antônio Jeckel Neto, coordenador dos cursos de mestrado e doutorado em gerontologia biomédica e membro do Instituto de Geriatria e Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, foi além: "Milhares de profissionais que atuam séria e honestamente na área do envelhecimento são

O mercador de juventude

contra as informações divulgadas, pois elas não têm fundamentação científica nem aprovação dos conselhos profissionais". Elizabeth

te Viana de Freitas, presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), também se manifestou: "O referido médico não é filiado à SBGG e não possui título de especialista em geriatria, concedido por essa sociedade. Os métodos descritos na reportagem ainda carecem de comprovação e de aceitação da comunidade científica, não sendo, portanto, aceitos pela SBGG".

Cartas



"Se o amor acabou, o respeito e o cuidado com aqueles que um dia foram parte da antiga família deveriam continuar."

Gladys Emy Feferkorn
Rio de Janeiro, RJ

lhos sofrem terrivelmente e ficam marcados para toda a vida.

Lenita Soares Pereira
Rio de Janeiro, RJ

A matéria de VEJA está muito bem posta, porém faltou esclarecer enfaticamente que os custos de uma disputa judicial, dessas que são citadas na reportagem, são altíssimos e inacessíveis para 98% da população. Não se trata apenas de honorários elevados de advogado, de peritos judiciais e das custas do processo, mas sim que muitas vezes as partes acabam consumindo todo o patrimônio como vingança, por razões que são absolutamente incompreensíveis em termos racionais.

Luiz Fernando Rezende
São Paulo, SP

Divórcio

É preciso mostrar de forma positiva que nem sempre se divorciar é motivo de guerra. Fui casada com um dos empresários mais ricos do país e na separação tivemos um único advogado, com o qual saímos facilmente dos problemas. Estamos há nove anos separados e somos amigos até hoje. É importante lembrar que o dinheiro não é o mais importante. O carinho, o respeito e a amizade devem ser preservados principalmente quando existem filhos ("Duelo na separação conjugal", 13 de junho).

Cristiane Martins Lazzarini
Uberlândia, MG

conviver com a lembrança de levianas e infundadas acusações.

Francisco Scarpa Filho
chiquinho@scarpa.com.br

Os namoros têm supervalorizado o prazer carnal em detrimento do conhecimento verdadeiro do outro. Como esperar casamentos estáveis de hedonistas que mal se conhecem?

Ana Cristina Gonçalves Pacheco
São Paulo, SP

O divórcio é o resultado do que nunca existiu: amor.

Daniel Severiano
Natal, RN

Apesar de ser um tema sobejamente debatido, de vez em quando surgem casos que chamam a atenção, seja por disputa dos filhos, seja por disputa dos bens, transformando-se em guerras judiciais. Discordo dos autores da matéria quando dizem que o divórcio "não tem de diabólico", pois seus efeitos atingem em cheio a família e a sociedade. Os fi-

VEJA Sua Segurança

Gostaria de congratular VEJA pelo suplemento especial *Sua Segurança*. Um assunto ainda incipiente no Brasil e de muita importância para o cotidiano de todas as pessoas, em que poucos têm acesso às informações realmente profissionais sobre esse tema tão vasto e fundamental, principalmente nos grandes centros urbanos. Mais uma vez parabéns pela iniciativa, e que essa seja a primeira edição de muitas.

Gerson Borges
Rio de Janeiro, RJ

É inacreditável que em meio a tantas informações ainda existam pessoas que acreditam no famoso conto-do-vigário.

Poliana Amâncio
Londrina, PR

Claudio de Moura Castro

Claudio de Moura Castro sempre me surpreende com suas riquíssimas reflexões.

No "guia" da separação, na matéria de VEJA, no qual fui lembrado, faltou a importante sugestão da escolha de um responsável e competente advogado (como, aliás, foi o meu). Muitas vezes as partes envolvidas seguem orientações desequilibradas, que só tornam os litígios ainda mais exacerbados, trazendo às famílias, na maioria das vezes, traumas insuperáveis e totalmente desnecessários. Separar é voltar a sonhar, e não viver em pesadelo, ainda que por algum tempo tenhamos de

ELE VENDE ILUSÃO?

O perfil do polêmico geriatra paraibano Eduardo Gomes de Azevedo ("O mercador de juventude", 6 de junho) provocou a manifestação inflamada de leitores e médicos que não gostaram de algumas declarações de Gomes — em especial da seguinte: "Como temos o solo pobre em minerais, nós, brasileiros, somos uma sub-raça. Os americanos corrigiram o solo deles e tornaram-se uma superpotência. Nunca mais perderam uma Olimpíada. No Brasil jamais surgirá um Bill Gates". De Santos (SP), César Augusto C.Q. Pereira reclamou: "Se isso for verdade, ninguém irá querer importar alimentos pobres em nutrientes". A médica

M. Bettina Sanson acrescenta: "Se o brasileiro fosse sub-raça, como afirma Eduardo Gomes, esse doutor não precisaria do esforço da lábia nem das injeções de anestésico para fazer o nome de sua clínica". Emilio Antônio Jeckel Neto, coordenador dos cursos de mestrado e doutorado em gerontologia biomédica e membro do Instituto de Geriatria e Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, foi além: "Milhares de profissionais que atuam séria e honestamente na área do envelhecimento são

O mercador de juventude

Em entrevista ao jornalista...
O perfil do polêmico geriatra paraibano Eduardo Gomes de Azevedo ("O mercador de juventude", 6 de junho) provocou a manifestação inflamada de leitores e médicos que não gostaram de algumas declarações de Gomes — em especial da seguinte: "Como temos o solo pobre em minerais, nós, brasileiros, somos uma sub-raça. Os americanos corrigiram o solo deles e tornaram-se uma superpotência. Nunca mais perderam uma Olimpíada. No Brasil jamais surgirá um Bill Gates". De Santos (SP), César Augusto C.Q. Pereira reclamou: "Se isso for verdade, ninguém irá querer importar alimentos pobres em nutrientes". A médica

contra as informações divulgadas, pois elas não têm fundamentação científica nem aprovação dos conselhos profissionais". Elizabe-

te Viana de Freitas, presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), também se manifestou: "O referido médico não é filiado à SBGG e não possui título de especialista em geriatria, concedido por essa sociedade. Os métodos descritos na reportagem ainda carecem de comprovação e de aceitação da comunidade científica, não sendo, portanto, aceitos pela SBGG".

Cartas



"Se o amor acabou, o respeito e o cuidado com aqueles que um dia foram parte da antiga família deveriam continuar."

Gladys Emy Feferkorn
Rio de Janeiro, RJ

lhos sofrem terrivelmente e ficam marcados para toda a vida.

Lenita Soares Pereira
Rio de Janeiro, RJ

A matéria de VEJA está muito bem posta, porém faltou esclarecer enfaticamente que os custos de uma disputa judicial, dessas que são citadas na reportagem, são altíssimos e inacessíveis para 98% da população. Não se trata apenas de honorários elevados de advogado, de peritos judiciais e das custas do processo, mas sim que muitas vezes as partes acabam consumindo todo o patrimônio como vingança, por razões que são absolutamente incomprensíveis em termos racionais.

Luiz Fernando Rezende
São Paulo, SP

Divórcio

É preciso mostrar de forma positiva que nem sempre se divorciar é motivo de guerra. Fui casada com um dos empresários mais ricos do país e na separação tivemos um único advogado, com o qual saímos facilmente dos problemas. Estamos há nove anos separados e somos amigos até hoje. É importante lembrar que o dinheiro não é o mais importante. O carinho, o respeito e a amizade devem ser preservados principalmente quando existem filhos ("Duelo na separação conjugal", 13 de junho).

Cristiane Martins Lazzarini
Uberlândia, MG

No "guia" da separação, na matéria de VEJA, no qual fui lembrado, faltou a importante sugestão da escolha de um responsável e competente advogado (como, aliás, foi o meu). Muitas vezes as partes envolvidas seguem orientações desequilibradas, que só tornam os litígios ainda mais exacerbados, trazendo às famílias, na maioria das vezes, traumas insuperáveis e totalmente desnecessários. Separar é voltar a sonhar, e não viver em pesadelo, ainda que por algum tempo tenhamos de

conviver com a lembrança de levianas e infundadas acusações.

Francisco Scarpa Filho
chiquinho@scarpa.com.br

Os namoros têm supervalorizado o prazer carnal em detrimento do conhecimento verdadeiro do outro. Como esperar casamentos estáveis de hedonistas que mal se conhecem?

Ana Cristina Gonçalves Pacheco
São Paulo, SP

O divórcio é o resultado do que nunca existiu: amor.

Daniel Severiano
Natal, RN

Apesar de ser um tema sobejamente debatido, de vez em quando surgem casos que chamam a atenção, seja por disputa dos filhos, seja por disputa dos bens, transformando-se em guerras judiciais. Discordo dos autores da matéria quando dizem que o divórcio "nada tem de diabólico", pois seus efeitos atingem em cheio a família e a sociedade. Os fi-

VEJA Sua Segurança

Gostaria de congratular VEJA pelo suplemento especial *Sua Segurança*. Um assunto ainda incipiente no Brasil e de muita importância para o cotidiano de todas as pessoas, em que poucos têm acesso às informações realmente profissionais sobre esse tema tão vasto e fundamental, principalmente nos grandes centros urbanos. Mais uma vez parabéns pela iniciativa, e que essa seja a primeira edição de muitas.

Gerson Borges
Rio de Janeiro, RJ

É inacreditável que em meio a tantas formações ainda existam pessoas que acreditam no famoso conto-do-vigário.

Poliana Amâncio
Londrina, PR

Claudio de Moura Castro

Claudio de Moura Castro sempre me surpreende com suas riquíssimas reflexões.

ELE VENDE ILUSÃO?

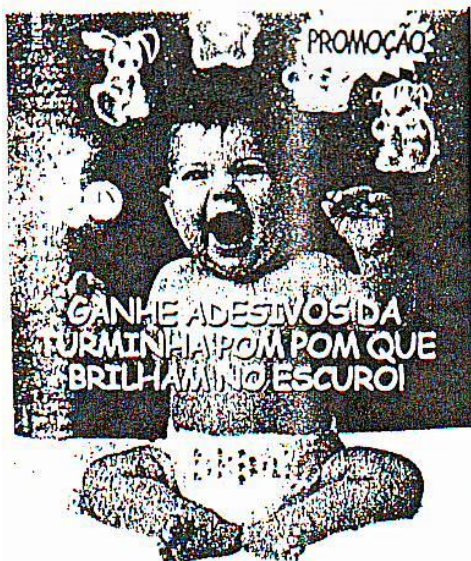
O perfil do polêmico geriatra paraibano Eduardo Gomes de Azevedo ("O mercador de juventude", 6 de junho) provocou a manifestação inflamada de leitores e médicos que não gostaram de algumas declarações de Gomes — em especial da seguinte: "Como temos o solo pobre em minerais, nós, brasileiros, somos uma sub-raça. Os americanos corrigiram o solo deles e tornaram-se uma superpotência. Nunca mais perderam uma Olimpíada. No Brasil jamais surgirá um Bill Gates". De Santos (SP), César Augusto C.Q. Pereira reclamou: "Se isso for verdade, ninguém irá querer importar alimentos pobres em nutrientes". A médica

M. Bettina Sanson acrescenta: "Se o brasileiro fosse sub-raça, como afirma Eduardo Gomes, esse doutor não precisaria do esforço da lábia nem das injeções de anestésico para fazer o nome de sua clínica". Emilio Antonio Jeckel Neto, coordenador dos cursos de mestrado e doutorado em gerontologia biomédica e membro do Instituto de Geriatria e Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, foi além: "Milhares de profissionais que atuam séria e honestamente na área do envelhecimento são



contra as informações divulgadas, pois elas não têm fundamentação científica nem aprovação dos conselhos profissionais". Elizabe

te Viana de Freitas, presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), também se manifestou: "O referido médico não é filiado à SBGG e não possui título de especialista em geriatria, concedido por essa sociedade. Os métodos descritos na reportagem ainda carecem de comprovação e de aceitação da comunidade científica, não sendo, portanto, aceitos pela SBGG".

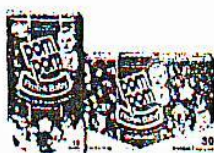


PROMOÇÃO "POM POM E VOCÊ DECORANDO O QUARTO DO BEBÊ"



SELO EMBALAGEM NORMAL: VALE 5 PONTOS
SELO EMBALAGEM ECONÔMICA: VALE 10 PONTOS

Agora toda a turminha POM POM vai decorar o quarto do seu bebê! Lindos adesivos que brilham no escuro vão deixar o quarto do seu bebê ainda mais bonitinho e aconchegante na hora de dormir. Para ganhar é muito fácil. Recorte, junte os selos que se encontram em todas as embalagens das fraldas descartáveis POM POM até somar 100 pontos e envie para a Caixa Postal 45531 - CEP 03397-970 - São Paulo/SP colocando por fora do envelope Promoção "POM POM e você decorando o quarto do bebê". Não esqueça do seu nome e endereço completo. Ah! Quanto mais selos você mandar, mais o quarto do seu bebê vai brilhar!



"POM POM PROTEGE BABY", A SUPERPROTEÇÃO QUE FAZ BEM.

FRALDAS POM POM

POM POM Produtos Higiênicos Ltda.
R. da Bandeira, 800 • 07232-151 • Guarulhos/SP
Tel.: (11) 6412-1212 • Fax: (11) 6412-7141



Cartas

"Para manter a jovialidade é preciso gostar do que se faz, olhar os outros com respeito e se perguntar se aquela realização é útil a todos."

Jorge Wagner
Ribeirão Preto, SP

Envelhecimento

Sou assinante de VEJA há mais ou menos dezessete anos e confesso que fui surpreendida com a reportagem de capa ("Como ser jovem por mais tempo", 11 de julho), que me impressionou muito pela qualidade. Principalmente por me enquadrar quase que totalmente nos comportamentos decisivos para a boa saúde física e mental. Quando recebi a revista e vi a capa, vibrei de alegria, e posso dizer que passei um fim de semana feliz, comentando a matéria e indicando-a a meus amigos.

Geni Leika Hirano Hashizume
São Paulo, SP

Parabéns pela reportagem. A certeza ela vai fazer várias pessoas repensarem suas atitudes. Muitas se dedicarão um pouco mais ao esporte e tentarão se cuidar melhor. VEJA, com esta matéria, mostra o que é uma revista informativa e educativa.

Marcos Procópio
São Paulo, SP

Para que os idosos mantenham seu padrão de vida e até mesmo o melhorarem, somente a atividade física não resolve. É necessário fazer a reposição hormonal, pois a falta de hormônios, principalmente a testosterona e o hormônio de crescimento, é que leva ao envelhecimento, ao acúmulo de gordura, ao desânimo, à impotência sexual, a de-

pressões etc. Sem a reposição não há como manter o padrão de vida e prevenir doenças típicas dos idosos, tais como diabetes, hiperplasia da próstata, obesidade.

Doutor Cesar de Souza Lima Colaneri
esle@ig.com.br

Vive-se mais e melhor enquanto o tripé corpo, mente e espírito estiver constantemente na ativa.

Nilson Figueiredo
São Paulo, SP

Anthony Garotinho

Garotinho com chances de ganhar? Bem, já preparei meu passaporte e vou fazer caviana para deixar o Brasil. Garotinho é uma espécie de Collor com menos cultura, menos altura e mais tecido adiposo ("Rádio, marketing e gogó", 11 de julho).

Sergio Maciel
Rio de Janeiro, RJ

Friamente, não consigo pinçar no governador Garotinho as virtudes e o currículo de realizações mínimos para dar-lhe meu voto em 2002 na disputa pela Presidência. O modo como Garotinho faz política não me agrada, por ser excessivamente populista e histriônico. Acho uma pena que o Brasil esteja hoje tão pobre de candidato ao Planalto, cargo disputado a tapas pelos mesmos abutres (ou raposas?) de sempre.

Gustavo Henrique de Brito Alves Frein
Recife, PE

PLÁGIO DA DISNEY?

A reportagem "Reino perdido" (27 de junho), sobre o desenho animado *Atlantis*, afirmou que "tudo na nova produção da Disney lembra algo que já foi. Os personagens parecem tirados de outros filmes da Disney". Alguns leitores também acharam que se tratava de coisa já vista, mas ofereceram nova pista: "Algumas cenas e personagens deste filme, incluindo os protagonistas, têm semelhança com personagens do

desenho de animação japonês *Nadia — The Secret of Blue Water* (1990)", escreveu Diones Kennedy Lourenço dos Reis, de Santo André, São Paulo. A leitora Selphe Ryan, em e-mail enviado à redação, endossa: "O estúdio Disney vem, aos poucos, fazendo uma cópia descarada de seriados japoneses. Nesta última obra, é brincadeira acreditar em mera coincidência com *Nadia — The Secret of Blue Water*".



Cartas



"Não sinto saudade do Brasil, só uma grande decepção com um país que poderia dar oportunidades ao povo, mas só o trata de maneira cruel."

Ana Villiger
Lyon, França

Crise na Argentina

Adorei todo o enfoque dado pela revista à reportagem "O efeito tango" (18 de julho), principalmente por ser estudante do último ano de comércio exterior e estar o tempo todo discutindo esses assuntos em sala de aula. Podem ter certeza de que essa edição ficará guardada junto aos meus cadernos, pois terá grande valor para minhas matérias de economia internacional e economia brasileira.

Jéssica Rodrigues
jéssica-rodrigues@bol.com.br

Moro na França há três anos, eu e minha família. Sinto-me segura, meus filhos estão em boas escolas, há infra-estrutura, transportes urbanos, limpeza e policiamento, entre tantas outras coisas. Não sinto saudade do Brasil, só uma grande decepção com um país que poderia dar oportunidades ao povo, mas só o trata de maneira cruel, com violência e corrupção. Infelizmente, não posso nem desejo morar no país em que nasci ("Eles fogem da bagunça", 18 de julho).

Ana Villiger
Lyon, França

Tenho 23 anos, nível superior e planejava deixar o Brasil desde os 12 anos de idade. Estou no Canadá há quase um ano, legalizada e tudo o mais. Nunca cogitei voltar a morar no Brasil por várias razões. Entre elas, o absoluto pavor da violência. Mas não pretendo praticamente esquecer meu idioma, minha cultura, minhas raízes. Não vou deixar de ensinar português aos meus filhos, e sim fazer com que eles falem nossa língua perfeitamente e tenham nossos valores. O Canadá é ótimo, mas não é perfeito.

Evelynne de Melo Horrocks
Ontário, Canadá

Foi exatamente pelos motivos expostos na reportagem que um ano atrás aceitei a proposta de emprego de uma empresa no Estado de Wisconsin, nos Estados Unidos. A reportagem, entretanto, não menciona a grande quantidade de trabalhadores que vieram para o país como profis-

sionais especializados, normalmente na área de informática, como eu e vários colegas espalhados por Texas, Flórida, Califórnia e até Wisconsin. A situação desse grupo é bem diferente da dos brasileiros que vivem ilegalmente no país. Com visto de trabalho temporário ou já com permissão de residência, a maioria levou bem menos de onze anos para entrar na classe média americana.

Carlos Eduardo S. Lopes
Wisconsin, Estados Unidos

Gays e lésbicas

Quero cumprimentar VEJA pela excelente reportagem sobre famílias compostas de homossexuais. O preconceito infelizmente é algo que ainda assusta pela força que tem na sociedade. Muitas vezes esse preconceito vem mascarado. Reportagens desse tipo são

sempre bem-vindas, pois mostram que a homossexualidade não deve ser considerada um absurdo em pleno século XXI ("Meu pai é gay. Minha mãe é lésbica", 11 de julho).

Bruna Rezende
poemma@hotmail.com

Vivo com meu companheiro há quatro anos e já há algum tempo estamos amadurecendo a idéia de adotar uma criança. Essa reportagem fortalece ainda mais nosso objetivo, não pelo fato de querermos formar uma família socialmente aceita (isso não será possível), mas para podermos dar a um ser humano amor, saúde, educação e cultura. Ressalto também a colocação adequadíssima em todo o texto da palavra "orientação", e não "opção" sexual, pois em momento algum eu optei por ser homossexual.

Júlio Lopé
jlope@ig.com.br

Essas pessoas que se dizem com "orientação" homossexual na verdade estão completamente desorientadas. Não quero ser politicamente incorreto, mas, se essa "família" pudessem ser encaradas com "normais", Deus teria criado outras opções, como Adão e Evandro ou Ada e Eva. O problema é que não teríamos a humanidade, descendente de Adão e Eva.

A.R. Machau
Vila Velha, E

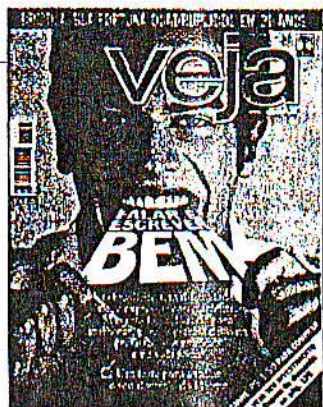
AS FAZENDAS ITAMARATI

Mato-grossenses e sul-mato-grossenses disputam o privilégio de abrigar a Fazenda Itamarati, que pertenceu ao empresário Olacyr de Moraes. Mas foi o paranaense Adriano Fernandes Ferreira, de Maringá, que levantou uma dúvida ao ler a reportagem "O símbolo troca de mãos" (27 de junho): "Foi dito que a propriedade se encontra em Mato Grosso do Sul, a 300 quilômetros de Campo Grande. Acho que a informação está incorreta. A sede da fazenda é na cidade de Tangará da Serra, em Mato Grosso, a aproximadamente 150 quilômetros de Cuiabá", escreveu Ferreira. A confusão toda tem razão de ser, já que pertencem ao grupo quatro fazendas que levam a palavra Itamarati no nome: 1 - Calcário Itamarati: em Bela Vista (MS), para extração de calcário. 2 - Fazenda Itamarati Sul: em Ponta Porã (MS), com 25 000 hectares, a 300 quilômetros de Campo Grande. Esta abriga a Itamarati S.A. Agropecuária, destinada à produção de milho, soja e à criação de gado. 3 - Fazenda Guanabara: com seus 111 700 hectares, espalhados por três municípios mato-grossenses, é onde estão instaladas as Usinas Itamarati S.A. Em Nova Olímpia, a 200 quilômetros da capital, fica a sede. As terras da Guanabara se estendem



ainda pelos municípios de Barra do Bugres e Denise. Voltada para a produção de cana-de-açúcar e derivados, é a maior das quatro fazendas Itamarati. 4 - Fazenda Itamarati Norte: com 110 500 hectares e sede no município de Campo Novo do Parecis, em Mato Grosso, fica a 310 quilômetros de Cuiabá. Nessa fazenda funciona a Companhia Agrícola do Parecis (Ciapar), para o cultivo de soja, milho e algodão e a pecuária de corte. É parte dessa propriedade que se localiza no município de Tangará da Serra, citado pelo leitor.

Cartas



“É uma pena que muitos de nossos compatriotas não achem óbvia a necessidade de falar e escrever bem a língua portuguesa.”

Edson F. Nascimento
Ribeirão Preto, SP

Língua portuguesa

A reportagem de capa “Falar e escrever, eis a questão” (7 de novembro) mostra quanto VEJA contribui para a cultura do país. Um texto dessa magnitude deveria ser lido e discutido por todos os professores de português em suas aulas. Ler essa reportagem equivale a muitas aulas dessa matéria. Parabéns pelo magnífico trabalho. A propósito, acertei 32 das 35 questões propostas pelo professor Pasquale.

Ronaldo J. Cardoso
Jataí, GO

O professor Pasquale tem de ser aplaudido de pé por tornar a língua portuguesa o novo xodó dos brasileiros.

Menelau Júnior
Caruaru, PE

Pasquale se elege guardião da língua portuguesa como se fosse um pai que não quer deixar seu filho crescer e, pior, como se fosse um homem de ciência.

Ester Mambrini
Aracaju, SE

Luiz Felipe Scolari

Depois de ler a entrevista nas Páginas Amarelas de VEJA, pude ver a inteligência do técnico de nossa seleção, sua visão do futebol mundial, seu esforço em tratar a imprensa de forma mais leve. Enfim, qualidades que o habilitam a chegar às disputas finais da próxima Copa do Mundo.

Rogério K. Picada
Cruz Alta, RS

Felipão é um doce. Nem parece o sujeito que pedia ao truculento Dinho para caçar o inofensivo Sávio, orientava os gaúchos a ofender os adversários ou determinava aos seguranças que impedissem que os jogadores dos outros times se aquecessem no gramado antes das partidas. Será que

deixou também de admirar o general Pinochet? (Amarelas, 7 de novembro)

Antonio Carlos Salles
São Paulo, SP

Diogo Mainardi

O que sinto por Diogo é um misto de amor e ódio. Quando acabo de ler certas matérias suas, digo: ele é completamente louco! Na semana seguinte, corro logo para o artigo dele. Ao terminar, falo: ele é um louco completamente adorável. Continue assim, Diogo. Você é ímpar. Que venham os processos! (“O marquês guru”, 7 de novembro)

Igia Siminêa Aranha
Natal, RN

Claudio de Moura Castro

Artigo excepcional (7 de novembro), que as grandes figuras de todos os ramos de atividade deveriam ler. A ânsia de ser aplaudido não pode obliterar o dever de dizer a verdade, mesmo que dizê-la resulte em impopularidade. Quem fala aos outros como autoridade deve ser sempre fiel à verdade.

Ary Biolchini
Rio de Janeiro, RJ

Gustavo Franco

A informação constante em VEJA de que a produtividade na indústria cresceu cerca de 8% anuais na década de 90 precisaria ser mais divulgada, para impor maior objetividade aos comentaristas na mídia. Falta esclarecer ao público que a saúde dos “fundamentos”, entre os quais talvez se deva situar uma taxa de câmbio compatível com as relações de produtividade, também representa política industrial. Ou seja, esforço para o desenvolvimento. Oito por cento de taxa de “desenvolvimento da produtividade” anuais sem maus costumes é um belo resultado para induzir reformas de cultura (“Política industrial”, 7 de novembro).

Harald Hellmuth
hellmuth@uol.com.br

O LEITOR E AS JARARACAS

Da capital paulista, o leitor Antonio Bordignon comunica: “A foto identificada como a de uma jararaca-ilhoa (*Bothrops insularis*) em ‘A bioladroagem’ (24 de outubro) é, na verdade, de uma jararaca comum (*Bothrops jararaca*)”. O leitor está certo. A foto é mesmo da espécie comum. A diferença entre as duas está na pigmentação do couro, que é mais claro na ilhoa e mais rajado na comum. Segundo o Instituto Butantan, de São Paulo, a jararaca-ilhoa é rara, existe apenas na Ilha da Queimada Grande, no litoral sul paulista. O ve-

nenho da *Bothrops insularis* é mais potente que o das *Bothrops* do continente, como a jararaca, a caicaça e a urutu. A ilhoa habita um rochedo de granito a 35 quilômetros da costa do Estado de São Paulo, entre Itanhaém e Peruíbe. Bordignon, de 22 anos, é um conhecedor de serpentes. Autodidata, conta que gosta do tema e estuda as cobras desde os 8 anos de idade. O interesse vem dos tempos em que

seu pai o levava para passear no Butantan. Ele está montando um site sobre cobras, através do qual pretende defender os animais e difundir orientações sobre os cuidados que as pessoas devem ter para evitar acidentes. “Sei que muitas pessoas têm medo de cobra e é por

isso que me dedico a ensinar como se deve agir diante delas”, diz o jovem leitor.

Jararaca-ilhoa: mais clara



Cartas



"Silvio Santos consegue provar que é o maior gênio da televisão brasileira. Sucesso se faz com inteligência e simplicidade."

Ivan Jacuipense Mascarenhas Filho
Riachão do Jacuípe, BA

Televisão

Casa dos Artistas é fascinante tanto para o público quanto para qualquer psicoterapeuta. Silvio Santos acertou em cheio, pois nunca mais a TV brasileira será a mesma: trata-se de um divisor de águas. O programa expõe os participantes sem a costumeira aura de ídolos. VEJA tem razão: todos eles fazem gênero, mas é impossível representar 24 horas por dia ("Pelo buraco da fechadura", 21 de novembro).

Marcos Adriano Rodrigues da Silva
Olinda, PE

Um verdadeiro laboratório de experiências científicas sobre o comportamento humano. Cada cobaia exótica pode provar as teses de Freud ou de qualquer outro pesquisador do comportamento humano. Em minha tese, o que fica mais evidente entre os participantes é a busca do território pessoal. Nas situações mais corriqueiras do programa, a invasão do espaço pessoal de cada artista é sentida como algo desagradável.

Sergey Guimarães Albernaz
Goiânia, GO

Sugiro às redes concorrentes que criem a casa dos políticos, com alguns candidatos e presidenciáveis. Seria o fim da Casa dos Artistas, pois estes são muito ingênuos. Gostaria muito de ver o Lula fazer

macarronada com o FHC, a Roseana e o Serra.

Fausto Rodrigues Garcia
São José dos Campos, SP

Silvio Santos deve estar se sentindo um rei por estar ganhando, em ibope, até do *Fantástico*. Isso é ruim para o povo brasileiro, que, ingênuo, deixa de receber informações para acompanhar artistas retirados do fundo do baú e trancafiados em uma casa.

Ronan Rangel Bahia
Muriaé, MG

Casa dos Artistas é um exercício de tédio para quem o vê. O difícil é entender ibope tão alto. Quem vibra com o programa deve estar mais preso e enjaulado ao tédio e à alienação que aqueles que aparecem na telinha.

Jaime Luiz Leitão Rodrigues
Rio Claro, SP

Depois desse encontro de intelectuais, qual será a próxima turma?

Paulo Nogueira e Silva
São Paulo, SP

Carlos Ghosn

A entrevista com Carlos Ghosn (Amarelas, 21 de novembro) fornece uma pista definitiva a todo profissional que queira agregar ao currículo um diferencial de competitividade único e atendido com as necessidades da vida corporativa de hoje: o

gerenciamento intercultural. Educar a sensibilidade para lidar com diferentes culturas nacionais é um caminho acertado e fascinante para os candidatos às novas posições de comando da convivência globalizada.

Fernando Dourado Filho
aoredordomundo@uol.com.br

Os méritos de administrador revolucionário do executivo brasileiro Carlos Ghosn aplicados na multinacional japonesa Nissan nos levam a uma conclusão óbvia: solicitar seu pronto regresso ao Brasil, a fim de promover o ingresso deste país, carente de alguém tão habilitado, na categoria dos mais desenvolvidos do mundo. Hugo Lins B. Coelho

Recife, PE

Ótima a entrevista com o diretor da Nissan no Japão. Ele deu uma lição de como ser bem-sucedido. Devemos seguir nossa vida sem nos importar com o que os outros irão pensar; trabalhar e se envolver com diversas culturas, aprendendo com elas; não nos deixar levar por impulsos emocionais; aprender com os nossos próprios erros, admitindo-os e corrigindo-os.

Airan Abdalla Costa
Gravataí, RS

Gustavo Franco

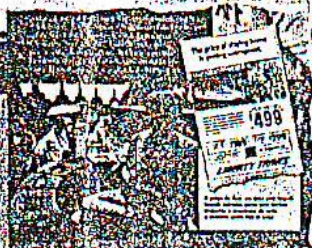
No artigo "Relações de trabalho flexíveis" (Em foco, 21 de novembro) há uma dicotomia entre as relações formais ("amparadas" pela CLT) e as informais (palavra que denota precariedade nas relações e "falta" de direitos). Creio que já passou da hora de haver uma pesquisa séria sobre a conformação do informal. Quantos trabalhadores viraram empresas, microempresas (os maiores salários), quantos foram para cooperativas, quantos permaneceram como autônomos e quantos são realmente informais. Quando tivermos esse levantamento, poderemos enxergar realmente o que acontece, redimensionar equitativamente a carga tributária, e o Estado poderá gerir somente o que deve gerir, e, se possível, direito.

Luiz Carlos Voidela
voidela@uol.com.br

A TERRA DO JAVANÊS

O leitor Paulo Cesar Vecchi, de Brasília (DF), alertou a redação de VEJA: "Uma das fotos publicadas na reportagem 'Promoção contra o medo' (7 de novembro) não é de Bali". Adriana Rigueira, de Niterói (RJ), informou: "A foto é de um dos maiores monumentos budistas do mundo, chamado Borobudur, uma atração da ilha de Java". Oswaldo de Carvalho Jr., de Belém (PA), completou a informação: "A legenda publicada registrou que a foto se refere a Bali, quando na verdade é do Templo de Boro-

budur, na cidade de Yogyakarta, localizada na ilha de Java, Indonésia". Por e-mail, Jacek Matuszak exemplificou: "Embora ambas as ilhas façam parte da Indonésia, elas são tão diferentes como o Amazonas e Minas Gerais". A Indonésia, no Sudeste Asiático, é o arquipélago mais extenso do planeta, com 17.000 ilhas. As belas ilhas de Bali e Java são muito procuradas por turistas. Em Ba-



li há boa hospedagem, praias, dos sonhos, da turma do surfe e receptivos hinduístas. Java, a terra do javanês, é bem povoada e fascinante, não só pelas dezenas de vulcões "adormecidos", como também pelo Templo de Borobudur, considerado patrimônio da humanidade. Hoje, o monumento é um centro de peregrinação de budistas e curiosos de todo o mundo.

Cartas



"Silvio Santos consegue provar que é o maior gênio da televisão brasileira. Sucesso se faz com inteligência e simplicidade."

Ivan Jacuipense Mascarenhas Filho
Riachão do Jacuípe, BA

Televisão

Casa dos Artistas é fascinante tanto para o público quanto para qualquer psicoterapeuta. Silvio Santos acertou em cheio, pois nunca mais a TV brasileira será a mesma: trata-se de um divisor de águas. O programa expõe os participantes sem a costureira aura de ídolos. VEJA tem razão: todos eles fazem gênero, mas é impossível representar 24 horas por dia ("Pelo buraco da fechadura", 21 de novembro).

Marcos Adriano Rodrigues da Silva
Olinda, PE

Um verdadeiro laboratório de experiências científicas sobre o comportamento humano. Cada cobaia exótica pode provar as teses de Freud ou de qualquer outro pesquisador do comportamento humano. Em minha tese, o que fica mais evidente entre os participantes é a busca do território pessoal. Nas situações mais corriqueiras do programa, a invasão do espaço pessoal de cada artista é sentida como algo desagradável.

Sergey Guimarães Albermaz
Goianã, GO

Sugiro às redes concorrentes que criem a casa dos políticos, com alguns candidáveis e presidenciais. Seria o fim da Casa dos Artistas, pois estes são muito ingênuos. Gostaria muito de ver o Lula fazer

macarronada com o FHC, a Roseana e o Serra.

Fausto Rodrigues Garcia
São José dos Campos, SP

Silvio Santos deve estar se sentindo um rei por estar ganhando, em ibope, até do *Fantástico*. Isso é ruim para o povo brasileiro, que, ingênuo, deixa de receber informações para acompanhar artistas retirados do fundo do baú e trancafiados em uma casa.

Ronan Rangel Bahia
Muriá, MG

Casa dos Artistas é um exercício de tédio para quem o vê. O difícil é entender ibope tão alto. Quem vibra com o programa deve estar mais preso e enjaulado ao tédio e à alienação que aqueles que aparecem na telinha.

Jaime Luiz Leitão Rodrigues
Rio Claro, SP

Depois desse encontro de intelectuais, qual será a próxima turma?

Paulo Nogueira e Silva
São Paulo, SP

Carlos Ghosn

A entrevista com Carlos Ghosn (Amarelas, 21 de novembro) fornece uma pista definitiva a todo profissional que queira agregar ao currículo um diferencial de competitividade único e antenado com as necessidades da vida corporativa de hoje: o

gerenciamento intercultural. Educar a sensibilidade para lidar com diferentes culturas nacionais é um caminho acertado e fascinante para os candidatos às novas posições de comando da convivência globalizada.

Fernando Dourado Filho
aoredordomundo@uol.com.br

Os méritos de administrador revolucionário do executivo brasileiro Carlos Ghosn aplicados na multinacional japonesa Nissan nos levam a uma conclusão óbvia: solicitar seu pronto regresso ao Brasil, a fim de promover o ingresso deste país, carente de alguém tão habilitado, na categoria dos mais desenvolvidos do mundo. **Hugo Lins B. Coelho**

Recife, PE

Ótima a entrevista com o diretor da Nissan no Japão. Ele deu uma lição de como ser bem-sucedido. Devemos seguir nossa vida sem nos importar com o que os outros irão pensar; trabalhar e se envolver com diversas culturas, aprendendo com elas; não nos deixar levar por impulsos emocionais; aprender com os nossos próprios erros, admitindo-os e corrigindo-os. **Airan Abdalla Costa**

Gravatá, RS

Gustavo Franco

No artigo "Relações de trabalho flexíveis" (Em foco, 21 de novembro) há uma dicotomia entre as relações formais ("amparadas" pela CLT) e as informais (palavra que denota precariedade nas relações e "falta" de direitos). Creio que já passou da hora de haver uma pesquisa séria sobre a conformação do informal. Quantos trabalhadores viraram empresas, microempresas (os maiores salários), quantos foram para cooperativas, quantos permaneceram como autônomos e quantos são realmente informais. Quando tivermos esse levantamento, poderemos enxergar realmente o que acontece, redimensionar equitativamente a carga tributária, e o Estado poderá gerir somente o que deve gerir, e se possível, direito. **Luiz Carlos Voldela**

voidela@uol.com.br

A TERRA DO JAVANÊS

O leitor Paulo Cesar Vecchi, de Brasília (DF), alertou a redação de VEJA: "Uma das fotos publicadas na reportagem 'Promoção contra o medo' (7 de novembro) não é de Bali". Adriana Rigueira, de Niterói (RJ), informou: "A foto é de um dos maiores monumentos budistas do mundo, chamado Borobudur, uma atração da ilha de Java". Oswaldo de Carvalho Jr., de Belém (PA), completou a informação: "A legenda publicada registrou que a foto se refere a Bali quando na verdade é do Templo de Borobudur, na cidade de Yogyakarta, localizada na ilha de Java, Indonésia". Por e-mail, Jacek Matuszak exemplificou: "Embora ambas as ilhas façam parte da Indonésia, elas são tão diferentes como o Amazonas e Minas Gerais". A Indonésia, no Sudeste Asiático, é o arquipélago mais extenso do planeta, com 17.000 ilhas. As belas ilhas de Bali e Java são muito procuradas por turistas. Em Bali,

há uma boa hospedagem, praias dos sonhos da turma do surfe e receptivos hinduístas. Java, a terra do javanês, é bem povoada e fascinante, não só pelas dezenas de vulcões adormecidos como também pelo Templo de Borobudur, considerado patrimônio da humanidade. Hoje, o monumento é um centro de peregrinação de budistas e curiosos de todo o mundo.



Ilha há boa hospedagem, praias dos sonhos da turma do surfe e receptivos hinduístas. Java, a terra do javanês, é bem povoada e fascinante, não só pelas dezenas de vulcões adormecidos como também pelo Templo de Borobudur, considerado patrimônio da humanidade. Hoje, o monumento é um centro de peregrinação de budistas e curiosos de todo o mundo.

Hoje, o monumento é um centro de peregrinação de budistas e curiosos de todo o mundo.

